

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 18 DE JUNHO DE 1972 - N.º 17775 ANO 52.º - PREÇO 1\$50



POEIRA TRAZ A FOME

Segundo cientistas do Instituto para os Estudos sobre o Meio Ambiente, da Universidade de Wisconsin, EUA, a poeira suspensa na atmosfera aumentou 19 vezes de 1963 até hoje. O aumento da poeira atmosférica tem um duplo efeito: impede que o calor do Sol atinja a superfície terrestre e que a poluição das grandes cidades industriais se disperse na atmosfera. A capacidade mundial de produzir alimentos está ameaçada, inclusive porque os modernos métodos de cultivo já começam a modificar o clima. («Vida Científica» na pág. 13)

O assassínio de Trotsky



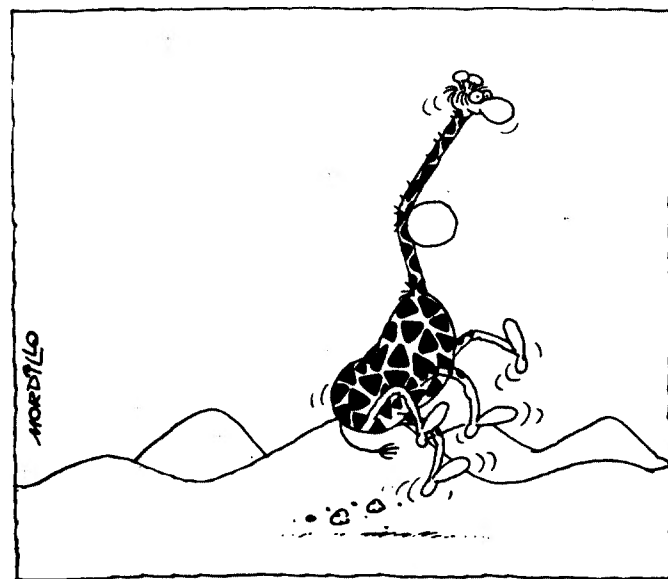
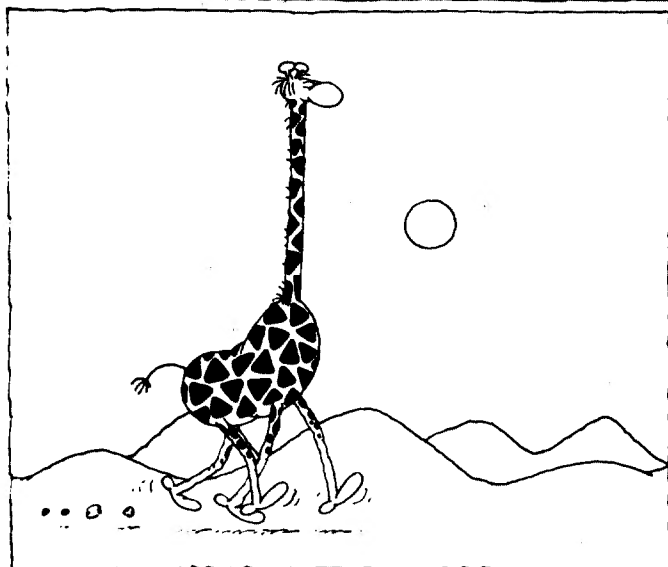
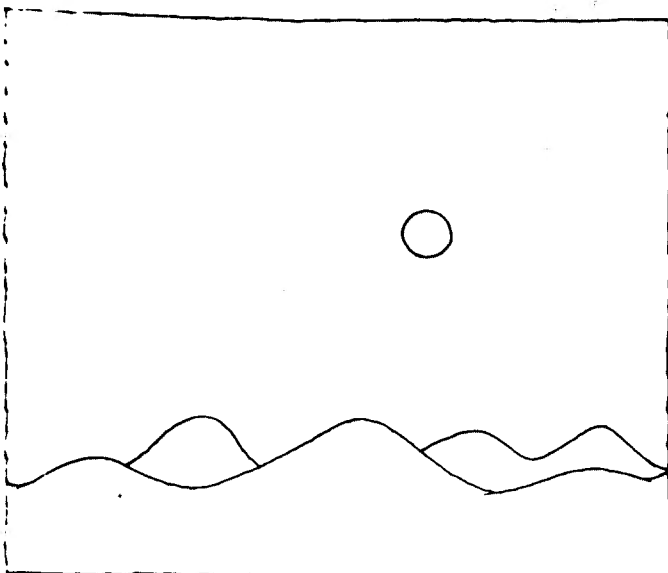
O último filme de Joseph Losey inclui uma sequência impressionante: o assassínio de Trotsky pelo misterioso Jakon, no México. Os intérpretes são, respectivamente, Richard Burton, numa criação exemplar, e Alain Delon. Nas páginas centrais o seu «DL/Dominical» apresenta a sequência quase completa, que consumiu mais de quinze dias de preparação e de filmagem e significou, para Burton, um perigoso ferimento na cabeça.

O ESTORIL JÁ TEM O SEU AUTÓDROMO



A partir de ontem o Estoril tem o seu Autódromo, que o chefe do Estado inaugurou oficialmente.

Mário Araújo Cabral, o piloto português de maior palmarés internacional, foi o primeiro vencedor no novo Autódromo impondo o seu BMW 3 litros sobre o Escort do dinamarquês Hoyer e o Alfa Romeo GTAM do espanhol Barrios.



MORDILLO

HOJE: 32 PÁGINAS

Outra novidade no seu «DL/Dominical»: o famoso cartoonista Mordillo, em rigoroso exclusivo Camera Press/ADS/DL. Acima, uma sequência com girafa. Na página 3, Mordillo oferece-nos mais demonstrações do seu sentido de humor e do seu espírito crítico.

EUSÉBIO E COMPANHIA NO RUMO DO MARACANÃ

DL/Desportos

DL/DOMINICAL

SETE DIAS NO MUNDO

A DEFESA DO MEIO AMBIENTE

Em Estocolmo, 114 nações conseguiram chegar a acordo para a aprovação de uma declaração final sobre a protecção do meio ambiente. A declaração, que será submetida à ratificação próxima da Assembleia Geral das Nações Unidas, demorou uma semana a ser redigida, devido à oposição de alguns estados ocidentais, chefiados pelos EUA, que consideraram não se dever meter a política no documento. A «política» contra a qual protestavam era a inclusão de uma condenação do uso das armas químicas e outras do mesmo género. Quem mais se bateu pela inclusão dessa condenação foi a China, no que foi apoiada pela Tanzânia e pela Argélia. Ficamos sem saber se foram aqueles três países os que quiseram meter a política na conferência ou se foram os outros que, por utilizarem tais armas, obrigaram a assembleia a tomar a decisão, sem dúvida política, de não mencionar uma praga que tem afectado muito mais alguns países do terceiro mundo do que os fumos das inexistentes siderurgias. Contudo, a conferência, mesmo contando com a ausência dos países socialistas europeus que se solidarizaram com a Alemanha Democrática, inexplicavelmente excluída, constituiu um passo importante no caminho de uma concatenação de esforços para se evitar este flagelo que nos obriga a respirar o irrespirável, a ouvir o ensurdecedor. Na verdade, como tem já sido múltiplas vezes afirmado, dificilmente se poderá antever um mundo em que a água dos rios e dos mares progressivamente vai deixando de nos fornecer os produtos que desde sempre têm constituído parte da nossa alimentação. Também devemos pensar na própria produção de oxigénio, por agora apenas fabricado pela natural fotossíntese das plantas verdes. Lembremos, por exemplo, que os EUA, devido ao seu elevadíssimo grau de industrialização, consomem muito mais oxigénio do que aquele que é produzido dentro da área do país. Mas também não se pode obrigar os países chamados subdesenvolvidos a permanecer na eterna dependência económica para que o mundo evite um pouco de poluição. Esses países, aliás, estiveram atentos à questão e conseguiram ultrapassar a política de o-que-está-está para que podia tender a conferência de Estocolmo. Recordemos, no entanto, a bacia do Amazonas, enorme pulmão do Planeta. Não irá o seu aproveitamento industrial comprometer irremediavelmente o equilíbrio ecológico em toda a Terra? São muitas as perguntas graves, as questões que terão de ser resolvidas depressa, antes que seja demasiado tarde. A natural e crescente preocupação com estas questões do meio ambiente corre o risco de vir a formar legiões de adeptos do «bom selvagem», do regresso às cavernas. Na verdade, não conta que, no Paleolítico, as indústrias humanas possuíam o ar. Quando muito o «operário» poderia ficar cego devido à imprevisível trajectória de uma esquirola do duro sílex a talhar. O que se impõe, e isso implica drásticas medidas de carácter político e social, é o domínio cada vez maior da natureza sem a estragar. Por natureza devemos entender tudo o que neste planeta existe. O ambiente só poderá ser verdadeiramente purificado quando as actividades humanas estiverem de facto ao serviço do homem.

SEGUNDA-FEIRA

— Revela a revista americana «Newsweek» que, em 1968, uma campanha das tropas americanas do delta do Mekong, a sul de Saigão, causara a morte de mais de cinco mil civis sul-vietnamitas. Notícias como esta vamos recebê-las ainda durante muitos anos. O massacre de My Lai só se tornou célebre porque foi levado a cabo cara-a-cara. Os homens do tenente Calley mataram olhando nos olhos as suas vítimas.

— Os ministros do Governo

chileno puseram as suas patas à disposição do presidente Salvador Allende para que este possa dar início a uma nova política económica. Pedro Vuskovic, o ministro da Economia, deverá sair do Governo. Vuskovic é um homem sem partido, considerado como um esquerdista muito radical.

TERÇA-FEIRA

— McGovern, o candidato democrático com melhor posição na corrida para a presidência americana, lançou um

repto ao presidente Nixon para que divulgue os nomes dos contribuintes para a sua campanha. Nixon já recolheu 10 milhões de dólares, quase tudo antes da entrada em vigor de uma lei que obriga à divulgação dos nomes dos contribuintes. «De onde vem o dinheiro de Nixon?» — foi a pergunta de McGovern, o primeiro a divulgar as listas dos seus adeptos que entraram com dinheiro para a campanha. Uma resposta positiva da parte de Nixon ao repto do candidato da paz, teria o maior interesse. Mas as conclusões que se poderiam tirar dessa lista ainda secreta acabaram por se mostrar impeditivas da sua publicação.

QUARTA-FEIRA

— O conselheiro do presidente Nixon, dr. Henry Kissinger, vai fazer a sua quarta via-

gem a Pequim em menos de um ano. O íntimo colaborador do presidente tratará com os dirigentes chineses a questão vietnamita e as relações entre os dois países. Não se esperam decisões espectaculares motivadas pela visita. Deve, no entanto, esperar-se que Kissin-

A. VILLAVEDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

ger informe Chu En-Lai do que se passou na «cimeira» de Moscovo.

— O Governo de Heath passou por mais um mau bocado. O acordo com os ferroviários constitui uma derrota política do Governo inglês que exerceu o máximo de pressões no sentido de que o aumento não superasse os nove por cento preconizados na sua política anti-inflacionista. O aumento obteve de 14 por cento.

QUINTA-FEIRA

— Após a visita de Andrei Gromyko, o ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, a Paris, foi anunciado que as consultas preliminares para a Conferência de Segurança e Cooperação Europeia devem ter início dentro em breve na capital finlandesa. Essa conferência, quando e se se realizar, constituirá um marco histórico nas relações entre os países europeus e, consequentemente,

te, no mundo. Não se trata de um mero exercício diplomático, embora a «detente» seja um dos objectivos fundamentais. As consequências de uma tal conferência far-se-ão sentir durante muito tempo. A paz e a cooperação obrigam a um rever de muitos princípios por que se têm orientado os diversos países europeus e não só.

— Pompidou recebeu o vice-presidente do Iraque, Saddam Hussein. Tratou-se da posição francesa face à nacionalização da IPC.

SEXTA-FEIRA

— Bombardeiros americanos destruíram a maior barragem do Vietname do Norte. As consequências da destruição são travissimas como se pode calcular. Além de fornecer energia eléctrica, a barragem constituía também um importante elemento no sistema de regularização daquele rio. Este ataque americano só pode ser compreendido como fazendo parte de uma tentativa de obrigar Hanói a dobrar o joelho através da sistemática destruição do país. Nixon quer deixar o Vietname antes das eleições. Para isso utiliza todos os processos. Mais tarde eles poderão ser devidamente apreciados.

— Os rabinos ortodoxos de Israel atribuíram as culpas das dificuldades e vicissitudes por que o país passa às mini-saías que proliferam. Assim, decretou que as mulheres israelitas usem saías que desçam dez centímetros abaixo do joelho, para que, mesmo sentadas, as súbditas de Golda Meir não mostrem a articulação da perna.

SÁBADO

— A Federação Internacional das Associações dos Pilotos de Linha decretou uma greve de 24 horas para o dia 19, como protesto contra a ausência de suficientes medidas contra o desvio de aviões. Os EUA pediram imediatamente a reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas para tratar dos desvios de aviões. É um caso muito dos nossos dias. Já não é só a política que leva aos desvios. A maior parte deles faz-se agora apenas por dinheiro.

— Victor Louis, o célebre jornalista soviético, escreveu que a visita de Podgorny a Hanói podia ser o prenúncio de um cessar fogo na Indochina que permitiria o recomeço das negociações.



Protesta contra a conferência sobre o meio ambiente em Estocolmo



Kissinger em Tóquio admira um Buda

Marsans

FÉRIAS viagens com apolo

Partidas de Lisboa

8/15 dias de estadia

• TORREMOLINOS

Preço, desde 2230\$00

• PALMA DE MAIORCA

Preço, desde 3 090\$00

• LONDRES

Preço, desde 3 350\$00

Informações e Reserva,

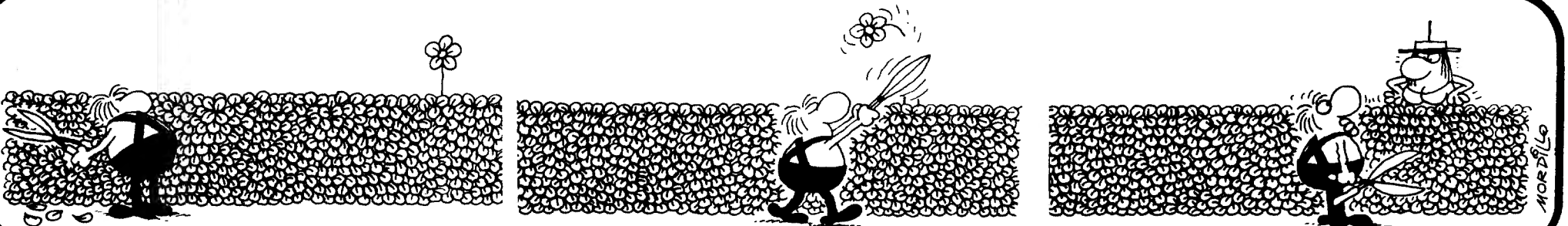
Av. da Liberdade, 72-A

Telefone, 35505 - 323142

Marsans

beba ÁGUA DE LUSO
viva a natureza!

Mordillo



DL/DOMINICAL

AUTOMOBILISMO

AUTÓDROMO-REALIDADE A PARTIR DE ONTEM

O velho sonho de todos os automobilistas desde há alguns anos transformou-se em realidade. A partir de ontem o Estoril tem um Autódromo, que foi oficialmente inaugurado pelo Chefe do Estado. Na véspera haviam-se realizado os primeiros treinos que puseram os pilotos em contacto com a nova pista. Ontem realizou-se a primeira das corridas programadas, que proporcionou a vitória a um piloto português — Mário de Araújo Cabral — justamente o de maior renome internacional.

Acompanhado de diversas individualidades do Chefe do Estado chegou às 15.20 ao Autódromo onde foi recebido pelo presidente do Conselho de Administração da Matur, sra. D. Fernanda Pires da Silva. Seguidamente à entrada para as tribunas foi descerada uma lápida comemorativa e a sra. D. Fernanda Pires da Silva proferiu algumas palavras alusivas ao acontecimento. Salientou que o Autódromo foi criado para «desenvolver o espírito do automobilismo em Portugal. Foi e é nosso desejo sincero que nele os desportistas possam cultivar as virtudes dos verdadeiros atletas que congregam os homens, eliminando as

barreiras de todas as ordens. Mas, também é nossa aspiração incentivar a introdução de uma política de aprendizagem de técnicas de condução automóvel, extensivas ao grande público».

Acompanhada pelo dr. Mário Madeira, presidente do Automóvel Clube de Portugal, e pela sra. D. Fernanda Pires da Silva, o Chefe do Estado percorreu toda a pista no seu automóvel, antes de iniciar-se a corrida de Grupo 2 que abria o programa da tarde. A segunda corrida, destinada aos Fórmula Ford e Fórmula V, que alinharam conjuntamente.

O primeiro despiste ocorrido no Autódromo do Estoril deu-se no decorrer dos treinos reservados aos carros de Grupo 1 e teve como interveniente Jorge Ribeiro de Sousa (Alfa Romeo 2000 GTV), precisamente o piloto que ontem tinha obtido o melhor tempo neste agrupamento.

— A entrada de uma curva, explicou-nos, saltou-me o controle de segurança, o que originou o despiste. O carro capotou e dei várias voltas sem cinto.

Jorge Ribeiro de Sousa, que apenas sofreu ligeiros ferimen-

tos num braço, espera hoje poder alinhar-se por possível efectuar a tempo a reparação da viatura.

Ontem à tarde efectuaram-se ainda duas sessões de treino para a Fórmula 3, que na véspera não tinham sido autorizados a treinar conforme pretendiam.

O público compareceu ontem em número bastante elevado e uma das bancadas estava completamente cheia. Quanto aos acessos foram muito mais fáceis do que se previa.

No capítulo de organização... a desorganização é completa, ainda que por todo o lado se notem boas vontades e muito esforço para fazer as coisas. Mas os leitores acham que apenas com «boa vontade» eram capazes de conduzir depressa, um Fórmula 1? Há uma falta de coordenação geral e os responsáveis devem quanto antes fazer o ponto da situação antes que as coisas se agravem. Técnica-mente as falhas surgem a todo o momento tal como noutros aspectos. E algumas foram de tal ordem que não podem repetir-se. A única preocupação parece ser apenas em relação às pessoas nas «boxes» como se aí

Por
AUGUSTO
VILELA

estivesse o segredo de uma boa organização. Serviço de Imprensa é coisa que não existe. Basta dizer que às 20.30 ainda não havia classificações oficiais. A do Grupo 2 tinha saído mas... errada. Apesar de tudo havia, segundo me informaram, um computador a trabalhar nisto. Será que a amenidade do nosso clima também afecta a eficiência dos computadores? Certamente que não. O que eles não trabalham é sózinhos. Além de necessitarem que lhes forneçam dados correctos.

A última parte do programa de ontem à tarde era constituída pelos últimos treinos de Fórmula 3 e Grupos 3, 4 e 5. A nota mais saliente foi a actuação de Ernesto Neves que correndo pela primeira vez em Fórmula 3 conseguiu o 4.º tempo. Os melhores tempos foram os seguintes: Serpaggi (1.01.96) Leclerc (1.02.58), Rousselot (1.03.35), Ernesto Neves (1.03.74), Manfred Mohr (1.03.78), Beguin (1.04.21) e Makintosh (1.04.21).



Chegada do Chefe do Estado ao Autódromo do Estoril a cuja inauguração presidiu.

FÓRMULA FORD E V

VITÓRIA DIFÍCIL DO HOLANDÊS WUDERINK

A Fórmula Ford e Fórmula V, devido ao número restrito de carros, fizeram a corrida em conjunto. Ao todo tomaram lugar na grelha de partida 25 carros. Nas duas primeiras linhas o holandês Wuderink (1.09.17), o português Ernesto Neves (1.09.35), o americano Sullivan (1.09.37) e os ingleses Chris Smith (1.09.75) e Mike Catlow (1.10.28), este último já conhecido do público português por ter corrido no ano passado em Vila Real e em Montes Claros. De salientar a presença da Fórmula V do austríaco Walter Raus na terceira linha, com 1.10.32, tempo superior a muitas das Fórmulas Ford.

Baixada a bandeira para a partida Sullivan e Wuderink saíram à frente. Ernesto Neves, um pouco lento a arrancar deixou que os dois se distanciassem ligeiramente. Completada uma volta Wuderink comandava a prova seguido muito de perto por Sullivan, Chris Smith, Mike Catlow e Ernesto Neves. Logo na primeira volta Carlos Azevedo atravessou-se numa curva do S provocando a colisão de Portela de Moraes e Robert Gianone, o primeiro dos quais foi obrigado a desistir.

— Isto aconteceu nas curvas do «S», disse-nos Portela de Moraes, Vinha atrás do Artur Passanha e quando ia a ultrapassá-lo deparei com o Carlos Azevedo parado no meio da pista. Julgo que havia óleo ou qualquer coisa parecida.

A luta para o primeiro lugar desenrolou-se praticamente entre o holandês Wuderink e o americano Sullivan, que se mostraram mais rápidos que todos os outros.

Ernesto Neves e Mike Catlow travaram um certo despique mas as coisas saíram a favor do inglês.

— «Andei o que podia, disse-nos Ernesto Neves. Foi talvez a minha melhor corrida de Fórmula Ford. Foi bastante emotiva. Nunca andei atravessado. Andar depressa não é andar de lado. Tenho que fazer um campeonato».

Os ingleses... correm à inglesa. Sempre a cobrir. Os carros deles andam um pouquinho mais do que o meu. Este andamento pode até ser apenas uma questão de truke ou qualquer coisa parecido.

A prova valeu pela luta travada entre os cinco ou seis primeiros.

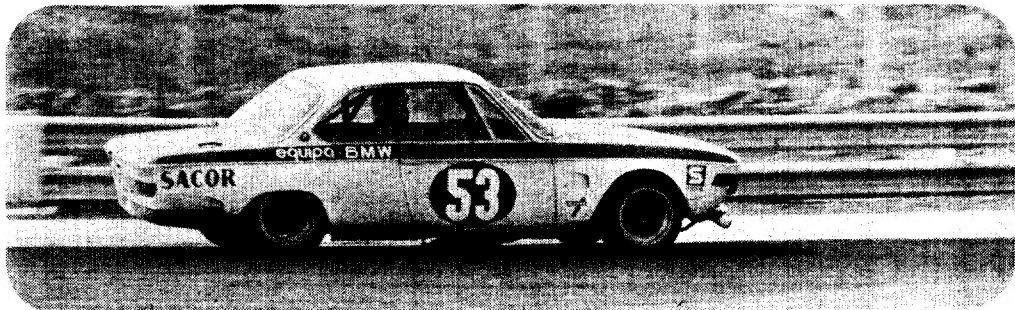
O afastamento de Carlos Azevedo e Portela de Moraes tirou interesse à luta que se esperava pudesse existir para definição dos lugares secundários.

Classificação.

- 1.º Wuderink, 30 voltas, 34 m 56,82;
- 2.º Sullivan, 30 voltas, 35 m 04,05;
- 3.º Mike Catlow, 30 voltas, 35 m 04,41;
- 4.º Ernesto Neves, 30 voltas, 35 m 05,90;
- 5.º Chris Smith, 30 voltas, 35 m 07,02;



O holandês Wuderink vencedor da corrida de Fórmula Ford e Fórmula V.



GRUPO 2

Araújo Cabral, isolado no comando da corrida de Grupo 2

Araújo Cabral BMW primeiro vencedor

Para a corrida do Grupo 2, que abria o programa alinharam 18 concorrentes. A última hora apareceu o espanhol Alberto Ruiz Gimenez (Capri RS) cujo automóvel havia ficado na fronteira de IRUN durante três dias e só saiu mediante uma caução de 9000 dólares. Como não efectuou os treinos, Alberto Ruiz Gimenez, que era um dos favoritos desta prova alinhou na última posição da grelha de partida.

Nas primeiras linhas alinharam: Mário Araújo Cabral em BMW 3 litros (1m 11.369), Erik Hoyer, em Ford Escort BDA (1 m. 11.42), Rafael Barrios, em Alfa Romeo GTAM (1m 13.37), Jaime Figueiroa em Capri RS (1.14.67), José Maria Salcedo, em Escort RS 1600 (1.16.60) e Mário Gonçalves, em Austin 1275 GT (1.18.84. Logo na partida Erik Hoya colocou-se à frente seguido de Araújo Cabral e Rafael Barrios, enquanto Alberto Ruiz Gimenez ficava na grelha de partida com o carro agado, perdendo quase meia volta.

A diferença entre Araújo Cabral e Hoyer era de cerca de 3 segundos mas de volta para volta Cabral ganhava terreno e a meio da prova estava já cola-

do ao dinamarquês que lhe dificultou a ultrapassagem por diversas vezes. Gimenez recuperava tempo mas perdia em relação aos dois primeiros. A partir da 20.ª volta esperava-se a todo o momento que Araújo Cabral ultrapassasse o dinamarquês Hoyer. Os dois seguiam colados. A 31.ª volta Hoyer apercebeu-se de que estava a desparar-se a 180 km/h. Hoyer ficou parado mais à frente devido ao toque e abandonou também. Dai até ao fim Mário Araújo Cabral não teve mais dificuldades. Visto que os restantes competidores não se mostraram capazes de resistir ao seu andamento. Excelente prova do piloto português que estamos convencidos acabaria por vencer mesmo sem o abandono de Erik Hoyer. Este, embora Araújo Cabral não se tivesse queixado fez uma condução algumas vezes pouco limpa e segundo Rafael Barrios foi o responsável pelo seu despiste. Apesar da velocidade elevada com que saiu da pista Barrios não sofreu qualquer ferimento.

Esta corrida foi no entanto bastante emotiva e só foi pena não chegar a estabelecer-se a luta directa entre o Capri RS

e o BMW 3 L de Mário Araújo Cabral. Impressionante no entanto o andamento dos Escort.

CLASSIFICAÇÃO FINAL

- 1.º Araújo Cabral (BMW), 40 voltas, 47 m 37,86 seg., média de 148, 239 km/h.
 - 2.º Ruiz Gimenez (Capri RS), 40 voltas 48 m 18,77;
 - 3.º Mesia Figueiroa (Capri RS), 39 v;
 - 4.º José Salcedo (Escort) 38 v;
 - 5.º Mário de Figueiredo (BMW), 36 v;
 - 6.º Gomes Pereira (Opel), 34;
 - 7.º «Fipó» (Austin Cooper S), 34 v;
 - 8.º «Cinoco» (A. Cooper), 34 v;
 - 9.º Luis Netto (Fiat 128), 32 v;
 - 10.º Camilo Vasconcelos (BLMC), 31v;
 - 11.º Jorge Regado Liz (Morris) 31;
 - 12.º Mário Gonçalves (Austin 1275), 29 v;
 - 13.º Silva Pereira (Capri), 29 v;
 - 14.º António Silva (A. Cooper), 28v.
- A volta mais rápida (19.ª) pertenceu a Mário Araújo Cabral com 152,743 km/h.

- 6.º Santos Mendonça, 29 voltas;
- 7.º Artur Passanha, 28 voltas;
- 8.º Robert Gianone, 25 voltas;
- 9.º Jaime Cabrita, 23 voltas.

FÓRMULA V

- 1.º Walter Raus, 29 voltas, 35 m 17,51;
- 2.º Heinz Machon, 29 voltas, 35 m 44,73;
- 3.º Ernesto Ota, 26 voltas;
- 4.º Miguel Lacerda, 26 voltas;
- 5.º Costa Félix, 26 voltas;
- 6.º José Peixoto, 26 voltas;
- 7.º Lumaro, 25 voltas.

A média geral do vencedor foi de 151,53 m/h. A volta mais rápida pertenceu a Chris Smith, á média de 155,959 km/h.

A OPINIÃO DOS VENCEDORES

Mário Araújo Cabral fez uma excelente prova e soube de maneira calculista levar o seu BMW á vitória. No entanto as coisas não foram nada fáceis.

— Se o dinamarquês não abandonasse a vitória se ria muito mais difícil. Dei sempre tudo o que podia.

— Mas não tinha ainda uma reserva para utilizar caso Hoyer andasse até ao fim?

— Reserva talvez não tivesse mas ia discutir qualquer coisa para cer se o passava. Travar mais tarde nas últimas voltas.

Por sua vez Wuderink, vencedor da corrida de Fórmula Ford e Fórmula V disse-nos:

— Foi muito difícil especialmente o começo. Os ingleses e os portugueses são muito bons.

Wuderink, que tem 23 anos, correu pela primeira vez em Portugal. E um dos mais prometedores pilotos de Fórmula Ford. Achou a pista bastante rápida e não teve problemas de maior.

DL/DOMINICAL

TEATRO E CINEMA NO MUNDO

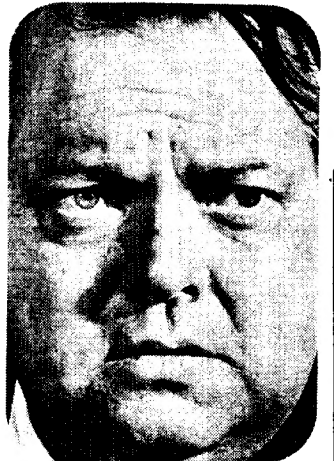
Trintignant, "Homem morto"



Trintignant



Stephanie Audran



Orson Welles

James Garner foi o actor escolhido para desempenhar o principal papel na película intitulada «Eles só matam os seus chefes», um filme que será dirigido pelo célebre James Goldstone. É tudo, o que se sabe, para já, sobre o filme, que tem a assinatura de Lane Slate no argumento.

Entretanto, Jean-Louis Trintignant está nos Estados Unidos. Vai participar, como figura principal, no filme de Jacques Deray, «Um Homem Morto». Este filme, aliás, está bem recheado de grandes nomes do cinema, desde Edward G. Robinson a Ann Margaret, passando por Karl Malden e Roy Scheider.

WELLES

Orson Welles, actor de primeira ordem e realizador credenciado, prepara-se para mais um empreendimento de monta. Trata-se de «passar» para a tela uma obra de Ramon del Valle Inclan, precisamente as «Palavras Divinas». Os trabalhos de câmara ainda não tiveram ordens de início, mas, segundo se prevê, as filmagens começarão muito em breve e decorrerão na Galiza. O filme, no qual os observadores depositam grandes esperanças, tem Orson Welles, ele próprio, como um dos principais intérpretes.

BUÑUEL

«O Doce Encanto da Burguesia» é o título do filme de Luis Buñuel: uma comédia satírica cujo título é, por si só, elucidativo. Depois de grandes hesitações e de uma procura enorme, Buñuel escolheu, em definitivo, quais os artistas que interpretarão os principais papéis. São eles: Stephanie Audran, esposa de Claude Chabrol, Jean Pierre Cassel, Paul Frankeur e Delphine Seyrig.

TEATRO

Paris verá, no próximo mês de Novembro, subir à cena, no «Theatre de Paris», a peça de Zuckwayer, «O Capitão de Kopenick». É, desde já, grande a expectativa que rodeia a estreia, ainda longínqua, da peça, pois os nomes que a ela estão ligados são considerados pela crítica como muito importantes, por isso ou por aquilo. Aqui vão eles: Thierry Maulnier, na adaptação; Jacques Fabri, na encenação e, nos principais papéis, Curd Jurgens, Claude D'Yd e William Sabatier.

SINATRA

Frank Sinatra, ainda procurado por uma comissão do Congresso Norte-Americano encarregada de estudar o crime, voltou a desaparecer, tão misteriosamente como no princípio do mês. O cançonetista partiu do aeroporto de Luton, perto de Londres, num jacto fretado sob um nome suposto, recusando-se o pessoal do aeródromo a dizer qual o destino do aparelho. Sinatra estivera na capital britânica a efectuar conversações acerca da sua possível participação no filme musical «O Príncipezinho», baseado na obra de Saint-Exupéry.

—COMO ERA DE ESPERAR:

ESTA É A SUPER-REVISTA DE 1972!

HOJE: 1.ª «MATINÉE»

ÀS 16 HORAS

A NOITE — 2 SESSÕES

ÀS 20.45 E 23 HORAS

TEATRO MONUMENTAL

VASCO MORGADO APRESENTA

RAUL SOLNADO

P'RA FRENTE LISBOA!

FLORBELA QUEIRÓS

IRENE ISIDRO · JOSÉ DE CASTRO

LINDA SILVA

BEATRIZ DA CONCEIÇÃO

JULIO CÉSAR · VÍCTOR MANUEL

FERNANDA FRANCO · MARIA · VÍCTOR HUGO

Marília Gama · Fernanda Pinto · Lia Sara Graça Braz

Adelaide Susana · Mally Gusmão · Mina Tavares · Diana Glenn

António Évora · Orlando

PICCADILLY STARS BALLET

ENCENAÇÃO E DIRECÇÃO: CÉSAR DE OLIVEIRA
DIRECÇÃO DE MONTAGEM E FIGURINOS: PINTO DE CAMPOS
DIRECÇÃO COREOGRÁFICA: ANTÓNIO BARDIS
DIRECÇÃO MUSICAL: JOÃO VASCONCELOS
CENOGRAFIA: JOSÉ MANUEL E VÍCTOR REBOCHO

★ BILHETES À VENDA
PARA TODA A SEMANA



ILUMINAÇÃO
INCANDESCENTE

PARA
CASAS
DE
BANHO



J.F.

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.ª

TEL. 654165 * LISBOA

NATIONAL

4 CANAIS STEREO

sinta-se envolvido pela a orquestra,
e... "veja o som" !!!

oíça QUADRIFONIA NATIONAL

no stand da F.I.L.



JORNAL DOS ESPECTÁCULOS



Este ar de enterro

Lisboa perdeu o pio, não há dúvida. Quais santos populares! Isso era dantes. Comunicabilidade popular? Uma treta! Nunca fomos, é verdade, dados a grandes expansões. Sempre tivemos este pendor lisboeta para a melancolia, a cara séria, o pé atrás. Agora, porém, estamos a atingir o paroxismo do tédio. É ver o que vai por esses muitos arraiais espalhados pela cidade: as pessoas passeiam por ali como se fossem num enterro e a única alegria é a (falsa) dos que beberam uns copos além da conta. A Câmara achou por bem matar as marchas na Avenida. Criavam rivalidades inúteis entre os bairros, questões, aborrecimentos. Matou-se o mal pela raiz: acabaram. Para as substituir, um festival folclórico (com entradas pagas) na Praça do Império. Os Sargaceiros da Apúlia, os não sei quantos de não sei donde, etc. Tudo coisas, como se vê, muito lisboetas, para aplaudir de gravata e colarinho engomado, do alto das tribunas. Para perdermos o ar de enterro, vamos todos ao S. João do Porto?

TORQUATO DA LUZ

Dois «Quixotes» de uma vez

Queimado nas fogueiras da Inquisição, sem pompas, nem missas de sufrágio, António José da Silva foi, ao lado de Gil Vicente, um dos mais importantes dramaturgos na história «acanhada» do teatro português. As suas peças, impregnadas dum sabor verdadeiramente popular que lhes vem da linguagem simples e do recorte ora caricatural ora grave da maioria dos personagens, uma vez postas no «index», deixaram de ser vistas pelas grandes camadas populares a quem se dirigiam.

Foram necessários dois séculos para que a gente de teatro (encenadores, actores e teatrológicos) vencendo o «anátema» lançado sobre o Judeu, voltassem a interessar-se pela sua obra, quer montando-a sobre as tábuas dum palco, quer dissecando-lhe as formas e os símbolos. Há mais de duzentos anos António José da Silva pagou com a vida o arrojo da sua simplicidade. Em 1972, com subsídios ou sem eles, algumas pessoas de teatro pretendem demonstrar, de forma inequívoca, a perenidade e a força da sua linguagem. Há, porém, formas distintas de consegui-lo: enquanto uns pretendem esvaziar as suas personagens do gozo imediato e do riso que podem desencadear, propondo-nos na sua abordagem uma leitura

predominantemente política, outros contentam-se com a movimentação das peças do jogo, não pretendendo com isso senão aflorar, de forma um tanto aleatória, certos conflitos que marcam o nosso quotidiano. Assim, a primeira jogada partiu de Joaquim Benite, que em Campolide desmontou o texto do «Judeu», localizando alguns dos seus aspectos essenciais numa realidade política e social determinada. A segunda é da responsabilidade de Herlander Peyroteo que, apoiado num subsídio da Casa da Comédia e no engenho plástico de João Vieira, não conseguiu, segundo cremos, ultrapassar, pelo menos de forma visível, os limites da alegria de arraial. De resto, se o conseguir em todos os locais onde montar o seu espectáculo, já será um mérito da sua parte. A diferença que separa as duas experiências é simples: enquanto Peyroteo aposta na cor e no ritmo, Benite joga na força dos símbolos e na possibilidade que temos de ler, politicamente, um autor queimado pela «Inquisição».

JOSÉ JORGE LETRIA

Espectáculo é comunhão

Uns são espectáculos anunciados como tal. Outros são apenas factos que têm a sua face de espectáculo. Este é capaz de ser um misto.

Quem habitualmente passa pelos Restauradores sabe perfeitamente que ali a população é flutuante, gente (passando) apressadamente, ou turistas que, de máquina a tiracolo, com mais não ficam daquela zona que uma vaga noção de monumentos e barulho.

Na quinta-feira à tarde, exactamente na hora de mais estrondo, agora aumentado pelas escavadoras da construção do parque subterrâneo, uma pequena população passou de nómada a sedentária, pelo menos por alguns momentos. Dentro dessa massa de gente, sentados, homens da Marinha tocavam, meticolosamente.

A gente ou batia o pé, ou sentia a música com os dedos tamborilando na pasta. De qualquer modo era gente que estava ali porque gosta, e era capaz de se manter indiferente ao ruído quase infernal.

Os músicos, no fim de cada número, viravam-se para a assistência e agradeciam as palmas. Até que por fim, acabou o concerto, as pessoas debandaram e a praça ficou muito mais pobre.

Moral da história: com concertos também se reúne gente. E com desfile de «misses». E com teatro, revista, cinema. No fundo o espectáculo é um instrumento de comunhão.

ROGÉRIO VIDIGAL



Florbela é excelente até no «tricot»

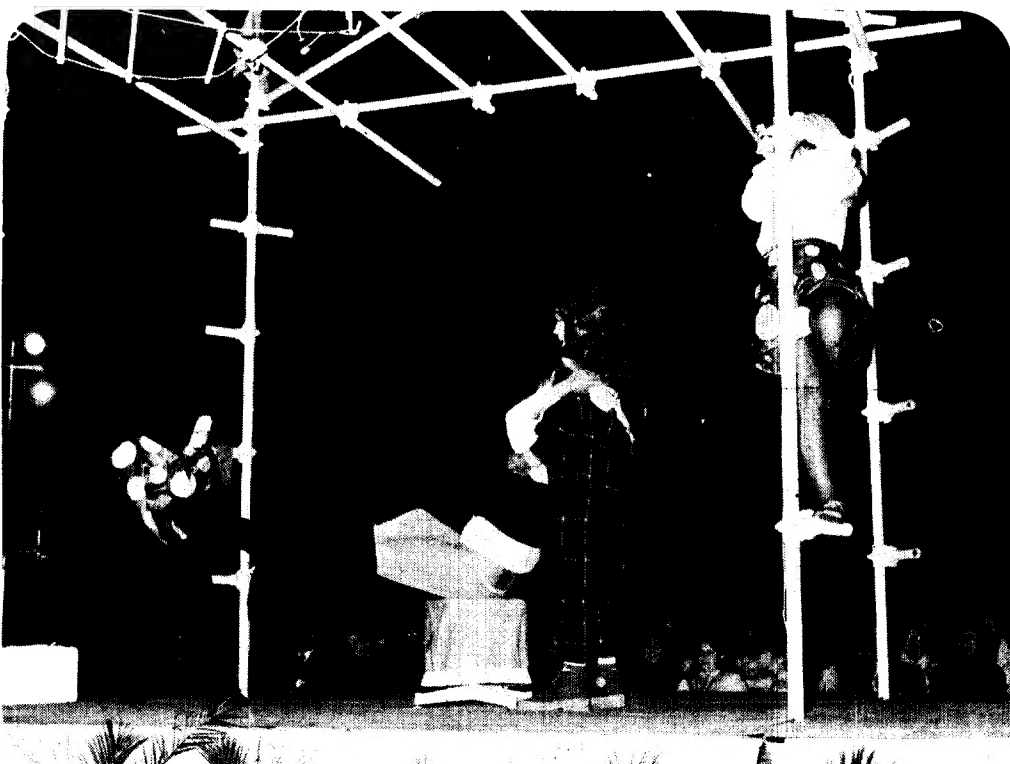
A IMPORTÂNCIA DA VITELA

Parece evidente, lidos os autos, que o colóquio sobre teatro no Fundão não foi dos mais estimulantes. Das afirmações feitas, re cortei três. Uma de Rogério Paulo sublinhando: **O que é dramaticamente corruptor na minha profissão é que as pessoas vivem tanto melhor quanto pior fazem.** A avaliar pelo trabalho de Rogério Paulo em «Calígula», dir-se-ia que ele já está completamente corrompido. Outra, de José Saramago, perguntando o que é que os actores poderiam fazer **contra o empresário**, a fim de impôr um determinado tipo de peças. E outra ainda, de Miguel Franco, lembrando que o teatro tem sido muito literatizado e perguntando por que não se aproveita, como fonte de temas, o caso do dia, o acontecimento que vem no jornal. **Há sempre — disse — uma tendência para correr às fontes literárias para a prática do teatro.** Enfim, disseram-se coisas, fizeram-se perguntas que ficaram sem resposta e houve um espectador, António Macedo, estudante universitário, cantor, compositor e poeta, que se levantou a certa altura na plateia e lamentou ter ido ali perder o seu tempo, pois os coloquiantes estavam a pôr problemas que todos sabiam existir e não eram capazes de sair do mesmo sítio, como se andassem atrás da própria cauda. Como se vê, há sempre um Sancho Pansa para lembrar aos quixotes (chamemos-lhe assim) que um moinho é um moinho é um moinho é um moinho.

E especula-se muito sobre alguns factos, mas quase sempre partindo-se de premissas erradas, como a de supor-se que o empresário é o Mal, o inimigo a suprimir para que as cem flores vicejem. Sei de um empresário (e nem vale a pena citar o seu nome, não vão dizer que estou aqui em campanha promocional) que tem proporcionado inúmeras oportunidades a encenadores, actores e actores. Fornece os recursos, dá toda a liberdade de criação, corre os riscos com a esperança de apresentar espectáculos de qualidade. Os resultados têm sido quase sempre desastrosos. Por outro lado, para citar agora o caso de uma organização, a de Luzia Martins e Helena Félix, que sempre mereceu o estímulo das camadas que bebem do fino, eu gostaria que a primeira viesse a público revelar quanto lhe tem custado a exploração do Teatro/Estúdio Vasco Santana. No Fundão, Rogério Paulo disse que, para os actores se emanciparem do sistema, lhes falta sempre **uma certa quantia** à partida. Acho que Helena Félix, se tivesse tomado parte no colóquio, poderia falar da coragem

que teve para empenhar parte substancial dos seus recursos financeiros pessoais num empreendimento cultural cuja orientação pode ser discutível, mas que representa esforço meritório num País onde se fala muito e se age pouco. Luzia e Helena agiram, acreditaram num projecto, dedicaram-se-lhe de corpo e alma. Quem lhes agradece? Pelo que leio do colóquio, nem sequer foram citadas. Aliás, uma actriz, Dalila Rocha, dizia outro dia a um jornal literário: **Mas por que é que a gente está para aqui a falar de teatro? Vocês reparem bem, o teatro acaba por não ter qualquer peso na vida portuguesa. É uma coisa que se faz entre o Saldanha e o Parque Mayer. Ou lá em cima na travessa do Passos Manuel. Vocês vão bater-me mas é possível que a única companhia portuguesa que realmente tem uma importância no País seja a do Rafael de Oliveira, que lá pela província, com um repertório ultrapassado, limitado, talvez sei lá que mais, faz realmente teatro em muitos sítios e um teatro que aquelas pessoas, que se calhar não sabem o que é um limite, compreendem e gostam. Com todas as limitações que se lhe possa apontar, é aí que eu vejo um ponto de partida para a divulgação sistemática do teatro para um povo que não se confina ao Saldanha e à travessa de Passos Manuel. De resto, não há só duas ruas em Portugal... Fala-se muito no que nelas acontece e enchem-se páginas talvez porque seja mais fácil e não levante muitos problemas, ou porque não se sabe ou não se pode falar de outras coisas. Mas eu digo-lhe, preferia ler coisas sobre o preço da vitela do que sobre «este» teatro. Por muito que vocês queiram, e por muito que se fale «disso», o que é o teatro em Lisboa? Uma jangada podre a andar por cima de um mar de lama. Sem ninguém saber onde é que estão as boias. Sem ninguém saber onde é que estão os balões de oxigénio. Quer saber de uma coisa Dalila? Os balões de oxigénio estão no talento criador de cada um. Você tem talento? Abandone as comodidades da vida urbana e meta-se por aí fora, como o Rafael de Oliveira, a levar recreio ao povo. Entretanto, espero que não se escandalize muito se eu lhe disser que vou hoje ver a Florbela, o Solnado, a Irene e o José de Castro ao Saldanha. Eles estão numa revista do César de Oliveira e seus parceiros e não deixarão, certamente, de falar do preço da vitela e de outros importantes assuntos.**

ARMINDO BLANCO



O «Quixote» de Peyroteo: cor e ritmo

“TRINITÁ”, 20 SEMANAS EM LISBOA. VOCÊ JÁ VIU?

DL/DOMINICAL

DL/SHOW

Deolinda Rodrigues deixou a «Fragata Real» e voltou a cantar no «Casebre». Por agora, a artista suspendeu os seus planos de ir residir no Canadá.

Terminaram, no Villaret, os ensaios de leitura da comédia dramática de Ana Diosdado, «Olvida los Tambores», que entre nós, na versão de Armindo Blanco, deverá ter o título de «Os Contestatários». Amanhã, Ribeirinho inicia os ensaios de marcação. A peça deverá estrear-se ainda este mês, com Margarida Mauperrin, João Perry, Ribeirinho, Maria Emlia, Vasco Morgado Junior e Henri-

que Viana formando o elenco. Em Madrid, «Olvida los Tambores» ultrapassou as duas mil representações.

Laura Alves fará uma viagem de recreio ao Ultramar, a convite de amigos, antes de reaparecer em Lisboa, numa peça que ainda não está escolhida. Laura completa, no momento, uma longa e exaustiva «tourné» pela Província com a comédia «A Querida Mãe».

No Clube «Primeiro Acto», de Algés, o grupo dramático do Atlético de Campolide apresenta hoje o «D. Quixote»,

de António José da Silva, na encenação de Joaquim Benite.

«Estou francamente satisfeito com o disco que fiz com a música do filme de António Pedro de Vasconcelos, «Perdido Por Um, Perdido Por Cem», disse ao DL o cantor Paulo de Carvalho. Podemos adiantar que na face «B» do «single» figura uma canção de Caetano Veloso, muito bem interpretada.

«Céu da Minha Rua», de Romeu Correia, vai ser gravado para a televisão, sob a direcção de Pedros Martins.

O descanso semanal da companhia que na Casa da Comédia está a interpretar «Deseja-se Mulher», de Almada Negreiros, foi mudado para terça-feira, já a partir desta semana.

Tonicha está a gravar, nos estúdios da Polyson, em Lisboa, as canções que Patxi Andion lhe deu, mas desta vez na versão portuguesa de José Carlos Ary dos Santos.

Alfred Tropa entrevistou Alfredo Tropa no programa «Cinema 72», na RTP. «Pedro Sô» também só no pequeno vídeo.



Margarida Mauperrin contestará

SELECÇÃO NACIONAL ESCOLHEU SAPATOS «CAMPEÃO PORTUGUÊS»



«CAMPEÃO PORTUGUÊS» foi, mais uma vez, o sapato escolhido pela selecção nacional para fazer parte da indumentária dos seleccionados portugueses que tomarão parte na «Mini-Copa» do Brasil. E por alguma razão ele foi eleito: — pés «especiais» têm de pedir um sapato «especial», macio, que proporcione um andar leve e fácil. Por isso mesmo a entrega feita por Óscar Acúrsio foi recebida com visível satisfação por todos os «ases». Eles sabem que «CAMPEÃO PORTUGUÊS» é, realmente, o sapato que lhes garante comodidade e bem estar

LAGOTAINER LINE

SERVIÇO DIRECTO E CONTENTORIZADO PARA

SUÉCIA (Gothemburg e outros portos)
NORUEGA (Oslo e demais portos)
ANVERS

n. porta-contentores «MONIKA BOS»
em 28 do crte.

recepção permanente de carga em contentores

OS AGENTES GERAIS



SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 TEL. 366056 362266
LISBOA 2 PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:

SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE, LDA.

LATINA



Porto Branco Seco é um aperitivo exigente

Não gosta de misturas

Ele aí está.
Aperitivo e sem disfarces.
Porto Branco Seco sem misturas.
Gelado no frigorífico.
À sua saúde.

Porto
é bom companheiro

DL/DOMINICAL

PROFESSORA DO ENSINO SECUNDÁRIO

— Prefere-se licenciatura em Letras —

PRECISA-SE

Para lugar estável, bem remunerado, ligado à chefia de estabelecimento comercial no Algarve.

EXIGE-SE : — Têr experiência razoável de ensino

- Residindo no Algarve, possibilidade de estagiar 1 a 2 meses consecutivos em Lisboa
- Habitando zona de Lisboa, possibilidade de mudar residência para o Algarve
- Capacidade de organização
- Idade entre os 25 e os 35 anos
- Não residindo no Algarve indispensável ser solteira
- Dá-se preferência se tiver carta de condução

Resposta manuscrita, indicando «curriculum vitae» completo, ao n.º 576.

O excelente "Wiskhy"

Era um sujeito baixo, rotundo, com um bigode muito especial a coroar-lhe um permanente sorriso de subserviência. Fornecia «wiskhy». Quem diz «wiskhy», claro, diz relógios, gravadores, gira-discos, etc.. Onde tinha o armazém, nunca lho perguntei. A tanto não ia a minha curiosidade de consumidor (dos mais modestos, decerto), nem ele mo diria, talvez. Segredos do negócio...

O «wiskhy» era bom. Pelo menos na minha opinião (fumaças de conhecedor...) e na dos meus amigos. Impressionávamo-nos, sem dúvida, com os rótulos: marcas conhecidas, não havia que descrever.

De vez em quando, alguém (surpreendido com a barateza do produto relativamente aos preços do mercado) mirava e remirava a garrafa, olhava-lhe o fundo, inspecionava os selos. Não! Aquilo seria de contrabando, mas lá que era autêntico (concluía) não havia dúvidas. Para que suspeitar do fornecedor? Vendo bem, ainda há gente honesta...

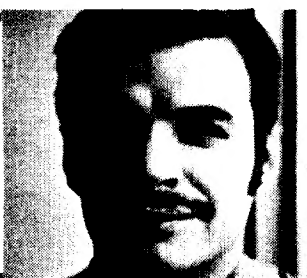
Foi-se alargando, com certeza, o mercado do rotundo sujeito: Já tinha empregados por conta, nem sempre era ele quem levava o produto a casa. Provava-se a amabilidade do destino a compensar os esforços honestos...

Até que, um dia, ao abrir o jornal, dou de caras com o fornecedor: lá estava ele, com o seu sorriso, a tal subserviência de quem não faz mal a uma mosca e só pensa no seu negócio. O pior, porém, era o título da notícia: «Descoberta uma fábrica de bebidas falsificadas».

O safado, para fazer «aquilo», usava glicerina, álcool e não sei que mistelas mais. Tive um gesto de repulsa. E todos os meus amigos, que ainda no dia anterior haviam gabado as excelências

Crônica de DOMINGO

TORQUATO DA LUZ



do meu «wiskhy», foram unânimes em afirmar: «Que porcaria nós metíamos no estômago!».

Mas descansámos, pensando que as úlceras (como a sorte grande) são só para os outros.

Câmara Municipal de Lisboa Casa da Comédia

APRESENTAM

Hoje e todas as noites pelas 21,45 horas
«A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA E DO GORDO SANCHO PANÇA»

de António José da Silva (Judeu)
Encenação de Herlander Peyroteo

JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS
(Ao Campo Pequeno)

Bilhetes à venda no próprio local

Descanso da companhia 2.ª-feira. Grupo C — 14 anos

NOVO CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15
AS 3 HORAS

BLUEBELL GIRLS' SHOW

SOULA MARKISI
VEGETA
GREGA DA CANÇÃO

ALLAN KEMBLE AND CHRISTINE
original equilibrista

LÍDIA RIBEIRO
COM RAUL SILVA NOBRE COSTA

JIRINA'S COMBO "OS MOZAMBEAT'S"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

ZSA-ZSA
SO NO WONDER BAR
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR A 1.0 H. Maiores de 21 anos

a qualidade do mobiliário



apresenta as suas linhas de mobiliário moderno seguindo as técnicas actuais de construção

MAIS UMA VEZ PRESENTE NA

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

UMA PRESENÇA QUE SE RENOVA ANO APÓS

ANO SEMPRE NA VANGUARDA

o enol

SOCIEDADE PORTUGUESA DE REPRESENTAÇÕES, LDA.

Av. D. Carlos I, 59-Lisboa
Telef. 67 66 27

Distribuidores Gerais dos

Rebites



IFIL
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

JUNHO

9	Inauguração
10	
11	
12	
13	Do para visitantes
14	Profissionais!
15	
16	
17	
18	Do para visitantes
19	Profissionais!
20	
21	
22	
23	Encerramento

CARTA
DO BRASIL

CHIANCE DE GARCIA

Bom senso e contra-senso

PRIMEIRA PARTE

Uma coisa devo confessar. Hoje não tenho mais coragem para me mandar pelo interior destes brasis e, bancando o reporter, ir captar imagens que lhes dêem a vocês, aí em Portugal, a noção do crescimento deste império em busca de si mesmo.

Estou decididamente um ser urbano, acomodado, e não mais disposto a partir para as aventuras do desconforto.

Mas juro a vocês que tenho remorsos. Agora, como nunca, o Brasil encontrou (e já na hora limite) a coragem de desafiar o destino. Cada um, aí, nesse lado do Atlântico, conforme seus estigmas ideológicos, pode ver o Brasil pelo que tem de acertos, ou pelo que tem de desacertos. Mas garanto que nunca se tentou, em conjunto, o que se está fazendo agora. Porque o Brasil, na sua imensidão, no seu desamparo, na sua realidade de gigante adormecido, estava há séculos à espera das audácias do desenvolvimento. Foram os nossos antepassados que lhe deram o leite vital da primeira infância. Criamos, aqui, uma civilização sem preconceitos raciais. E reconhecemos no seu povo o que mais ou menos já anda diluído em nós: o gosto do pioneirismo. Falha que eu lamento agora em mim.

PAUSA-1

Já lhes tenho contado que muito viajei pelo Brasil. Mas, e aí se percebe a minha fraqueza — sempre pelo litoral. Sempre onde se encontrassem palcos onde pudesse exibir o máximo dos meus mambembes.

Verdade seja que na mais das vezes nem sequer havia veredas pelas quais mergulhassemos no desconhecido Brasil de começo do mundo. De aí reconhecer, com mágoa, que sou um animal urbano, que preciso do mar, embora durante muitos anos me sentisse feliz indo em busca de praias selvagens. Nem tanto assim, é claro.

PAUSA-2

Vocês conhecem, por certo, um escritor de nome Antônio Callado (com dois eles). É autor dramático, romancista, homem de jornais. Enfim, o autor bastante traduzido de Guarup que nos leva da alienação das metrópoles ao contacto dramático com os índios do Brasil. Ele, sim, conhece o seu país de dentro para fora.

Ei-lo agora aqui no Rio. E sabem de onde vem? De Mato Grosso. Por lá transou, colhendo material que lhe vai servir, por certo, para largos artigos, ou talvez para um novo romance, rude e desinibido como é de seu feitio. Vou dar-lhe a palavra:

— Mato Grosso é um estado com cerca de milhão e meio de quilômetros quadrados (comparem isso com a Europa) mas com apenas uma escassa população de um milhão e meio. É um Estado muito atrasado. Mas é neste momento o mais empolgante estado do Brasil. Entusiasma...

— Porquê?
— Porque nos leva a acreditar que podemos construir ali uma civilização original, única. Uma civilização que case o homem com a Natureza, criando pequenas cidades industriais modernas entre grandes rios e florestas...

— E o famoso pantanal de Mato Grosso?
— É uma das maiores reservas zoológicas do mundo.

E depois num desabafo de romancista:
— O pantanal quando invadido pelas águas do rio Paraguai tem um sol no céu e outro que as patas do cavalo espatifam no alagado cheiroso do capim paraguá, do fedegoso de flor amarela, do algodão do pantanal de flor lilás.

— E o homem?
— No meio de tudo aquilo, porém, ainda anda meio esquecido. Mas há no entanto neste momento no Brasil uma gigantesca migração de milhão de seres humanos andando um pouco ao léu em busca de terra e trabalho.

Agora confesso eu, leitor, para essas aventuras não estou mais preparado...

INTERVALO

Na verdade, o que eu quero, como se dizia antigamente, é sombra e água fresca.

Gosto de espiar a comédia dos outros. De ler bons livros. E de, com certo controle, beber os meus «whiskies». Ou então de passar um ou outro fim de semana como vai ser amanhã. Sigo às oito horas, de avião, para Curitiba. O Fred Muller convidou-me, ele a Teresinha, para passar lá o aniversário do Edu, que é meu afilhado. O bichinho já vai completar nove anos. Como o tempo passa! Ele próprio rabiscou na carta do pai: — Não esqueça o presente que me prometeu quando estive aí, no Natal.

SEGUNDA PARTE

Bem, aqui estou eu, no D.C. 4, a jacto da Nacional. Dentro de trinta minutos faremos uma breve pausa em São Paulo. Da mala onde levo agasalhos de lá, pois o frio no Paraná já deve andar à solta, tiro o último livro de Fernando Namora que aproveito para começar a ler. A manhã está ótima. Poucos passageiros. A poltrona junto a mim está vazia. Do outro lado uma mulher magra, de vestido azul, chateia as aero-moças, com pedidos e reclamações.

— Aceita um cafézinho? indaga de mim a mais bonita.

— Como então a folhear Os Clandestinos: Queiram apertar os cintos, vamos descer na capital paulista:

Entraram novos passageiros. Um deles, um cara de uns trinta anos, cheirando a cachaça, senta-se a meu lado. Tenta por várias vezes conversa comigo. Respondo por monossílabos.

A mulher de vestido azul não tira os olhos de nós. De repente, o meu vizinho aproxima-se do meu ouvido e diz em voz baixa: — Fique calmo! Ergue-se e dirige-se à cabine do comandante.

Dentro de quarenta minutos estaremos em Curitiba, penso. Recomeço a leitura. Li até agora pouco mais de vinte páginas. É pouco. Concentro-me. Algum tempo depois os alto-falantes transmitem a voz alterada do comandante:

— Atenção, senhores passageiros, este avião está sendo sequestrado. Permaneçam, todos, em seus lugares. A companhia deverá tratar as condições com os sequestradores.

Resultou o pânico, é claro. Desmaios. Lágrimas. Orações rezadas em voz alta. Somos avisados de que o D.C. 4 vai retomar ao aeroporto de Congonhas, por ordem do sequestrador. E exige cinco mil cruzeiros e dois pára-quadras. Espanto geral. Haverá então um cúmplice, entre nós? O comandante avisa que o que está na cabina tem uma bomba nas mãos. Agora, todos olhamos uns para os outros, desconfiados. A mulher magra de vestido azul, não tira os olhos de mim. Estamos de novo em Congonhas. O avião desce e coloca-se no centro da pista. Um helicóptero circula em volta e por cima de nós. Automóveis e ambulâncias rodeiam o nosso DC 4. O tempo vai passando. Em minha volta só expressões de medo. Carros militares arriscam-se a chegar mais perto. O sequestrador receberá o dinheiro e os dois pára-quadras, após o que permitirá a saída dos passageiros, ficando porém a tripulação como reféns sob a mira da bomba pronta a explodir. Perpassa um arrepiado de esperança no ambiente pesado e irrespirável do avião. Sentimos a escada ranger. É como se fosse um milagre: a porta está aberta. O mundo violento lá de fora, egoísta e feroz, através daquela porta estreita, dava a sensação ilusória de paraíso reconquistado. E disputado com fúria. Gritos. Insultos. Ameaças. Então o comandante tenta dominar a avalanche:

— Cavalheiros, por favor, primeiro as damas!

— Primeiro uma ova! Elas não dizem que são iguais a nós? Portanto, salve-se quem puder! grita um gordo sessentão que eu sei ser

dono de um supermercado, atirando-se de roldão pela escada...

Chega a minha vez. A magra do vestido azul passa propositadamente na minha frente. Lá em baixo, dezenas de soldados de armas em riste. É então que a mulher magra grita, apontando para mim:

— Prendam-no. Esse é o cúmplice. Vinham cochichando a bordo. Eu vi!

Acabara de chegar para mim a maior complicação da minha vida.

Fui preso. Levado num carro. A poderam-se da minha mala. Abrem-na. E de dentro dela arrancam, em triunfo, a prova incontestável. Era aquilo que Edu, o meu afilhado, pedira que eu levasse para ele de presente: uma pistola automática Beretta, dessas, em imitação, que se encontram à venda nas lojas de brinquedos. Fui algemado. Levado de prisão em prisão. Con-

segui que chamassem um advogado meu amigo. Dois dias e duas noites incommunicável. Foi lá que li «Os Clandestinos», de Fernando Namora. Por fim, meu compadre veio de Curitiba. Ele e o meu afilhado. Explicações. Esclarecimentos. Novos interrogatórios. Por fim, tudo acaba em sorrisos. Sou posto em liberdade. Pô, xentes!

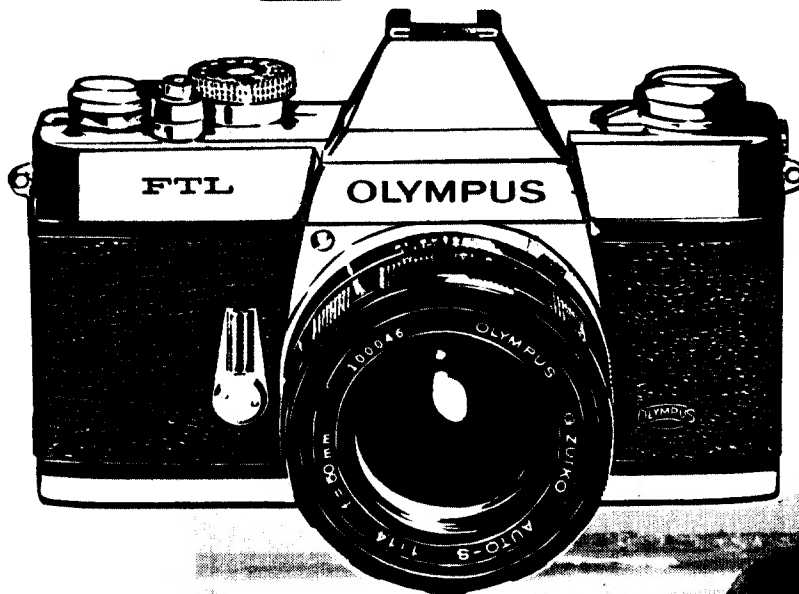
MORAL DA HISTÓRIA

Não, decididamente não vale a pena fugir da aventura. Como dizem os nordestinos: — se fugir o bicho pega, se parar o bicho come.

Junho de 1972, Copacabana

Para correspondência: R. Fernando Mendes, 28, ap. 908, Copacabana, G. B. BRASIL

OLYMPUS FTL



Só há uma palavra para definir a OLYMPUS FTL — a palavra «incomparável». Equipada com uma óptica de qualidade excepcional e duma robustez a toda a prova, a OLYMPUS FTL destina-se a um público muito especial — o público formado pelos amadores e profissionais tão exigentes em relação a si mesmos como em relação à sua câmara. Para si, que sabe escolher, esta é a OLYMPUS que lhe reservamos.

À VENDA SÓ NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE



OLYMPUS

sonipol LISBOA - PORTO • DEPARTAMENTO FOTO-CINE-R. António Enes, 9-C

VISITE O NOVO SALÃO DE EXPOSIÇÃO
NA RUA ANTÓNIO ENES. 9-C

Texlene
um tecido

Ricopelle

POUSADA DE SARAMAGOS

SÓCIO/A

Pequena firma em franco desenvolvimento, a fazer e apta a exceder lucros mensais na ordem de 80 contos, acritaria pessoa idónea, c/ capital de 100 a 500 contos, p. estrutura excelente representação. Urgente. R. Rosário, 11, ao n.º 381.

DL/DOMINICAL

CINEMA

O assassínio

«Nada é mais difícil do que transpor um génio para a tela. E Trotsky foi um génio. Leio ininterruptamente o que sobre ele se escreveu desde que Joe Losey me pediu para desempenhar o papel».

de TROTSKY



Aqui começa a sequência do assassinio

Estas são as palavras de Richard Burton relativas ao seu papel no filme, «O assassinio de Trotsky», realizado por Joseph Losey e em que Burton contracena com Alain Delon, este como o misterioso assassino Jacson que, na vida real, pôs termo à vida do político marxista no México em 1940, servindo-se para o efeito de um machado.

Para adaptar-se ao seu papel, Burton perdeu cerca de 15 Kgs. teve de sujeitar-se a uma dieta rigorosa e abster-se de todas as bebidas alcoólicas. O novo Burton, muito mais magro de barba pontaguda e um estilo de penteado adequado, tornou-se extraordinariamente semelhante ao revolucionário exilado. No entanto, acentua: «Não se trata de uma personificação. Essa é especialidade de Peters Sellers».

Alain Delon, o actor francês n.º 1, desempenha o papel do assassino, cuja verdadeira identidade nunca foi descoberta. Romy Schneider, que na vida real foi durante tanto tempo a paixão de Delon, aparece no filme como Gita, uma jovem **trotskista** entusiástica que se apaixona pelo assassino e por ele se deixa inconscientemente ludibriar.

A principal investigadora de dados necessários para a rodagem do filme, foi Patricia, a mulher de Joseph Losey, que rebuscou panfletos, livros sem conta e recortes de revistas, relacionados com a vida e a morte de Trotsky. Importantes mudanças foram feitas no **script**, como resultado das suas investigações.



HITACHI



HITACHI

Autorádios
Rádios Transist
Alta Fidelidade
Gravadores
Aspiradores
Ventoinhas
Ar Condicionado
Exaustores
Maquinas de Cozinha

HITACHI

o maior prestígio
japonês
representado por

NOGUEIRA
INTERNACIONAL

Exposição e Vendas
Av. República, 41
Tel. 779151 — Lisboa

R. Santos Pousada, 678
Tel. 53867 — Porto



Pretendem vender oufo,
pratas ou jóias recebendo
o máximo?

GRANDE OUVRESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Jorge Benites «Tabacaria Nova». R. Cons. Augusto de Castro — MOURA

DL/DOMINICAL

CINEMA

● Exclusivo CAMERA PRESS/ADS/DL

O actor Richard Burton conseguiu criar uma figura de rigorosa semelhança com o modelo original. Um boneco de cêra servia ao actor para a composição diária da maquilhagem. O filme de Losey, aliás, procurou ater-se o mais fielmente possível aos factos. A sequência do assassinio foi a mais difícil de reconstituir, por não haver testemunhas visuais do crime. Houve que levar em conta o depoimento do próprio assassino, que por várias vezes descreveu, em declarações reduzidas a auto, as circunstâncias em que se aproximou de Trotsky, o breve corpo-a-corpo que se seguiu e, por fim, o modo como derrubou a vítima com um golpe de picareta no crânio.



DL/DOMINICAL

MODA/72



CABARET CRAZY!

Na Inglaterra e nos Estados Unidos o sucesso cinematográfico do momento é «Cabaret», filme musical em que a dinâmica filha de Judy Garland, Liza Minelli, desempenha o papel de Sally Bowles, mulher sem

preconceitos na agitada Berlim dos anos 30, quando um homem de bigodinho chamado Hitler intensificava a sua vertiginosa caminhada para o poder.

Um modelo londrino, Renate, faz-nos nestas fotos uma de-

monstração bastante quente de estilo de Liza que em breve inundará o mundo da moda. Tudo concorre, como se vê, para realçar o «sex-appeal», desde a roupa interior à beleza provocante que o chapéu

igualmente preto, caindo sobre o rosto, deixa divisar, não esquecendo as meias também pretas e os sapatos de salto muito alto, pele de cobra e tiras no tornozelo.

O decote desce até à cintura: Sally Bowles, tal como o «Anjo Azul» com que Sternberg celebrou Marlene, serve-se de todos os meios para «devo-
rar» os homens.

Prevê-se em Londres que as novas cintas estilo Liza/Sally Bowles se esgotarão rapidamente nas «boutiques» de Carnaby Street e adjacências. Prevê-se também que as ruas londrinas ficarão, em breve, cheias de Lizzas, com o cabelo cortado muito curto e um **make-up** acentuado em que predominam a sombra verde e compridas pestanas. Vai ser um Verão muito «animado».



Vestido preto muito leve e sedutor com sapatos pretos de salto muito alto.

GASQUILHO

& FILHOS, LDA.

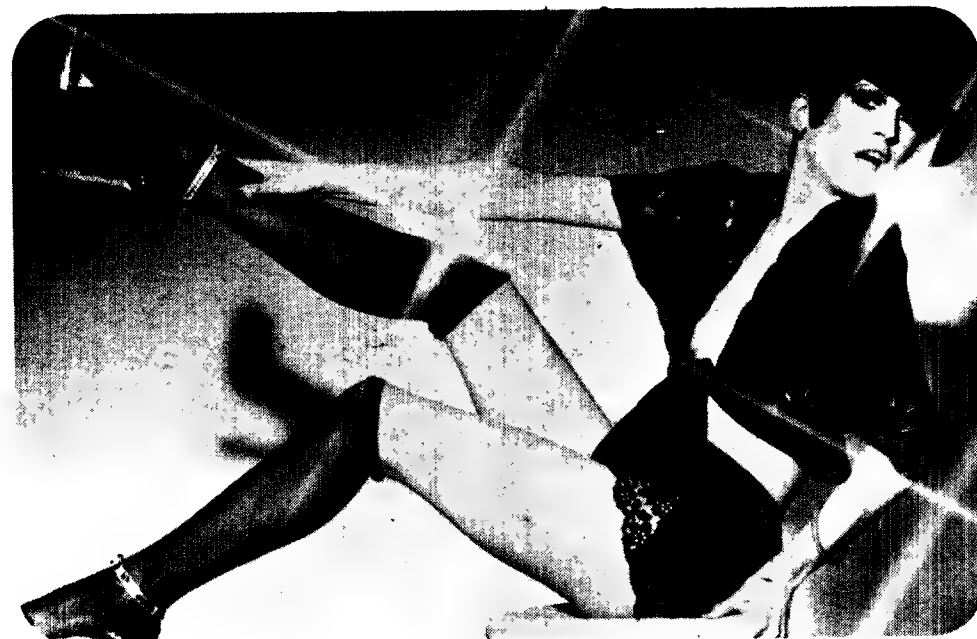
AGENTE OFICIAL



Station 1800



visite a exposição na
Av. Guerra Junqueiro, 14 A·B·C - Lisboa



Blusa de cetim preto transparente apertada com um laço e meias pretas. Sapatos de pele de cobra brilhante em tons de preto, prateado e vermelho com salto muito alto.

DL/DOMINICAL

A POEIRA QUE TRAZ A FOME

«Os métodos modernos de cultivo estão a modificar o clima. As pesadas máquinas agrícolas levantam tais quantidades de pó que comprometem a capacidade mundial de produzir alimentos suficientes». A esta catastrófica conclusão chegaram Reid Bryson e John Ross, director e co-director, respectivamente, do Instituto para os Estudos sobre o Ambiente da Universidade do Wisconsin, nos Estados Unidos.

Segundo os dois investigadores, a poeira suspensa na atmosfera aumentou 19 vezes de 1963 até hoje. O ar sobre a Índia norte-occidental é de 50 a 150 vezes mais poeirento do que sobre Chicago, uma das cidades mais poluídas do mundo. A poeira indiana faz parte de uma nuvem gigantesca que se estende do norte de África ao Camboja, adelgaçando-se sobre a costa meridional do Irão e do Paquistão ocidental, para voltar a ser densa e compacta sobre o deserto dos Tártaros e a Índia norte-occidental.

O aumento da poeira atmosférica tem, segundo Bryson e Ross, um duplo efeito: impede que o calor do Sol atinja a superfície terrestre e que a poluição das grandes cidades industriais se disperse na atmosfera. Sobre as cidades cria-se, assim, uma capa de pó e fuligem, que mantém um clima artificial, mais quente, mais húmido e mais estagnante do que o do território circunvizinho. Nos últimos 60 anos, por exemplo, a poeira aumentou de 57 por cento sobre Washington, 80 por cento sobre o Observatório Meteorológico de Davos, na Suíça. «A responsabilidade deste aumento», dizem os dois investigadores, «é, em dois terços, do desenvolvimento industrial».

Um deserto. O factor mais importante, à escala planetária, é o desenvolvimento da agricultura. A propósito Bryson e Ross contam um episódio. Cerca de 4 mil anos antes de Cristo, em torno de Harappa, no Paquistão, começou a desenvolver-se uma civilização que durou até 1700 A.C. aproximadamente. O povo de Harappa depressa aprendeu a cultivar os cereais e a criar bois e porcos. Com o aumento da população, o cultivo tornou-se mais intensivo, a camada de ervas que recobria o solo desapareceu e o vento levantou a poeira: O ar, cheio de pó, tornou-se mais seco, a terra produziu menos. Os habitantes de Harappa, então, alqueivaram mais terras, libertando, desse modo, mais poeira. Por fim, foram obrigados a emigrar. «Hoje», dizem os dois investigadores, «em torno à antiga Harappa, há um deserto que não devia haver, e que há 4 mil anos não havia».

A poeira pode também produzir abaixamento de temperatura. Depois da erupção de 1883 do vulcão Krakatoa, na Indonésia (as erupções vulcânicas também descarregam poeiras na atmosfera), os verões do hemisfério boreal foram mais frios do que tinham sido nos anteriores anos, antes da erupção. O mesmo fenómeno está hoje a verificar-se na Islândia, embora não tenha havido nenhuma erupção vulcânica. A temperatura média anual baixou, as quedas de neve e de gelo aumentaram. Conclusão: a produção de forragens, o mais importante produto islandês, diminuiu.

Segundo os dois investigadores americanos, está em acção em todo o mundo uma diminuição da temperatura média, como é demonstrado pelas observações, pelo aumento das geadas no meio do Verão em muitos países e pelos icebergues no mar. A causa de tudo isto é a poeira dispersa na atmosfera. «Não é, talvez, a única causa», dizem Bryson e Ross. «Mas, por certo, é uma das mais importantes». E se o nível de poeiras continuar a subir, poderá vir a danificar a produção de cereais e trigo, com o risco de uma carência que, provavelmente, seria fatal para a Humanidade.

PINTARROXOS SEM BÚSSOLA

Os vinte e sete pintarroxos tinham sido capturados, todos eles, em plena migração. Por isso, quando os dois ornitólogos alemães Wolfgang e Roswitha Wiltshko os meteram, de noite e um de cada vez, nas gaiolas octogonais (diâmetro de um metro e altura de 35 centímetros) do seu laboratório do Instituto de Zoologia da Universidade de Frankfurt, estavam muito irrequietos e tendiam a voar sobretudo na direcção para a qual estavam a seguir antes da captura. Porém, o que os pintarroxos não sabiam era que os dois ornitólogos procuravam desorientá-los por meio de grandes bobinas de fio de cobre colocadas aos lados das gaiolas, para influenciar o seu sistema de orientação, mudando o campo magnético terrestre.

Dentro de cada gaiola havia oito pequenos tripés, um por cada lado, ligados a um aparelho electromecânico. Um computador, ligado ao aparelho, registava todos os movimentos nocturnos dos pintarroxos e calculava a direcção média para a qual apontava cada uma das avezinhas. «Quando começamos a experiência», escreveram na revista «Science», os Wiltshko, «Acreditávamos, como muitos outros ornitólogos, que os pintarroxos tivessem uma espécie de bússola incorporada, sensível ao norte magnético, para se orientarem nas suas migrações».

Indiferentes. Pelo contrário, com grande surpresa dos dois investigadores, as avezinhas demonstraram imediatamente ser indiferentes à polaridade do campo magnético interno da gaiola. Variando a corrente que circulava nas bobinas era, de facto, possível aumentar, reduzir ou inverter o campo magnético à latitude de Frankfurt. Mas os pintarroxos pareciam não se dar conta disso.

Uma só vez pareceram desorientados: quando os Wiltshko anularam a componente vertical do campo magnético terrestre. Para os pintarroxos, cujas migrações têm sempre lugar no hemisfério setentrional (a espécie usada pelos dois ornitólogos alemães, a *Erithacus rubecula*, não se estende para além da Sicília), era como encontrar-se inesperadamente no equador, uma experiência nunca antes feita. Nestas con-



DIFERENTE. Um pintarroxo. Dois ornitólogos alemães demonstraram que estes pássaros, nas suas migrações, se orientam por um sistema diferente do da bússola.

dições, as avezinhas não sabiam para onde ir, e voavam ao acaso, sem uma direcção precisa.

Segundo Wolfgang e Roswitha Wiltshko, a experiência (que durou 40 noites seguidas) demonstra que os pintarroxos, e talvez todas as aves migradoras, se orientam por um sistema diferente da bússola, talvez «interpretando a inclinação das linhas do campo magnético terrestre, e baseando-se no conhecimento da cota a que voam». Um mecanismo de orientação diferente da bússola poderia, de facto, explicar como é que as aves executam sempre as mesmas migrações desde épocas muito antigas, sem cuidar das inversões do campo magnético terrestre que, segundo os geólogos, se têm sucedido (e se sucederão), em média, cada meio milhão de anos.

Os dois investigadores alemães estão perplexos perante o resultado da experiência em que, nas gaiolas octogonais, era simulado o equador. Pelos seus hábitos, o pintarroxo não se encontrará nunca nesta situação, e não está, talvez, preparado para a enfrentar. Mas outras aves como, por exemplo, os pombos torquazes, tordos, codornizes e rolas, atravessam regularmente o equador magnético duas vezes por ano sem perder o sentido da orientação. Portanto, dizem os dois ornitólogos alemães, é preciso fazer outras experiências para estabelecer se também estes migradores têm um sistema de guia como os pintarroxos. «E se se vier a descobrir que é idêntico», concluem, «será interessante compreender por que, no equador, não perdem a orientação».

CRUZADO ANTIBAUHITE

Suíço de nascimento, parisiense de adopção, jornalista (escreve em revistas alemãs e suíças), Franz Weber, de 44 anos, lançou uma cruzada para proteger a Natureza na Europa. Muitos definem-no como um «iludido». Mas Weber já conduziu com êxito uma batalha: a que travou pela salvação de Engadina, o vale suíço perto de Saint Moritz, ameaçado pela especulação da construção civil. E, agora, quer empreender uma outra a favor de Les Baux, uma localidade da Provença, no vale do Ródano, conhecida também pela pureza do seu ar. O maior agregado industrial francês, a Pechiney-Ugine-Kuhlmann, está para iniciar a exploração de uma mina de bauxite (cujo nome deriva precisamente de Les Baux) nas proximidades da cidadezinha, provocando graves danos à Natureza e poluindo o ar.

A primeira batalha, já Weber a havia começado em 1965, quando regressara à Suíça para umas férias em Engadina. Encontrou o vale completamente modificado desde a última vez que ali tinha estado. Stavros Niarchos, o armador grego, havia financiado a construção de um caminho de ferro de cremalheira que chegava até ao cimo do Corvatsch. Esta manobra havia desencadeado a especulação da construção civil, especialmente por parte dos alemães e dos italianos. «Toda a Engadina me parecia transformada num imenso parque de automóveis», declarou Weber à revista Newsweek. «Uma coisa que fazia mal ao coração».

Um triunfo. Fundou uma comissão para a defesa de Engadina e, trabalhando praticamente sozinho, conseguiu travar a especulação. Em primeiro lugar, escrevendo em muitos jornais suíços para convencer os engadineses a salvar o seu vale. Depois, após ter recolhido fundos em toda a Confederação Helvética, comprou lotes de terreno estrategicamente dispostos para impedir a construção de estradas secundárias, esgotos, linhas eléctricas, necessárias ao desenvolvimento urbanístico da zona. Hoje, Weber, talvez com um excesso de jactância, declara: «A Engadina já está salva para a eternidade».

Fortalecido por este triunfo, o jornalista lançou-se agora na empresa de salvar Les Baux, aonde já se formou uma comissão: a Liga para Defesa dos Alpilles (massas dos Pequenos Alpes que dominam a zona) «para travar o massacre da Natureza». «Não se pode salvar toda a França», diz Weber, «mas um recanto belo como Les Baux, sim».

E, enquanto os dirigentes da Pechiney procuram explicar aos franceses a importância da bauxite (mineral de que se extrai o alumínio), o governo começa a sentir-se embaraçado perante os ataques da Imprensa, desencadeados por Weber, para a salvação de Les Baux.

O presidente da Pechiney, Pierre Jouven, disse: «Somos vítimas de uma campanha anti-industrial, obra de jornalistas desconhecidos». Mas Franz Weber, como quer que se o queira definir, não é um desconhecido em França nos dias que correm. «Também um homem só», diz, se quizer, pode fazer grandes coisas pela salvação da Natureza».

VIDA CIENTÍFICA

GATOS E VAMPIROS

Como todo o estudioso do conde Drácula bem sabe, só há duas maneiras de matar um vampiro: decapitando-o com uma espada de prata ou cravando-lhe uma estaca de madeira afiada no coração. Porém, quando o vampiro se chama *Desmodus Rotundus*, um morcego sugador de sangue, difundido desde o México até à Argentina setentrional, basta um sistema menos tradicional e mais científico. E exactamente aquele que descobriram alguns investigadores americanos, em guerra, há já algum tempo, contra as dezenas de milhares de vampiros que todos os anos destroem gado no valor de milhões de dólares.

O *Desmodus Rotundus* tem o comprimento de sete centímetros, pesa 30 gramas e tem uma envergadura de 30 centímetros. De noite, agride qualquer criatura de sangue quente que aconteça encontrar. E morda algumas vezes crave os seus dentes aguçados na pele de seres humanos adormecidos, prefere os gatos e os cavalos, aos quais suga em média 20 centímetros cúbicos de sangue. E uma vez que é, frequentemente, portador de doenças como a raiva ou a encefalomielite (uma infecção cerebral), pode causar a destruição de um milhão de gatos por ano. Contra o *Desmodus* têm sido usadas vacinas e espingardas de caça, mas sempre sem êxito.

HE MORRAGIAS. Agora, porém, um grupo de investigadores do ministério do Interior americano descobriu que, para matar o vampiro, basta injectar uma substância no sangue dos animais. A substância, chamada difenadiona, usada no Homem em pequenas doses como anticoagulante, e em grande quantidade como raticida, causa hemorragias fatais no pequeno morcego.

A experiência com a difenadiona começou no princípio deste ano.

A alguns vampiros, depois de terem sido capturados, foi fixado, sobre o dorso, um pequeníssimo rádio para controlar as suas deslocações. Depois são novamente postos em liberdade. Simultaneamente providenciou-se injectar difenadiona em gatos de três herdades mexicanas infestadas pelos morcegos. As doses, inocuadas para os gatos, eram suficientes para matar os vampiros que os tivessem mordido.

Esta Primavera houve uma mortandade epidémica entre os morcegos radioccontrolados nas três herdades mexicanas. O número de mordeduras frescas nos gatos diminuiu 94 por cento. «Destruir os vampiros é impossível», diz R.D. Thompson do Ministério do Interior, «porque são muitos. Mas esta experiência demonstrou que é possível controlá-los, pelo menos nas zonas em que há gatos. E este é já um ótimo resultado».



INJEÇÃO. Um vampiro com o pequeno rádio aplicado ao dorso para lhe controlar os movimentos. Para exterminar os vampiros injecta-se uma substância anticoagulante nos animais aos quais sugam o sangue.

TRANSPLANTAÇÃO ANTIDIABÉTICA

Diabetes: quando aparece, é porque o pâncreas, uma enorme glândula do aparelho digestivo, não consegue produzir bastante insulina para garantir um nível normal de açúcar nos tecidos e no sangue. Na maior parte dos casos para o tratar, bastam uma dieta apropriada ou injeções de insulina. Mas, em certos casos, não há nada a fazer. Agora, porém, dois investigadores americanos levaram a cabo uma série de experiências em animais, que abrem o caminho a uma possível cura dos diabetes hoje considerados incuráveis.

Walter Ballinger cirurgião e Paul Lacy, patologista, ambos da Universidade Washington de Saint Louis, conseguiram transplantar porções de células pancreáticas (as ilhas de Langerhans) que se encontram dispersas na glândula e contêm as células beta, minúsculas e eficientes fábricas de insulina. A maior dificuldade, afirmam os dois investigadores, tem sido isolar as ilhas de Langerhans e certificar-se de que, na verdade, as células beta segregam insulina.

Os ratos que serviram à experiência foram divididos em dois grupos. Vinte e cinco receberam células beta do seu próprio pâncreas, e depois da intervenção comportaram-se perfeitamente. A outros 13 foram transplantadas as ilhas provenientes de outros dadores. Sete animais em 13, tratados com imunodepressores para evitar a rejeição, sobreviveram e estão bem.

Quando será possível repetir estas experiências no Homem? Por agora não, dizem os especialistas. Mas acrescentam que se está já a trabalhar neste sentido. Em Bristol, na Grã-Bretanha foi possível recolher e conservar em cultura as ilhas de Langerhans de uma menina de quatro anos à qual fora extirpado o pâncreas. E, em Saint Louis, Lacy e Ballinger levaram a termo a mesma operação num rapaz de 12 anos. A transplantação para os doentes de diabetes, está ainda longe, mas não é impossível.

DL/ DOMINICAL

A GUERRA



Por ANTONANGELO PINNA
«Panorama»/ADS/«DL»

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

**ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA**

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios
dos melhores Hotéis, Restaurantes,
Cinemas, Teatros, Gares,
Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem **20 000\$00** ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.

DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE

VIETNAME a pista de sangue

Acossados pelos norte-vietnamitas, martelados pelas bombas, famintos, 500 mil fugitivos procuram refúgio no Sul. Vitória ou derrota, para eles, são palavras sem significado. Têm um único pensamento: sobreviver.

No hospital de Hué, a ex-capital do reino anamita, jaz uma menina de três anos. Tem as pernas fracturadas e o rosto deformado pelas queimaduras. Ninguém sabe como se chama. Foi encontrada a oito quilómetros de Hué, ao longo da estrada que se estende para sul por Kuang Tri, capital da província mais setentrional do Vietname do Sul, ao lado do cadáver da mãe, morta por um projectil de artilharia. O médico americano que a trata deu-lhe uma lanterna para ter na mão, único brinquedo disponível. «Quer ir para casa», continua a repetir a menina.

Difícilmente poderá voltar para casa. A pequenita é um dos 500 mil fugitivos que estas últimas semanas de guerra obrigaram à fuga. Se a sua casa não foi destruída pela artilharia norte-vietnamita no início da ofensiva, foi quase certamente arrasada pelos bombardeamentos aéreos e navais americanos. A província de onde fugiu está agora nas mãos dos norte-vietnamitas.

O ÊXODO

Há um ano e meio a sub-comissão parlamentar americana, presidida pelo senador Edward Kennedy, avaliou em 6 milhões, isto é,

um terço da população do país, o número dos sul-vietnamitas obrigados (pelo avanço comunista, pelos combates ou até pelo regime de Saigão, que despojava deliberadamente as regiões controladas pelos vietcongues) a abandonar as suas casas entre 1964 e 1970. Desde então, à medida que a guerra se transferia para o Laos e para o Camboja, a situação no Vietname do Sul melhorava.

A ofensiva lançada pelos norte-vietnamitas em 30 de Março, e a subsequente reacção aérea americana, puseram em movimento esta desesperada migração, drama já habitual nos três países da Indochina. Em Kontum, um centro dos planaltos centrais assediado há dez semanas, a população tem como única via de fuga o aeroporto. Milhares de habitantes aguardam os helicópteros americanos que voam desafiando o fogo anti-aéreo. Os mesmos pacientes procuram alcançar em corrida desesperada os aviões de carga que aterram para levar reabastecimentos à cidade assediada e descolam imediatamente quase sem terem parado completamente sobre a pista, para não fornecer um fácil alvo aos morteiros. Alguns arriscam a agarrar-se à emprenagem descida para terra, a maior parte é afastada pela deslocação do ar e pelo carrossel de jipes militares.

O governo de Saigão decidiu a semana passada evacuar a cidade. Mas a única esperança para os 30 mil civis que continuam em Kontum sob o fogo dos canhões, é que as tropas sul-vietnamitas consigam abrir a estrada para Pleiku, defendida pelos norte-vietnamitas. A cidade de Pleiku, a uns cinquenta quilómetros para sul, também está ameaçada, pois, encontra-se na direcção da marcha dos norte-vietnamitas, da fronteira cambojana até ao mar. Sobre a costa populosa combatem já as divisões avançadas de Hanoi. Toda a província de Binh Dinh está repleta de refugiados que não sabem para onde fugir. A guerra envolve-os. Muito trágica também se apresenta a situação das províncias setentrionais do Vietname do Sul, aonde a ofensiva norte tem sido mais maciça. O êxodo dos fugitivos começou como um regato de velhos, mulheres e crianças que, das aldeias próximas da fronteira entre os dois Vietnams, se dirigiam para Sul em direcção a Kuang Tri. Para muitos era a repetição de uma peregrinação feita muitas outras vezes. Quebradas as defesas de Kuang Tri, o regato transformou-se numa torrente imparável, dirigida para a cidade de Hué.

Sem alegria. De Kuang Tri a Hué correm duas estradas, de 55-60 quilómetros.

ÚLTIMAS EDIÇÕES

A VIDA QUOTIDIANA NA ARGÉLIA NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

por Rachid Boudjedra

O rosto de um país novo e a velhíssima civilização que ele oculta. Uma autêntica viagem a um país diferente do nosso.

Col. «Vida Quotidiana»

Preço: 50\$00

PRISÃO ABERTA

por James White

A história de um dos mais arrojados planos de fuga interplanetária...

Col. «Argonauta» — Ficção científica
Livro de bolso — Preço 15\$00

A VENDA NAS LIVRARIAS
LIVROS DO BRASIL
Rua dos Caetanos, 22 — LISBOA

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

**NEW YORK, PHILADELPHIA
BALTIMORE e NORFOLK**

Recibe cortiça, frigorífico e carga geral a moderna e rápida motonave espanhola:

« GALEONA »

esperado em 20 do corrente

Recibe carga em Contentores para Nova York

Os Agentes Gerais

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21-1.º

Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV
LISBOA-2

DL/DOMINICAL

A GUERRA

Uma, ao longo da costa, é a velha «estrada sem alegria» dos franceses. Percorreram-na há dezoito anos, em retirada, após a derrota de Dien Bien Phu. A outra é a nova estrada de rodagem número um, asfaltada pelos americanos. No princípio da semana passada, a coluna dos fugitivos era interminável em ambas as estradas. Os poucos abastados fugiam de automóvel, de motocicleta, de tractor, em autocarros carregados até ao tejadilho, em carroças puxadas por búfalos. Os pobres seguiam a pé. Na sua maioria descalços, levavam consigo todos os seus haveres: porcos, galinhas, um fardo com roupas, um saco de arroz e filhos, muitos filhos. Iam para Hué ou, mais simplesmente, para onde a estrada os conduzia. A antiga capital anamita tem uma população de 200 mil habitantes. Em poucos dias, as bocas a saciar aumentaram para 350 mil.

Os fugitivos esperavam que Hué, que sobreviveu em 1968 a 23 dias de combates pelas estradas durante a ofensiva vietcongue do Tet, fosse um seguro refúgio. Não obstante e espantoso afluxo de refugiados, havia na cidade uma aparência de ordem. O presidente da câmara de Kuang Tri tinha ali organizado um «município de asilo», para acolher e encaminhar os fugitivos, os escassos serviços públicos funcionavam, os feridos eram recolhidos nos hospitais. Porém, a queda de Kuang Tri, multiplicando inesperadamente a vaga de refugiados na direcção de Hué, fez precipitar a situação.

Ao afluxo dos civis, juntou-se, de facto, o dos soldados da Terceira Divisão sul-vietnamita completamente no momento em que os conselheiros americanos abandonaram Kuang Tri de helicóptero para escapar à captura. Os militares sul-vietnamitas retiravam em carros de combate, viaturas blindadas, camiões e jipes. Os que não tinham meios de transporte, requisitavam à mão armada os veículos dos fugitivos ou içavam-se aos cachos para os automóveis dos jornalistas e dos fotógrafos. Muitos abandonavam os uniformes na berma da estrada para não serem reconhecidos nem pelos norte nem pelos sul-vietnamitas.

Não bastou a decisão de Saigão de substituir o comandante da região setentrional por um general mais valente para restabelecer

a ordem em UE. Por fim, enquanto as tropas norte-vietnamitas se embuscavam em torno da cidade, três quartos dos empregados públicos e 90 por cento do pessoal do hospital civil, tomaram pela estrada de Da Nang, oitenta quilómetros ao sul. Também os fugitivos, cujo número havia duplicado com os habitantes de Hué, tinham retomado o caminho, para uma nova tirada da sua peregrinação.

Hué esvaziou-se com a mesma rapidez com que se havia enchido. Os fugitivos deixaram atrás de si uma cidade fantasma: soldados, monjes budistas, fugitivos cansados de fugir, cidadãos decididos a não abandonar as suas casas, guerreiros vietcongues hábilmente disfarçados — não mais de 50 mil pessoas detidas em Hué pela disciplina militar, pela resignação ou pela confiança numa nova ordem que poderia vir do Norte de um momento para o outro.

Danang é uma cidade que sete anos de guerra fizeram crescer desmesuradamente. Construída para 150 mil habitantes, hospeda normalmente uns 440 mil. A água corrente abastece 10 por cento das habitações. Só 12 famílias em cada 100 têm luz eléctrica. Não existem esgotos municipais. A imundície raramente é recolhida. Da Nang está procurando fazer frente como pode a uma invasão de 300 mil, talvez 400 mil fugitivos. «A cidade morrerá sufocada», prevê um conselheiro americano.

Dez horas. Em condições normais são precisas duas horas para percorrer de automóvel os 80 quilómetros entre Hué e Da Nang. A coluna motorizada dos fugitivos, que chega a ter 15 passageiros por automóvel, quatro por motocicleta, percorre agora a distância em dez horas, salvo incidentes. Em Da Nang, as autoridades sul-vietnamitas e americanas prepararam para os evacuados 12 campos de refugiados. Não chegam «Levamos-nos uma manhã», diz um oficial americano, «e encontramos todas as escolas e igrejas a transbordar de gente». Em casas aonde vivem famílias de quatro pessoas, encontram agora alojamento até 20 pessoas. O movimento de fugitivos deu vida a uma activa especulação em que os menos pobres roubam os mais pobres. Um lugar num automóvel, de Hué a Da Nang, custa o equivalente a 2.500 escudos. A fuga via mar, quando as embarcações

americanas já não têm mais espaço, custa cerca de 500 escudos, em velhas sampans que mal se aguentam à tona de água. Quem quiser alcançar Saigão, a partir

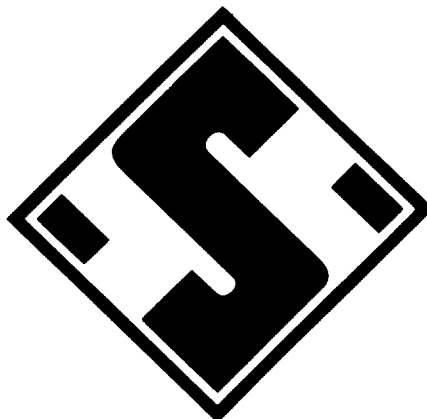
de Hué, de avião, tem de desembarcar qualquer coisa como 3.000 escudos por um bilhete só obtível no mercado negro.

«Fizemos o melhor que

pudemos, mas, agora, é demais», diz Nguyen Ngoc Khoi, presidente da câmara de Da Nang. «O problema dos refugiados não é o nosso, é nacional. O quartel-ge-

neral americano de Da Nang espera poder assistir até meio milhão de refugiados. «Mas se Hué cair», admite um oficial, «teremos um milhão deles».

SEELOW & ASSOCIADOS



Fazemos pneus.
Pneus para rolar e durar. Para rolar suavemente e com segurança. Por isso o nosso **«WIDE OVAL RALLYE»** rola suave e seguramente no caminho da perfeição. De concepção europeia, produzido no país, o nosso **«WIDE OVAL RALLYE»** de grande resistência, foi já escolhido pelos grandes nomes no fabrico e montagem de automóveis. Escolha-o também!

pneus SEIBERLING

Distribuidores gerais: INTERPNEUS — Sociedade Internacional de Pneus, SARL
Rua Joaquim Bonifácio, 8, 1.º-F. — LISBOA — Tels. 56 08 32 - 56 18 51



Sul-vietnamitas carregando um ferido.



AOS EXPORTADORES DE FRUTAS E VEGETAIS

NEGOCEIE COM UMA ORGANIZAÇÃO
ENTRANDO NO MERCADO COMUM

**THE METRO EXPRESS LAB.® GROUP
FRUIT—VEGETABLES—IMPORTERS**

ESCRITÓRIO:

8. Victor House, Barlhough Garden
London, N. 20 England

Tel. 01-368-7484. 5 linhas

CALCULADORAS ELECTRÓNICAS CASIO



22 modelos

AS-C
A MAQUINA PRÓPRIA
PARA CÂMBIOS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

EFICEX KIENZLE

Lisboa Av João XXI, 4-A tels 72 70 28 - 72 70 19
Porto R. Passos Manuel, 228-1º esq tel 306 98

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em
Lisboa, Arredores e Província, de pequenas
e grandes quantias, ao juro da Lei.
Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

R. Ouro, 292, 1.º esq do Rossio
Telef. 369384 5 6

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990\$00
Frigoríficos	1.900\$00
Trituradores	260\$00
Secadores de cabelo	140\$00
Cassetes	35\$00
Relógios de cozinha	300\$00

VENDAS

A

PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91



CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os
momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão
reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXIS-
TÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande inter-
esse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19
horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do
Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

**PARA O PERÍODO
DE 18 A 24
DE JUNHO**



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Período harmonioso, de boa disposição e de afabilidade no convívio familiar. A sinceridade será a nota predominante em todas as atitudes esta semana.

DINHEIRO: Determinadas informações e notícias recebidas poderão resultar em negócios lucrativos e ser o começo de um grande empreendimento futuro.

PROFISSÃO: Ótimo para pôr em prática os seus conhecimentos. Não hesite e aja de maneira a que seus dotes profissionais não suscitem dúvidas. Semana em que o seu prestígio subirá na cotação dos seus chefes ou superiores.

SAUDE: As condições físicas serão ótimas, o que vem contribuir para que o seu espírito de iniciativa dê um bom rendimento.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Gozará de bons aspectos astrais. As amizades que lograr neste período, serão benéficas e venturosas. Um caso sentimental que lhe vem germinando há algum tempo no espírito, evoluirá rapidamente a seu favor.

DINHEIRO: A vida financeira é muito próspera nesta altura. Bom para jogos e recebimentos de legados e dadas.

PROFISSÃO: Prossiga na mesma toada que tem trabalhado até agora. No comércio os negócios são incertos e problemáticos. Necessita redobrar de esforços no sentido de persuadir os clientes indecisos. Só com uma vontade tenaz conseguirá tirar partido do presente período.

SAUDE: Não leve uma vida muito agitada e as suas condições de saúde serão boas.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: No que diz respeito à sua vida sentimental, a semana apresenta-se sob aspectos medianos. Portanto, não é conveniente ao procurar atingir os seus objectivos neste campo, chegar a situações extremas, nem seguir o caminho da indiferença.

DINHEIRO: Não se esforce por o conseguir. Tendência a recorrer às reservas que tiver. Se não tiver cuidado corre o risco de especulações e prejuízos com o jogo.

PROFISSÃO: Período muito activo e sob certos aspectos enervante. Obterá resultados apreciáveis em negócios de ocasião. Contudo, não é propício para efectuar deslocações.

SAUDE: As condições de saúde não se encontram favorecidas. Cuidado portanto!

horóscopo

pelo
astrologo
HORUS



CANCER

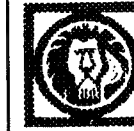
(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: O barómetro sentimental para esta semana indica maiores satisfações de amor próprio do que de verdadeira ternura. Na vida familiar não se observam divergências, nem alterações de importância.

DINHEIRO: Muita actividade sem objectivo e grandes esforços sem resultados palpáveis. Consumirá o cérebro na ansia de adquirir dinheiro, mas os ganhos em relação à luta não deixam muito a desejar.

PROFISSÃO: Deve adiar todo e qualquer projecto que tiver em mente. Não desanime e aguarde que os astros lhe sejam mais propícios. A vida profissional não será desfavorável desde que siga os seus trâmites.

SAUDE: Possibilidades de sentir qualquer ligeira indisposição cuja causa ignore, mas não há motivo para alarme, pois as enfermidades que possam surgir neste período para si, não são de carácter maligno.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Os astros são-lhe propícios aos assuntos sentimentais. Terá possibilidades de satisfazer, em parte, os seus desejos. Qualquer mal-entendido, provocado embora involuntariamente, pode contrariar as suas ambições.

DINHEIRO: As actividades que se relacionem com a sua vida financeira estão favorecidas. Vá procurando produzir e trate de economizar. Esforce-se por se manter à altura do seu prestígio.

PROFISSÃO: No domínio profissional encontrará facilidades no desempenho da sua missão. Se souber tirar partido desta influência melhorará no seu emprego e nos negócios. Também favorece as viagens.

SAUDE: Não se observam perturbações orgânicas ou abalos no seu sistema físico, pois as boas influências astrais velam por si.



VRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: A sua vida familiar e sentimental poderão registar algumas contrariedades que, poderão ser resolvidas com diplomacia e tacto. O momento é contra-indicado a pedidos ou a declarações amorosas. Possibilidade de maledicências.

DINHEIRO: Não empreste nem peça emprestado se disso tiver necessidade esta semana. Evite também fazer despesas extraordinárias, para o que terá muita inclinação nesta altura.

PROFISSÃO: Não arranje complicações na vida dos outros. Nesta altura os novos empreendimentos e modificações na vida profissional não deixarão muito a desejar, por isso evite-as.

SAUDE: Não deixe que os nervos lhe dominem a razão. Procure a vida calma e, se possível aproveite a altura para umas férias.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: As influências astrológicas para esta semana proporcionar-lhe-ão o ensejo de ver realizadas algumas das suas esperanças. Desfrutará duma atmosfera feliz e sadia no lar. Também no círculo das suas amizades e a vida social lhe darão prazer e bem-estar. Indicado a mudanças de residência ou alterações relacionadas com a habitação.

DINHEIRO: O período não é de molde a proporcionar ganhos nem a fazer despesas. Não se impaciente e conforme-se, procure conservar a calma e deixe que as questões rotineiras sigam o seu curso natural.

PROFISSÃO: Propício para dar desenvolvimento aos negócios já iniciados. Também as viagens em serviço profissional terão êxito. Seja indulgente com as faltas dos colegas, colaboradores e sócios.

SAUDE: É conveniente durante esta semana vigiar, de um modo geral, o organismo. Não se esforce mais do que o necessário.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: No decurso desta semana a sua vida familiar, conjugal e afectiva não sofrerá alterações, seguindo o seu curso normal, apesar do seu espírito ocultar uma certa tensão nervosa. O seu amor-próprio será, entretanto, estimulado por um facto que se produzirá nas relações com a pessoa amada.

DINHEIRO: Alguma actividade sem objectivo concreto e grandes esforços inúteis, na ansia de conseguir melhoria económica ou na simples obtenção de fundos necessários. Enfim, as suas possibilidades no capítulo financeiro não estão sob aspectos favoráveis.

PROFISSÃO: A maneira mais segura de vencer é elevar ao máximo a sua eficiência e actividade. Concentre-se no trabalho e evite distrair a sua atenção dos assuntos importantes.

SAUDE: As suas condições de saúde estão sob aspectos desfavoráveis. Tenha cuidado ao fazer qualquer esforço porque pode sofrer distensões musculares.



SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Não dê motivo a que haja complicações. Cuidado com juízos precipitados e descabidos. Faça uso de toda a sua boa vontade no sentido de manter no lar e nas relações amistosas um ambiente feliz e harmonioso.

DINHEIRO: Em todas as diligências ou empreendimentos que tentar fazer, torna-se necessário pensá-los muito bem, pois a semana não é feliz. Aguarde melhores oportunidades e tanto quanto possível, evite as viagens.

PROFISSÃO: Dissabores na vida profissional ameaçam-vos. Comporte-se de modo a não merecer e evite discutir e em caso de provocação resolva as coisas diplomáticamente.

SAUDE: Estado um tanto excitado e uma certa inquietação derivado aos anseios criados pela evolução da sua vida geral.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Não dê azo a que haja complicações e não tome novos compromissos. Cuidado com juízos precipitados. Faça uso de toda a sua boa vontade no sentido de manter no lar um ambiente feliz e harmonioso.

DINHEIRO: A semana é negativa quanto a este capítulo. Há grande tendência a prejuízos. Não dispense grandes somas nem arrisque a sua situação económica em aventuras financeiras.

PROFISSÃO: A actividade tende a ser menos rendosa durante este tempo. Desta maneira, se observam efeitos confusos, que prejudicam os seus pensamentos.

SAUDE: O nervosismo e o desânimo serão as suas principais queixas.



AQUARIUS

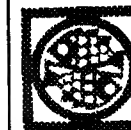
(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Período excelente para tratar de assuntos de amor, relações sociais, amizades e vida familiar. Indicado a passeios agradáveis e felizes conquistas no domínio do coração.

DINHEIRO: Está sob bons auspícios financeiros. Pode conseguir algumas facilidades através da família ou de amigos. Favorável aos jogos.

PROFISSÃO: Correrão bem os seus afazeres profissionais. Oferecer-se-ão algumas oportunidades de progredir, mas poderá perdê-las, se deixar que a timidez e o complexo de inferioridade lhe barrem o caminho.

SAUDE: Evite fatigar-se para não prejudicar o seu estado físico. Nesta altura a sua saúde apresenta-se sob aspectos flutuantes.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: O período apresenta-se sombrio e pouco animado no tocante a assuntos sentimentais. De resto eles estarão em segundo plano entre as suas preocupações de momento.

DINHEIRO: Nas diligências que fizer ou empreendimentos que tentar fazer, torna-se necessário pensá-los, primeiramente, muito bem ou então, se possível, adiá-los, porque o momento não se apresenta frutuoso.

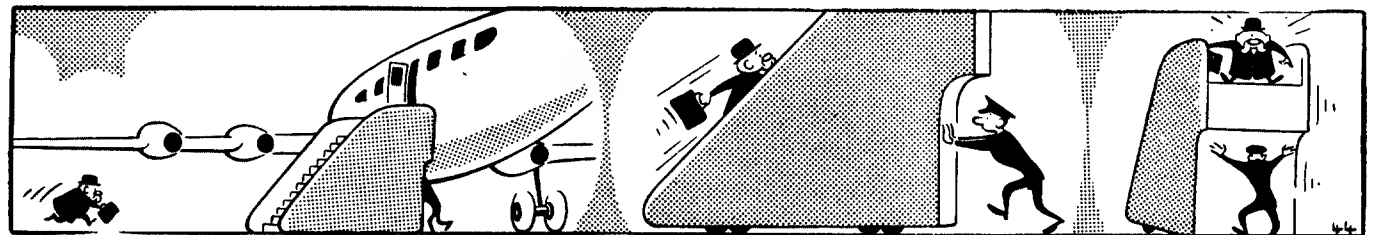
PROFISSÃO: Nas suas ocupações terá de enfrentar dificuldades e alguns problemas difíceis. Faça o possível por cumprir à risca com as suas obrigações e merecer a estima dos seus superiores. Tome cuidado e estude bem as dificuldades que surgirem na sua vida.

SAUDE: Na medida do possível distraia-se e retire da sua cabeça a imaginação de qualquer enfermidade.



AS SIAMESAS

A festinha do segundo aniversário das gémeas Anna e Barbara Rozvckv foi, também, um triunfo para a medicina inglesa. Elas nasceram ligadas houve que submetê-las a rigorosos cuidados no Hospital Infantil de Birmingham antes de separá-las. Durante meses, depois da separação, tiveram de ser alimentadas a conta-gotas. Mas isto é coisa do passado: o presente é um sorriso de felicidade e saúde diante do bolo de aniversário (SUN/DL)

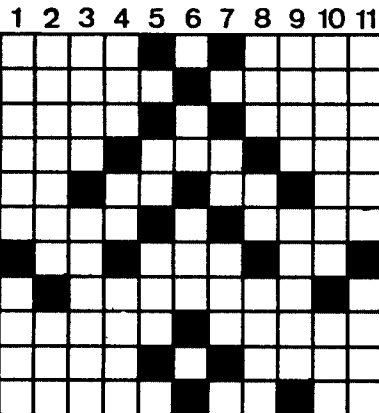


palavras cruzadas

COM PROVÉRBO
PROBLEMA N.º 10122

HORIZONTAIS:

1. Feiticeira. Artigo definido Espinhos.
2. Fim (fig). Demora.
3. Indolência. Bandeja ou salva de metal (ant).
4. O mesmo que três. Carlinga de navio. Senhor em inglês.
5. Batráquio. Pronome reflexo. Apelido. Aqui.
6. Vila e concelho do distrito de Portalegre. Designação genérica das plantas herbáceas (Bras).
7. Antes do meio dia. Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! OH! Abreviatura da palavra inglesa mister.
8. Folgai (fig).
9. Querida. Escrava.
10. Espécie de sargo. Ratas.
11. Tribo indígena brasileira. Nome de Buda, na China. Cânhamo de Manila.



VERTICAIS:

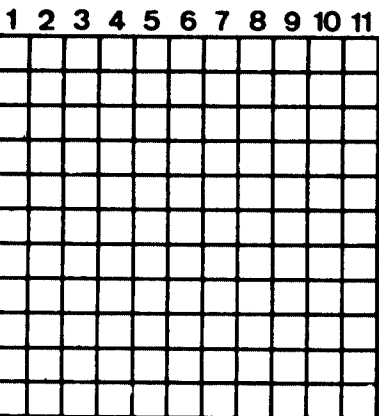
1. Exibe. Mulher muito formosa.
2. Assanhava. Maior.
3. Chora. Soluçara.
4. Guarnição de asas. Abreviatura de Santíssimo. Nome de homem.
5. Pata. Emprega.
6. Quinhentos e um em romano. Pelos de certos animais. Artigo definido.
7. Campeão. Unidade monetária do Japão.
8. Hastes. Actineo (sq). Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar.
9. Artigo indefinido (pl). Aliado.
10. Empregar. Viscera dupla.
11. Constaras. Bens.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6280

HORIZONTAIS:

1. Formiga com asas (T. de Moncorvo). Prensa de penteiro.
2. Limpar com água. Verdadeiros.
3. O fruto da Ubaia-muxama. Nome de 14 reis da Suécia e de 9 da Dinamarca.
4. Preposição e artigo definido. Tremor de terra. Abreviatura que se usa em música.
5. Percebo.
6. Vazias. Dependência onde se guardam louças.
7. Apanha com a boca.
8. Venera. Mais cedo.
9. Galinha (Prov). Rio de Espanha.
10. O mesmo que ion. Acrescente. Seguiam.
11. Planta gramínea. Divido em toros.



VERTICAIS:

1. Género de macacos, que compreende os gritadores. Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes.
2. Ave palmípede. Dizer em voz baixa.
3. Nome de fruto. Autores (abrev). Estimulo.
4. Ofereceis. Diabo.
5. Lavrais. Bário (sq). Esquadrão.
6. Nódos (pop). Mil e quinhentos em romano.
7. Estremeci. Aqui. Seguiam.
8. Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar. Cidade da Galileia.
9. Cardeal e erudito italiano que publicou em 1822, fragmentos importantes de República de Cícero. Solitário. Grupo de três.
10. Freguesia do concelho de Vila Verde. Filar.
11. Insectos lepidópteros que vivem na farinha e no pão. O mesmo que capitão (Prov).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10121

HORIZONTAIS:

1. Creta. Taças.
2. Aoro. O JOGO.
3. Léria. Cúria.
4. Arara. Adiar.
5. Dada. E. Assa.
6. Adoçara.
7. Alota.
8. Cré. Asa. Aam.
9. Riras. Rusga.
10. Iara. Mir.
11. Asara. Seara.

VERTICAIS:

1. CALADO. Cria.
2. Roera. Fria.
3. Errada. Erra.
4. Toirada. Aar.
5. Aa. Oias.
6. Ecos.
7. Ca. Aiar.
8. Ajudara. Ume.
9. Corisa. Asia.
10. Agias. Lagar.
11. Soaras. Mará.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6279

HORIZONTAIS:

1. Arc. Pio. Par.
2. Chaga. Sorna.
3. Aero. Roer.
4. Bio. Friá. Ala.
5. An. Riesi. As.
6. Eram. Amor.
7. Ab. Au.
8. Canal. Antes.
9. Iam. Ais.
10. Liaça. Barre.
11. Varro. Araos.

VERTICAIS:

1. Acaba. MCMLV.
2. Rheine. Ia.
3. Caro. Rançar.
4. Gó. Raba. Cr.
5. Pa. Fim. Lião.
6. Sie.
7. Os. Asa. Ambá.
8. Or. Iman. Ar.
9. Proa. Outara.
10. Anelar. Eiró.
11. Raras. Asses.

PROVERBIO: O JOGO E CALADO



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de realização de trabalhos de remodelação e ampliação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 18 (domingo) das 8 às 15 horas, nas seguintes zonas:

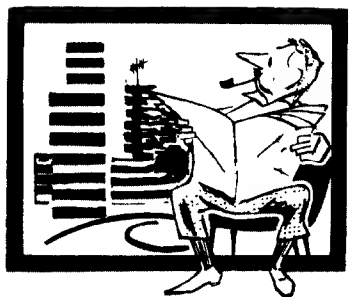
Bairro da Covina, Santa Iria de Azóia, Mira Tejo, Via Rara, Pirescoxe, Pontinha, Bairro do Menino Deus, Urmeira, Porto da Paia, Casal das Canoas, Casal do Troca, Pombais e toda a linha de A. T. entre Pontinha e Pombais.

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 15 DE JUNHO DE 1972.

O Engenheiro Director-Delgado — Casimiro Martins Neves Cabaço.

AOS SENHORES PROPRIETÁRIOS DE PRÉDIOS E ANDARES



Administramos propriedades, tratando da orientação e fiscalização das obras que os prédios necessitem.

ÊXITO seguro

A remuneração do nosso trabalho é feita mediante o pagamento de pequena comissão sobre as rendas recebidas, que libertará V. Ex.^a das preocupações resultantes das actuais dificuldades de mão de obra especializada.

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES INVICTA, LDA.

LISBOA — PORTO

LISBOA — Rua dos Sapateiros, 231-1º — Telef. 34755/369384

LICENCIADO EM ECONOMIA OU FINANÇAS

- do sexo masculino;
- de nacionalidade portuguesa;
- com o serviço militar cumprido, ou dele isento;
- com menos de 36 anos de idade;
- com bons conhecimentos da língua inglesa;

OFERECE-SE:

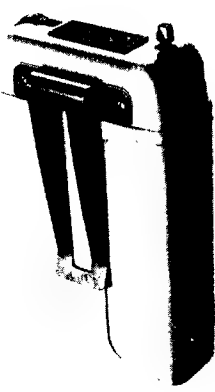
- vencimento compatível com as condições exigidas e responsabilidade inerente às funções;
- 13.º mês;
- subsídio de férias;
- salários diferidos;
- regalias sociais;
- viagens;
- prestígio, estabilidade e progressão.

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

Para um total esclarecimento das condições de admissão, contacte até ao dia 27 do corrente, a Divisão do Planeamento do Pessoal, sita no Aeroporto de Lisboa, Edifício n.º 25, 1.º andar.

TAP

TRANSPORTES
AERÉOS PORTUGUESES



Modelo 707

SURDOS

CASA SONOTONE

Acaba de chegar nova remessa de aparelhos 707, que estavam esgotados. ao preço de 2.500\$00 para as classes menos abastadas. Não hesitem! Vão já fazer um exame, que é gratuito, e uma demonstração sem qualquer compromisso. Também facilitamos o pagamento e trocamos os nossos aparelhos desactualizados, de qualquer marca, mesmo que não sejam da nossa casa. Temos tudo o que há de melhor para corrigir a surdez, pilhas de todas as voltagens, assistência permanente, tanto em Lisboa como na Província. Pedimos uma visita, pela qual ficaremos muito reconhecidos.

EM LISBOA, Poço do Borratém, 33, s/l. — Telef. 86 83 52
NO PORTO, Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 02-3 56 02
EM LUANDA, Rua António Enes, 42-2.º — Apart. 26

televisão



HOJE

1.º Programa (19.00)

EUROVISÃO

Futebol

Transmissão do jogo entre as equipas da Alemanha Ocidental e da Rússia da final da Taça da Europa das Nações

2.º Programa (22.00)

«As seis mulheres de Henrique VIII

2.º episódio



SIEMENS ESTORIL

O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Dia do senhor
13.35 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Série Juvenil — «Robin dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV Educativa
15.00 Expedição

15.30 Tarde de cinema «A Selva em armas»
16.50 Portugal além da Europa
17.15 TV Infantil
18.15 TV Rural
18.45 Domingo Desportivo — 1.ª Edição
19.00 Eurovisão Futebol — final da Taça da Europa das Nações
20.45 TV 7
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Longstreet»
23.00 Fados
23.25 Domingo desportivo 2.ª edição
23.45 Telejornal — últimas notícias
23.55 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e Dó Lá Si
21.00 Série filmada — «Chegou a Lucy»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «As seis mulheres de Henrique VIII»
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Uma mãe para Eddie
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
15.00 TV Educativa
15.25 O circo Kiri
15.30 Telejornal — 2.ª edição
15.45 Cariz TV
16.00 Porta aberta
16.30 Ao serviço da nação
17.00 Na terra do arco íris
17.30 Telejornal — 3.ª edição
18.05 O jogo do galo
22.40 Eurovisão (Basquetebol — Transmissão directa, de Genebra, do encontro Europa-Estados Unidos)
23.30 Telejornal — últimas notícias
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e um dia com...
21.00 Uma mãe para Eddie
21.30 Telejornal
22.00 Fados — 3.ª edição — Fernando Maria
22.20 Noite de cinema — Elefantes em debandada
23.00 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S. Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6226

tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado e o vento era fraco; havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	19.º
COIMBRA	15.º
PORTALEGRE	18.º
LISBOA	17.º
FARO	18.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Elvas

Máxima 28,8.º

Penhas da Saúde

Mínima 6,5.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 14.º
Atmosfera 17,3.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
9.33 3,2 m	2.59 1,4 m
21.52 3,3 m	15.10 1,6 m

Dia 19

10.32 3,1 m	5.59 1,5 m
22.53 3,2 m	16.16 1,6 m

Dia 20

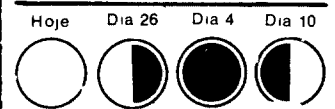
11.32 3,1 m	4.58 1,5 m
23.53 3,2 m	17.19 1,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado alterando com boas aberturas; vento fraco, nevoeiros locais durante a madrugada e manhã; possibilidades de trovoadas nas regiões montanhosas do interior.

AMANHÃ

Nascer às 6.12
Ocaso às 21.05



EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário, onda musical
16.05 Música e cadência
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Exatos em paradas
20.45 Rádio desporto
21.00 Futebol: Retransmissão do relato do jogo Portugal-Chipe da fase preliminar da Taça da Independência da Brasil, efectuado pela Rádio Globo, e transmitido, directamente, da cidade do Recife. Ao microfone Jorge Curi

23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia
00.00 De um dia para o outro
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro
02.00 Fecho

2.º Programa

16.10 Concerto n.º 10 em ré menor op. 7 para órgão e orquestra (Handel)
16.30 Música de piano - Obras de Liszt e Ravel
17.00 Perspectivas da obra de Leopold Mattheias Walzel
18.00 Concerto de domingo - 1.ª parte
18.45 Intervalo, canções malgaches (Ravel)
19.00 Concerto de domingo - 2.ª parte
19.37 «A canção francesa», quarteto do ciclo «As nações» (F. Couperin)
20.00 Diário sonoro
20.20 A orquestra «I Musici»

20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais
21.00 Recital da canto e guitarra por Elisabeta Majeron e Giuliano Balestra
21.30 Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa estereofónico MF2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Oratória «A paixão de Cristo», de João Pedro de Almeida Motta
00.58 Resumo do programa
01.00 Fecho

Rádio Clube

16.00 Projectção
16.35 Tarde desportiva
19.00 Chave do totobola
19.03 Formula 1
19.30 Vedetas e canções
20.15 Comentador desportivo
20.30 De 7 em 7 dias
20.45 A estrela da noite
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Canções ao acaso
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
02.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Pêndulo
17.57 O nosso programa
19.04 Vertice
21.02 Boa noite em fim
22.00 Programa Á gô-gô
00.02 Em órbita dois
01.02 Banda sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Rádio Renascença

15.30 Onda desportiva
18.00 Automobilismo
18.30 Terço e missa
20.00 Zona verde — espaço ocupado pela família
21.00 Meditando
21.03 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Na hora do regresso
23.00 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR
06.00 à 08.00 - 10.00 às 12.00 e 22.00 às 02.00

CLUBE RADIOFÓNICO

DE PORTUGAL
08.00 às 10.00 e 17.00 às 19.30

RÁDIO GRÇAÇA
12.00 às 14.30 e 19.30 às 22.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Teles. R. João de Barros. (T. 638249)

ALCANTARA
Nogueira, R. da Creche. 2(T. 631635)

ALFAMA
Nacional, R. S. João da Praça. 26 (T. 863632)

ALTO DE S. JOÃO
Carrondo, R. Padre Sena de Freitas. 10-A (T. 842518). Oriente, R. Lopes. 120 (T. 843381)

ARCO DO CEGO
Palma, Av. Duque de Avila. 25-31 (T. 47088)

ALVALADE
Cartaxo, Av. da Igreja. 21-C (T. 776358). Brisália, Av. Rio de Janeiro. 66-A (T. 722358). Nova Lisboa, R. Guithermia Suggia. 12 (T. 727721). Av. de Roma. 56-B (T. 715370)

AREIRO
Galeão, Av. Oscar Monteiro Torres. 38-A (T. 774920). João XXI, Av. João XXI. 16-A (T. 726462)

ARROIOS
Matos, R. Alvaro Coutinho. 10 (T. 821671). Nunes, R. Ângela Pinto. 32 (T. 497556)

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, R. do Salitre. 7 (T. 46858)

AVENIDAS NOVAS
Fátima, Av. 5 de Outubro. 147-A (ao cruzamento da Av. Barbosa do Bocage). (T. 763107). Avenidas, Av. da República. 27-A (T. 533688).

BAIRRO ALTO
Veritas, R. da Misericórdia. 135 (T. 324554-327563-4).

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, P. do Norte. 11 (T. 311246)

BAIXA
Barral, R. Augusta. 225 (T. 361534-5)

BELÉM
Remisio, R. dos Jerónimos. 14-C (T. 631699)

BENFICA
Lisboa, R. Cláudio Nunes. 73-A (T. 703393). Sousa, Est. de Benfca. 429 (T. 780027)

CALÇADA DA BOA HORA
Sepoi, C. da Boa Hora. 94-A (T. 631958)

CAMPOLIDE
Patria, C. dos Mestres. 30-A (T. 680627). Gomes, R. Rodrigo da Fonseca. 101-A (T. 682333)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, R. Freitas Gazul. 32-B (T. 671667). Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria. 28-A (T. 688857)

CARNIDE
Leal de Matos, R. Neves Costa. 33 (T. 780781)

CONDE REDONDO
Dutal, Av. Duque Loulé. 21 (T. 48946)

ESTEFÂNIA
Estefânia, R. Pascoal de Melo. 90 (T. 44438)

GRAÇA
Santo António, R. Leite de Vasconcelos. 72-C (T. 862333). Rosas e Viegas, R. de S. Vicente. 31 (T. 864351)

LAPA
Carrasco, R. Presidente Arraça. 39 (T. 667460)

LUMIAR
S. Tomé, Est. do Desvio. Lote 12-C (T. 790704). Alameda, Alm. Jas. Linhas de Torres. 201-B (T. 790742)

MADRAÇA
Nunes Simões, R. do Queilhas. 1 (T. 661275)

MARQUÊS DE POMBAL
Dutal, Av. Duque de Loulé. 21 (T. 28946)

OLIVAIS
Nova dos Olivais, R. E. 1. Lote 469 (Olivais Sul) (T. 316402)

PENHA DA FRANÇA
Carrondo, R. Padre Sena de Freitas. 10-A (T. 842518)

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa. 16-A (T. 72835720703)

RATO
Janeiro, Avenida Pedro Alvaraz Cabral. 100 (Telefone 661458)

REGO
Universitária, R. Alfredo Roque Gameiro. 29-D (T. 778953)

SANTA CATARINA
Modelar, L. dr. António de Sousa Macedo. 7-A (T. 678896)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro. 98-A (T. 768433-764629)

XABREGAS
Salter, R. de Xabregas. 63-65 (T. 381185)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto. 186 (Telef. 2432034)

OBRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto Castro-Lente 10 (Telef. 2430691)

PAREDE
Macau, R. José Elias Garcia. 60-C (Telef. 2471785)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Telef. 261186)

MONTE ESTORIL
Suíça - Cruzeiro, (Telef. 260087)

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra. 40 (Telef. 280170). Nova, Est. de Alvide-Fontainhas (Telef. 281044)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa. 10 (Telef. 234137)

ALHOS VERDES
Portugal, Av. da Bela Rosa. 8 (Telef. 224250)

ALMADA
Cristo Rei, Av. Cristo Rei. 31-A (Telef. 273498)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional. 221-B (Telef. 224141)

BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo. 12 (Telef. 2273443)

COVA DA PIEDADE
Imperio, R. Cabbo da Boa Esperança. 31-D (Telef. 274356)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)

MONTIJO
Higiene, R. Joaquim Marques. 142 (Telef. 230370)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis. 67 (Telef. 229028). Bocagena, R. do Romeu (Telef. 23425)

SETUBAL
Bairros, 8.º Santos Nicolau (Telef. 23330). Soromenho, R. Paiva Coelho. 38 (Telef. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A
Almeida Cunha, Lda, Rua Formosa. 327, Pereiro (de) Rua da Preciosa. 35; Sampaio, Rua de Cedoferta. 636; Saúde, Av. Comb. G. Guerra. 689; Vaz Teixeira, Sucra. Rua do Heroísmo. 56

SUB-TURNO B
Birra, Praça da Liberdade. 125; Costa Lima, Av. da Boavista. 855; Marques de Mendonça, Rua do Ameal. 251; Monte Cativo, Rua do Monte Cativo. 444; São Jerónimo, Rua Santos Pousada. 622

COIMBRA

Dias Ferreira, Rua do Brasil. 70 (tel. 26046); Silva Marques, Rua da Sofia. 129-133 (tel. 23067); Santa Cruz, Rua das Padeiras. 94 (tel. 23569).

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 e 21.30
(Grupo A 6 anos)
«LE MANS»
Em complemento o comentário a cores «Aviões na Agricultura» produção e realização de Francisco Saalfeld

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00 17.00 19.00 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
8.ª Semana
«A REGRA DO JOGO»
Uma obra-prima de Jean Renoir.

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo C (14 anos)
18.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJAS O DELICADINHO DO 5.º» com Alfredo Landa, Jean Luc Godard, Fustemberg e Isabel Garcés

EUROPA
15.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
A SOLTEIRONA com Annie Girardot e Philippe Noiret

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D (18 anos))
«A SOLUÇÃO FINAL»
História de uma vítima acertadamente escolhida com Tomas Milian e Kata Christina

LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Grupo D. M. 18 anos.
«VIVER A SUA VIDA» c/ Ana Karina, Jean Luc Godard
CINEMA - SNACK BAR - PUB THE FLAG
(Faça 3 coisas num sítio só)

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«O GOLPE» com Jean-Paul Belmond e o mar Sharif

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 2.ª semana
«O ÚLTIMO RESGATE» com Kim Darby, Scott Wilson e Tony Musante

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
A TRANSPLANTAÇÃO a comédia do ano e «UMA FORÇA NO SEU CAMINHO»
17.00 - 21.30
Grupo D - 18 anos
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
21.ª Semana «TRINITÀ» (cow-boy insolente) com Buel Spencer e Terence Hill

EDEN (Tel. 320768)
15.00-21.30
«O ESTRAVAGANTE» e «Quando ela era ele»
IX Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa.

ROMA (Tel. 727778)
15.15-18.30 e 21.15
(Grupo B - 10 anos)
«KAT MOLDEN» com George Scott e Parli Malden

ESTÚDIO (Tel. 655134/5)
15.00-17.00-19.00 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
O filme de Jean Luc Godard
MADE IN U.S.A. com Anna Karina e Jean Pierre Leaud

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 5.ª semana
«O AMANTE» com Bibi Andersen e Elliot Gould num filme de Ingmar Bergman

APOLLO 70 (Tel. 763319)
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«PEDRO SO» um filme de Alfredo Tropa, premiado no Festival de Valladolid 1972

POLITEAMA (Tel. 826305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«A FILHA DE FRANKENSTEIN» com Joseph Cotten

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Reg. Verney, Daris Hare e Stephen Lewis «CURVAS NA ZONA» um filme permanente gargalhada uma comédia colorida onde a malandrice anda à solta

ALVALADE (Tel. 717480)
21.00IX Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa.
«Quando ela era ele» e «O Estravagante»

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 e 21.30
(Grupo D-18 anos) 3.ª semana
«VERÃO 42» o filme de Robert Mulligou premiado no Festival de San Sebastian com Jennifer O'Neill e Gary Grimes

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«O SOLITÁRIO DO RIO GRANDE» com Gregory Peck e «IMITAÇÃO DA VIDA» com Laura Teerner

ESTÚDIO 444 (Tel. 655134/5)
15.30-18.30 e 21.45
2.ª Semana
(Grupo C - 14 anos)
«OS DOIS INDOMÁVEIS» c/ David Bradley

CONDES (Tel. 322523)
14.15-16.30-18.30 e 21.45
(Grupo C - 14 anos) 2.ª Semana
«O MAGNÍFICO REBELDE» com Jack Hawkins, Trevor Howard, Michael Caine, Vivien Heilbron e Donald Pleasence

S. JORGE (Tel. 54153/4)
15.00-18.30 e 21.45 2.ª Semana
(Grupo C - 14 anos)
«DA TERRA NASCEM OS HOMENS» com Gregory Peck e Charlton Heston

CASA DA COMÉDIA
Tel. 677299
As Janetas Verdes HOJE e todas as noites pelas 22 horas

«DESEJA-SE MULHER»
d.
ALMADA NEGREIROS
Marc. pelo Telef. 67 72 99
Maiores 18 anos
Subs. Fundo Teatro

ESTE ESPAÇO PODE SER PARA SI!
CONTACTE-NOS!

BARS BOITES

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa Esmeralda Amodeo, Tina Ferreira, Fernando Mauricio. Fados de Coimbra por Loureiro Bravo. Os Aroulos Tocam. Liberto Conde. Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira

FRAGATA REAL — Elenco: Deolinda Rodrigues e Arminda da Conceição em Fado Lisboa, João Queiroz em Fado Coimbra. Acompanhamentos à guitarra e viola por António Parreira e Francisco Gonçalves. Trav. de S. Miguel, N.º 22, Alfama. Telef. 868552

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Natália Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho. Tocam António Luis Gomes e António Proença. Danças Regionais por conjunto privado. Consumo mínimo 60\$00. Encerra ao domingo. Rua Diário de Notícias. 107. Telef. 328307.

FORCADO
Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira, Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa 221. Telefone: 368579

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Zélia Lopes, Tônia e Susana. Tocam Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Aroulos. Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca. 133. Tel. 369760

ARRÉDA Fado amor, orça e cante o fado no Arréda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.ªs feiras. Consumo mínimo 62\$00 (taxa incl.). Rua Alexandre Merculano, 3, Cascais. Telef. 263864.

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones. 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7 - 13. Tel. 34859/35197

TAMILA Marão e s/conjunto. Matinees. todos os dias. Encerra aos domingos. Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.

HIPOPOTAMO Com Helder Reis. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5A. Telef. 48384.

D. GUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. Rua da Trindade, 9. Tel. 327109. Encerra aos domingos.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermi-da e José Luis Tomar; fado de Coimbra e canções internacionais por Olípio Sérgio, Guitarradas por Jaime Santos e Fernando Alvim. Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889. Aberto todos os dias.

TERRA DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver. Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

cinemas

LISBOA Teatros

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«A outra morte de Inês»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pra frente Lisboa»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Um inimigo do Povo»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Deseja-se mulher»

LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

MARIA VITÓRIA
20.45 23.00 (18 anos)
«Pronto a despir»

LISBOA Cinemas

JARDIM
21.00 (14 anos)
«Rainha por mil dias»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Adeus Columbus»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«O Arceiro de fogo»

MAYER
21.00 (18 anos)
«Sol Vermelho»

OLÍMPIA
21.00 (10 anos)
«A Internacional do crime» e «Na pista dos diamantes»

TRINDADE
21.15 (14 anos)
«Vingança da cigana»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«A Transplantação»

ESPLANADA CASTANHEIRA
21.45 (10 anos)
«A Fúria dos Apaches»

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«O Homem que matou Billy Kid»

UNIVERSAL
21.00 (10 anos)
«Duas vezes traidor»

PORTO Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Viva a Pândega»

PORTO Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Digam lo que digam»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«O José do telhado»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Baile do Conde de Orgel»

CINEMA DO TERÇO
21.30 (10 anos)
«O Príncipe Valente»

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«A diligência dos condenados»

S. JOÃO
21.30 (10 anos)
«55 dias em Pequim»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Vidas inquietas»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Jogo na escuridão»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Não desejaras o delicadinho do 5.º»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinità, cow-boy insolente»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Golpe de mestre»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Médico e o monstro»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (18 anos)
«A Década prodigiosa»

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Encruzilhada de sentimentos»

PAREDE
Royal-cine
21.15 (10 anos)
«Marisol e o toureiro»

ESTORIL
Casino
18.30 e 21.00 (18 anos)
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

ESTORIL
Palácio
21.30 (10 anos)
«Passaporte para o desconhecido»

ESTORIL
Eplanada
21.30 (18 anos)
«Um homem perdido»

CASCAIS
S. João
21.30 (18 anos)
«Os impostores»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine-Portugal
21.15 (10 anos)
«A Espada Normanda»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«O Ladrão de Bagdad»

QUELUZ
Que luz Cinema
21.15 (10 anos)
«O Túmulo do pistoleiro» e «3.ª S. 3 Passaporte para a morte»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«O homem a quem chamaram cavalo»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«A Amante»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Malandro»

BARREIRO
Cine Barreirense
21.00 (10 anos)
«Nem sempre se pode ganhar»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«Romance em Acapulco»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Os cavalos também se abatem»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Não sou digno de ti»

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Trinità, cow-boy insolente»

GIL VICENTE
21.30 (10 anos)
«Grupo Gulbenkian de Bailado»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Doc-Vento do Oeste»

LEIRIA/cinemas

LEIRIA/Cinemas
21.30 (14 anos)
«Vagabundos Selvagens»

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30)

DL/DOMINICAL

REPORTAGEM

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-192, 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DBOA. TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

● Texto de
RIBEIRO
CARDOSO

MISSSES AO AR LIVRE

Miss Bélgica, 24 anos, cara de menina: «Sou mane-
quim e já estou satisfeita por ter ganho o título no
meu país. O que mais me interessa é conhecer terras
e pessoas, e sonhar, sonhar nem sei em qué. Sei muito
bem que não serei Miss Europa 72.

Miss Irlanda, 21 anos, muito alegre e de olhos maro-
tos: «Sou manequim já sou «miss», gosto de viver a
vida e é maravilhoso poder estar aqui a passar estes
dias. O IRA? Não sei, não quero falar disso, pode-me
trazer problemas quando voltar. Gosto imenso do vinho
de Portugal. Vai um copo?

Na lezíria ribatejana passei um dia com as misses.
Nunca tinha visto nenhuma tão perto de mim, mas tinha
já as minhas ideias sobre as misses, lá isso tinha.
De resto, como toda a gente, pois bem ouvi e registei
a conversa das muitas senhoras de meia-idade que apa-
receram, curiosas, entre as mais de duas centenas de
convidados da casa agrícola Francisco Ribeiro, ali perto
do Cartaxo. Numa coisa aquelas senhoras que cochicha-
vam, miravam as misses estavam de acordo comigo: uma
jovem com direito a um título daqueles devia ser di-
vina, linda até mais não, um físico com tudo o que de
bom o Criador é capaz, um olhar fatal, um andar sensu-
al, e tudo o mais que Vossências desejarem. E aqui co-
meçou o primeiro choque: quando elas apareceram, anu-
ciadas por grande foguetório, a ima-
gem feita acerca do que deve ser uma missa, começou
a desfazer-se. Muitas delas não devem nada ao Divino
Criador e, se aquilo são misses eu vou ali e venho já



Iris, Manuel dos Santos e miss Noruega



Nórdicas: Finlândia, Noruega e Suécia



Miss Irlanda estava muito alegre

MISSSES SEM FACHADA

Garanto e juro a pés juntos que concordo plenamente
com as senhoras de meia-idade: algumas daquelas mis-
ses não têm nada de especial. Para cúmulo, entre os
convidados estavam algumas jovens portuguesas que
faziam inveja a muitas misses. Só que a minha teoria
caiu pela base quando, durante o almoço, a discreta
e bela (também as havia, que diabo...) Anne Marie Roger,
miss Bélgica, me dizia com os olhos mais sérios deste
mundo:

«Mas uma miss é uma mulher como outra qual-
quer!»

Aí, fiquei a pensar. Que diriam as «madamas» se
ouvissem Anne Marie pronunciar tais heresias?

PASSEIO NO CAMPO

«Não gostei nada da tourada. Acho estúpido. Não
tenho nada a ver com aquilo.

Anne Marie passeava sôzinha por entre os convidados,
abrigada do Sol quente por um enorme guarda-sol preto
a que achava piada. Durante a tourada já tinha reparado
nas suas expressões tristes, olhando desinteressada o

que se passava na redondel. O alheamento continuava
durante o almoço ao ar livre:

«O meu pai é militar e com ele estive três anos
na Alemanha. Não podia aguentar aquela vida e tor-
nei-me manequim. Gosto da vida que tenho, pois o
meu trabalho é variado e não me maçã. Telefonam-me
e eu vou fazer um serviço durante duas ou três horas.
No outro dia vou fazer uma coisa diferente e assim
sucessivamente. Com a vantagem, claro, de viajar muito,
pois as fotos que tenho de fazer exigem enquadramentos
diferentes.

Enquanto as outras misses se reuniam em pequenos
grupos, comendo e bebendo ruidosa e alegremente, An-
ne Marie foi dizendo:

«Esta foi a segunda vez que concorri. Palavra
que o fiz só para poder conhecer mais terras e pessoas.
Na Bélgica as finalistas vão passar 15 dias a Espanha
para se bronzearem e isso foi um grande incentivo para
mim. O ano passado fiquei em 5.º lugar e passei duas
semanas em Fuengirola. Foi bom, poder apanhar aquele
sol todo». De repente, apontando para todos os que
nos rodeavam:

«Não percebo como as pessoas podem comer
tanto. A alimentação aqui é pesada. É incrível.

Envergonhado, deixei Miss Bélgica. Eu estava a comer
uma grande posta de bacalhau e ela só se alimentava
de fruta. Deixei-a ir montar um dos cavalos à solta
que ela há muito olhava com amor.

REINO UNIDO ALEGRE

«Why don't you smile?»

Miss Irlanda preocupava-se quando via alguém que
não sorria. Sempre bem disposta, muito alegre, o mais
anti-miss possível, ela tinha gostado muito da tourada
e bebia com vontade:

«I am funny, am I?»

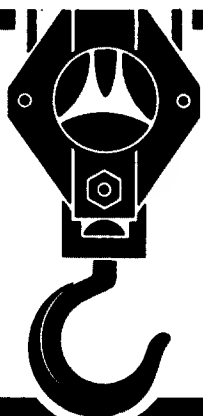
As pessoas que a rodeavam diziam que sim. Sentada
num fardo de palha coberto com uma manta colorida,
ela convivia com uma série de jovens convidados, junta-
mente com as Misses de Inglaterra e Escócia.

«Nós as três somos manequins — esclareceu a
jovem irlandesa Evelyn Burne. «Quer um palpite? Quem
vai ganhar vai ser miss Inglaterra. Eu não tenho hipóte-
ses, mas gosto disso».

A solidariedade entre as representantes do reino bri-
tânico era evidente neste palpite da «miss» que, por
medo não queria falar do IRA. Aos poucos, a lezíria
foi-se enchendo de um bulício desusado. Num estrado,
os componentes de um rancho folclórico suavam a bom
suar tocando e dançando para divertir misses e seus
acompanhantes. E em breve, bem comidas e bem bebi-
das, elas dançavam alegremente, deixando as poses,
o andar estudado, o sorriso estereotipado e o olhar
fatal. As misses ali eram mesmo mulheres de carne
e osso que se divertiam à grande e à irlandesa. Na
viagem de regresso, Miss Irlanda, Miss Escócia e Miss
Inglaterra, dormiam a bom dormir nos carros conduzidos
com segurança por jovens empregados de uma casa
que aluga carros.

CLARO: UMA TOURADA

Como não podia deixar de ser no Ribatejo, arranjou-se
uma tourada para as meninas candidatas a miss Europa.
Manuel dos Santos e o cavaleiro Gustav Zenkl exibi-
ram-se a preceito e arrancaram fortes aplausos da assis-
tência, quase toda entendida nestas coisas. No entanto,
as habilidades tauromáquicas não ficaram por aqui e
miss Espanha, toda «salero» e muito «miss», pegou
na capa e foi para a arena mostrar que também sabia
daquilo. E claro que Manuel dos Santos deu uma ajuda
muito grande e, no fim, lado a lado, deram uma volta
à praça. Tudo estava no seu lugar «en su sitio»: arte
mariaiva e beldades europeias andaram de mãos dadas.



ALUGUER DE GRUAS

(AUTOMÓVEL E DE LAGARTAS)

9T a 55T de capacidade • lanças até 65m de altura

MONTAGENS
DESMONTAGENS
CEDÊNCIA DE PESSOAL



MUELLER
MONTAGEM

Praça do Areeiro, 8-9º ★ Tel. 727056/7 ★ LISBOA



UNIVERSITÁRIOS QUE SE PREPARAM PARA EXAMES

BIO-STRATH

SUPER ALIMENTO NATURAL
À BASE DE LEVEDURA

Restitui ao organismo as en-
ergias necessárias para o desen-
volvimento físico e intelectual.

Aumenta as possibilidades de
sucesso escolar.

Revigora as células e equilibra
o sistema nervoso.

Produto Suíço preparado por
STRATH LABOR - ZURICH

A VENDA NAS FARMÁCIAS

as suas
ferias 72

CAPRISTANOS
TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loulé, 47 A Tel. 560171

VIAGENS INDIVIDUAIS

Avião e Autocarro:

Londres e	7 dias	5.121S
Edimburgo	10	7.270S
Austria	10	7.270S
No Coração		
dos Dolomitas	19	10.350S
Istambul e		
Balcãs	22	14.950S
Escandinávia,		
Rússia e Poló-		
nia	20	16.120S
Grande Circui-		
to Suíço	9	8.350S

Só Avião:

Palma de	3 dias	2.400S
Mayorka	7 dias	4.675S
Amsterdão	7	28.710S
África do Sul	19	28.710S
(*) Dinamarca		
e Noruega	12	15.850S

Avião e Automóvel:

Suíça	8 dias	5.900S
Itália	9	6.400S

VIAGENS DIVERSAS

Charters a

Londres	8 dias	3.350S
Escócia	8	5.590S

Madrid em au-

tocarro	7	1.970S
Sevilha em au-		
tocarro	5	1.600S

Grande Variedade de Viagens

11 desde 7 dias — 2.020S00

e circuitos Europeus em Auto-

carro com saída de Madrid

TAMBÉM TEMOS VIAGENS ACOMPANHADAS

(*) D.sconto aos familiares.

CONSULTE-NOS



Portugal dispara o tiro: Maracanã é o último alvo

E aí temos a selecção de José Augusto a fazer bonito em terras do Brasil: a prenda que enviamos a nossos irmãos no ano da centena e meia festiva. Primeiro, o Equador. Depois, a Pérsia. Mesmo dando de barato que os adversários não

eram grande coisa, sempre foram duas vitórias. Dinis (goleador) e José Henrique (guarda-redes inviolável) são personagens que Neves de Sousa foca em «Seleção faz exame de saúde», no sensacional «Praça-a-praça» de hoje. (Última página).



Fernando Mendes:
réplica vermelha
a «rei» Agostinho
Pág. cinco

Andebol com elas:
meninas animaram
desporto na moda
Centrais



VOLEIBOL: TÉCNICA PARA PRINCIPIANTES

Vamos debruçar-nos sobre a técnica do voleibol, procurando transmitir o que durante muitos anos fomos aprendendo.

O voleibol requer duas condições dominantes: a física e a psíquica. Na física, deve o jogador reunir velocidade, força, descontração, resistência e reflexos. Na psíquica o jogador tem de possuir coragem, paixão pelo jogo, espírito de sacrifício e dedicação pela modalidade.

Estas condições são ideais para um praticante de voleibol demonstrar a sua técnica individual: base para uma execução perfeita de todas as fases por que passa um jogador, quer nos treinos, quer nas competições.

A evolução do treino das equipas (e até a própria competição) tem sido modificada à medida que têm aparecido novas concepções técnicas e táticas. A uma melhoria de recepção correspondeu um aperfeiçoamento do «serviço» (acto de colocar a bola em jogo). A uma melhor defesa baixa, sucedeu um remate com mais força. Para travar o remate em força, uma defesa alta à rede (bloco) eficiente. Para anular o bloco, o remate em jeito — o «amortee». Para defesa da bola colocada, uma melhor tática defensiva na cobertura dos bloqueadores. E assim por diante.

No ensino do voleibol há que ter em consideração que se deve seguir uma escala gradual, devendo evitar-se acumular os jogos com os treinos para não astimular erros: que, fatalmente, seriam cometidos pelos praticantes, dada a sua pouca experiência e a insipiente técnica para executar os diferentes «passos» do voleibol, na escalada que vai do conhecimento do mais simples gesto à execução do mais adiantado pormenor.

Como características gerais, podemos apresentar oito aspectos técnicos da base do voleibol que é fundamental ensinar e fazer executar pelos que se iniciam na modalidade, melhorando e aperfeiçoando a sua técnica de execução: porquanto é impossível adaptar a colectiva de má técnica individual uma tática colectiva eficaz.

Eis os oito gestos técnicos da base do voleibol:

1. A posição fundamental; 2. A deslocação no terreno; 3. O passe a duas mãos; 4. O passe em «manchete»; 5. O serviço; 6. O remate; 7. O bloco; 8. A defesa em mergulho.

Há, pois, que estabelecer um programa de ensino dos gestos técnicos da base do voleibol: ministrá-los e à medida que os treinos decorrem exigir a sua execução perfeita para apuro da técnica individual.

Mais tarde (e com o aperfeiçoamento da técnica individual) começa-se a estabelecer a tática global, que é o agrupamento da técnica individual dos jogadores que compõem uma equipa.

Vamos, portanto, analisar cada gesto técnico. 1. A posição fundamental; 2. A deslocação no terreno e 3. O passe a duas mãos.

Pés à largura dos ombros. Um pé à frente do outro. Pernas ligeiramente flectidas. Peso do corpo sobre as duas pernas: Mãos à altura do queixo. Cotovelos para baixo.

Não inclina o tronco à frente. Para apurar o equilíbrio levanta primeiro um pé depois o outro.

Extensão simultânea dos segmentos voltando à posição-base.

Para apuro da técnica, junta à posição fundamental a deslocação no terreno.

a) — Passo de corrida para a frente e para a retaguarda.

A deslocação faz-se utilizando sempre o passo de esgrima, com pés paralelos, sem os atirar para o lado.

Quando avança ou recua, o pé de trás (ou o da frente) junta-se ao pé que se desloca.

b) — Passo de corrida lateral.

O pé que se desloca espera pelo que se lhe vai juntar, mas quando pára na posição-base fica sempre um pé à frente do outro.

A estes gestos juntamos agora o do passe e, teremos:

A extensão do corpo para o passe começa nos pés e termina na ponta dos dedos das mãos, esticando todo o corpo e juntando as mãos no fim.

O juntar das mãos no fim pode contribuir para evitar um afastamento (errado) prematuro das mãos: que, conduz, a um mau batimento de bola ou permite que esta se escape entre as mãos indo atingir o rosto.

Há que treinar o passe sem bola, efectuando todo o movimento, tendo em consideração que a execução é sempre feita na posição média — meia flexão de pernas — quer para a frente, para a retaguarda ou para a lateral, o que não quer dizer, evidentemente, que não possa ser treinada em grande flexão de pernas, o que todavia não é de aconselhar em jogo.

O treino da posição, deslocação e passe, sendo efectuado sem bola, passa depois a ser executado com a bola agarrada: e, para uma melhor exemplificação, o agarrar da bola deve fazer-se com esta parada no chão. Há que referir que o batimento da bola é feito com as 1.ª e 2.ª falanges, acabando os dedos na posição vertical.

No estudo da técnica individual do passe com duas mãos (o usado em 97 por cento dos casos) pode constatar-se que os melhores levantadores do mundo mantêm a bola em contacto com as mãos mais tempo que muitos outros levantadores, mercê da sua apuradíssima técnica, o que vem demonstrar a minúcia e o tempo de treino a que um jogador se tem de submeter.

Continuando com o estudo do passe temos:

3. O passe a duas mãos; 4. O passe em «manchete».

Visto o passe mais simples (o de frente) vamos agora falar sobre os outros tipos de passe com as duas mãos:

PASSE EM SUSPENSÃO — A mesma posição base; braços meio flectidos; mãos à altura da cabeça; batimento da bola sobre a cabeça sem nunca estender os braços.

Se bem que não tivéssemos indicado exercícios para o passe de frente, devemos mencionar que o programa de trabalho estabelecido para tal tipo de passe pode alargar-se ao passe em suspensão, mas sem os pés em apoio, tendo em atenção que o jogador não deve descolar-se para o passe em suspensão enquanto a bola não atingir o máximo da sua trajectória.

Para os jovens iniciados devemos aconselhar o treino deste tipo de passe só a partir do segundo ano de aprendizagem na modalidade.

PASSE DE COSTAS — As mãos na mesma posição do passe em suspensão ou mesmo sobre a cabeça; pernas meio afastadas; inclinação do corpo à retaguarda quando do batimento da bola e extensão de todos os segmentos.

Este tipo de passé serve para tentar bater a defesa alta à rede (fintando os bloqueadores contrários) e deve ser executado com a menor denúncia possível, o que exige uma técnica apuradíssima e um treino intenso.

PASSE EM «MANCHETE» — Os jogadores checos já haviam adoptado (há largos anos) a «manchete» no batimento da bola, efectuando-a sobre as mãos, mais exactamente sobre os polegares. A introdução da «manchete» japonesa faz com que o contacto com a bola se efectue sobre os antebraços, tendo estes a parte de dentro voltada para cima.

A conjugação — pernas, tronco, braços — deve tomar parte na «manchete» para o batimento da bola, com extensão de todos os segmentos. Passe de reconhecida imprecisão, e que só deve ser executado numa situação de emergência — segundo a nossa opinião.

Requer este passe (ou batimento de bola aquando da recepção ao serviço contrário), um treino persistente e activo, já que a colocação da bola no local pretendido pelo jogador que executa a «manchete» tem de ser impecável.

Num breve aparte, diremos que não vamos indicar aqui os métodos de treino que podem ser utilizados, já que estas anotações apenas visam a divulgação da técnica da modalidade, com algumas considerações que possam conduzir a uma melhor análise dessa mesma técnica, dando ao mesmo tempo uma ideia — do que é o voleibol.

FERNANDO MONTEIRO



Abram-se as fronteiras da condescendência, porque vem aí um brilhante raio de Sol: são meninos e meninas de tenra idade em sarau ginástico, que esquecem a obrigatoriedade do esquema para identificarem o pai, a mãe, a avó, de entre a vasta assistência. Empoleirados em cadeiras a que só do dois dias de amanhã trarão mais centímetros de altura), elas e eles levantam os braços mas espreitam pelo canto do olho: a luz forte dos holofotes tapa-lhes a visão e eles esquecem que lhes iluminam as figuras.



Pés juntos e unidos. Tronco bem direito. Braços puxados para trás. Há o batimento das garrafas de madeira: mas, apenas para marcar a cadência do exercício. O esquema lá vai sendo cumprido (com maior ou menor cuidado por parte dos executantes) mas o sorriso de cada rosto é reacção natural nunca dantes ensaiada. É o raio de sol espreitando nos lábios inocentes, qual sorriso pelo gosto de viver a vida.

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

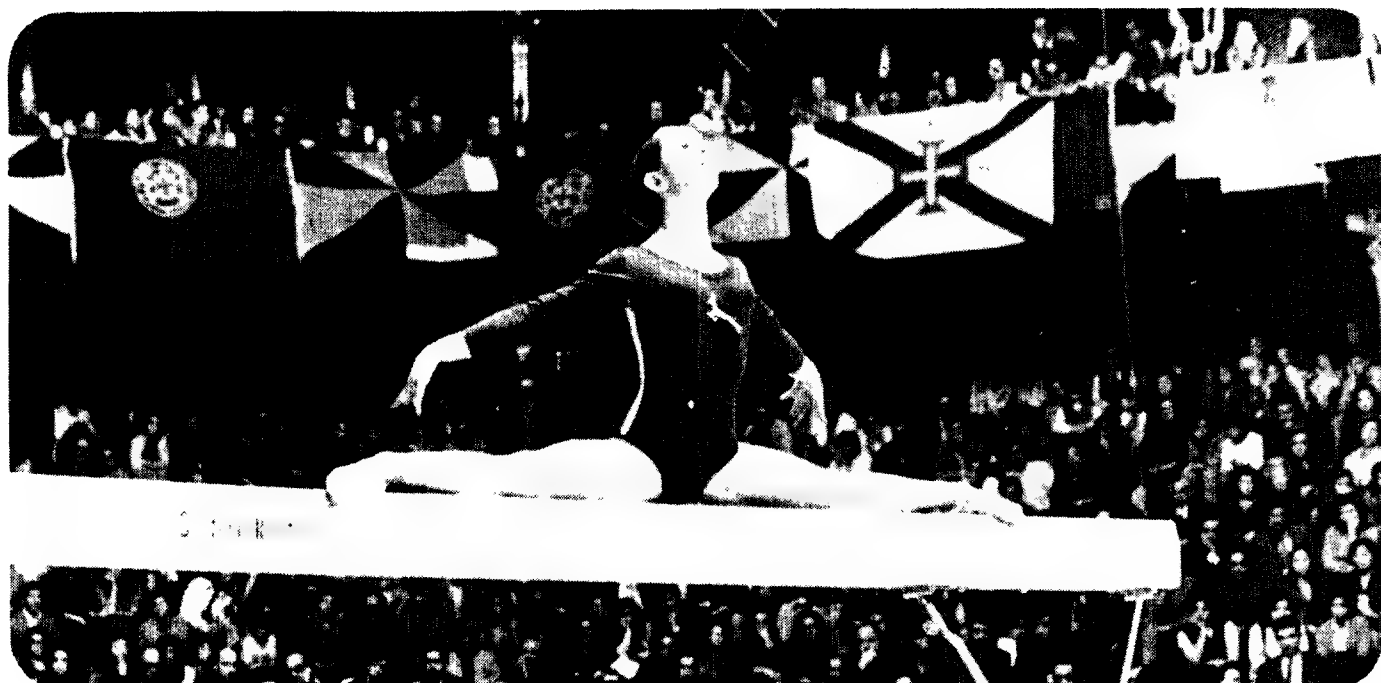
Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

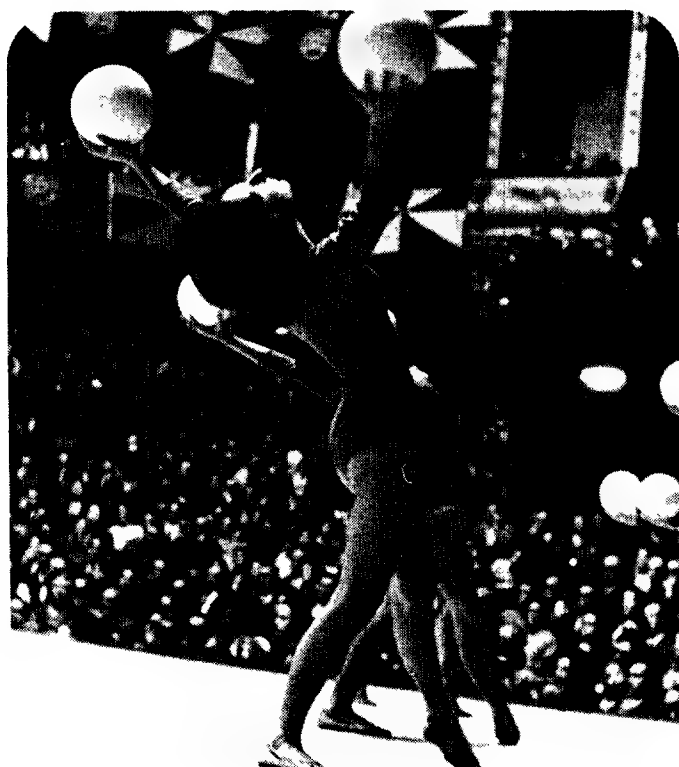
UM RAIO DE SOL

Texto de ORLANDO DIAS AGUDO

Fotos de ACÁCIO FIGUEIREDO

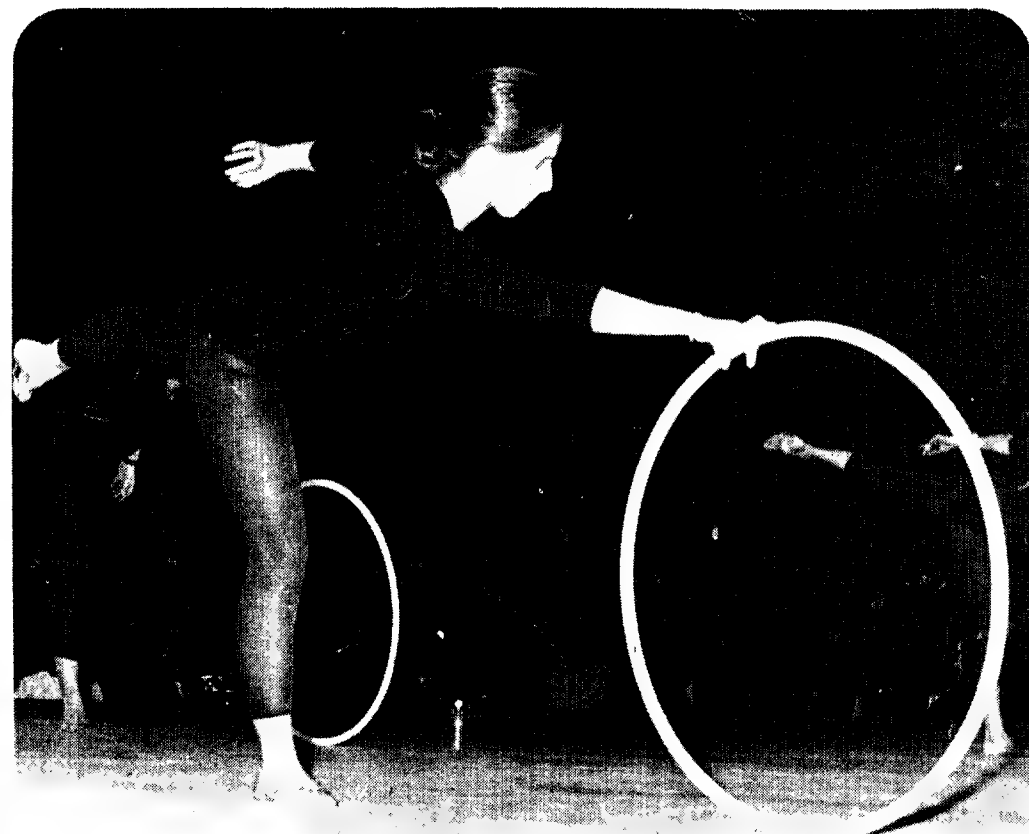
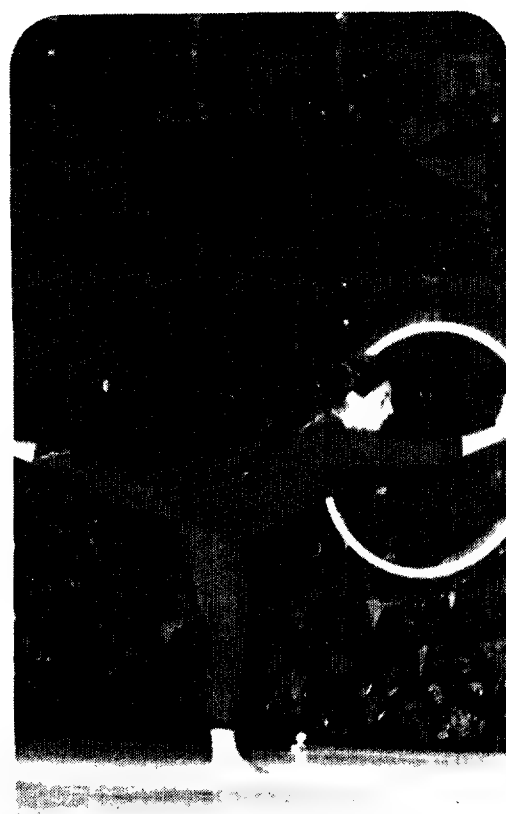


Vem a trave; e com ela o equilíbrio, a destreza e a flexibilidade. Atributos de uma juventude sem complexos: que ama a ginástica e a ela se dedica sem reservas. Na posição correcta, moram os olhares dos assistentes: admiração, fascínio e, também, uma sombra de desgosto pela mocidade perdida noutras aventuras. O equilíbrio da vida (tal como a destreza) conquista-se nos primeiros anos: e a doutrina exemplifica-se nas imagens que ficam aqui.



E legância nas sombras ou sombras na elegância? Para responder à pergunta (para decifrar o enigma) que venham os entendidos na matéria: nós, contentamo-nos com a visão magnífica dos vultos em movimento. Dançando no espaço, orando no solo, jogando com a bola ou mirando-se na palma da mão como espelho polido, encontramos nestas imagens o verdadeiro significado

da estética, a verdadeira beleza da cultura física. Que importam os problemas de espaço, de vivência, de mutação, se no exercício tudo resulta fácil e alegremente colorido? Olhando os céus, mirando o infinito: isto é graça, elegância, beleza. A gente esquece o mundo e mergulha no pensamento.



E há os arcos: para ajudarem na função, para emprestarem sortilégio. São as figuras que se desenhavam no espaço, planos perpendiculares e oblíquos que desafiavam o horizontal, numa fusão de perspectivas que fere a mente mas distrai o espírito. Na solidão de cada executante, adivinha-se o traço de união do vizinho, dum conjunto que se casa e proporciona

espectáculo. Ontem, era o subir da cadeira, a espreitadela à plateia para descobrir a família, a pouca convicção no cumprimento do movimento: hoje, a graciosidade e a certeza dos gestos, buscando no arco o círculo da própria vida. Ou a uniformidade de uma vida que se conquista no presente, para garantir o futuro.

COLECTIVIDADES POPULARES

Por ALEXANDRE PAIS

IMPÉRIO DO CRUZEIRO: VENERADOR E OBRIGADO

Num discurso proferido há dias na sede do «Vendedores de Jornais» o Governador Civil de Lisboa disse em dado momento: «as colectividades de cultura e recreio são expressão e alma do povo luso».

No Clube Desportivo Império do Cruzeiro, recebe-nos o sr. Augusto da Silva, de 56 anos, tipógrafo de profissão e que foi, durante sete anos, presidente da direcção da colectividade. Começa por nos dizer:

«A Câmara e o Governo Civil têm-nos auxiliado bastante. Embora não seja com finalidades desportivas vai tudo dar ao mesmo».

Então optimo. Havendo tanto quem se queixe, sabe sempre bem ouvir os que estão satisfeitos com o apoio que recebem. Mas, agora, vamos à história do clube:

«Esta colectividade foi fundada em Agosto de 1961 por um grupo de rapazes ainda novos, de tenra idade, que lhe deram o nome que hoje tem. Depois, manifestaram-se umas deficiências e começaram a entrar homens que se apoderaram da sua directriz. E assim foi progressivamente andando até à actualidade. O clube é um pouco modesto por natureza, visto que o ambiente é pobre e está localizado num ponto de trabalhadores de baixo vencimento. Por isso temos dificuldades na parte económica».

O Império do Cruzeiro tem cerca de 370 sócios. As quotas são de 5\$00 para as crianças, 6\$00 para as senhoras e 10\$00 para os cavalheiros. Mas há quem não pague:

«Nem todos estão dentro desse pagamento, visto que uns andam na tropa, outros no hospital e outros, enfim, têm



Augusto da Silva: «Não somos desprotegidos da sorte».

as suas dificuldades na existência».

A direcção é actuante? «Bem, ela procura sempre melhorar e tem aspirações bastante fecundas, o que é difícil de encontrar».

Quais as modalidades que se praticam no Império? «Oficialmente, o futebol (juniores e seniores), o andebol e o ténis de mesa. Não temos ginástica por falta de recursos para pagar a uma pessoa competente. No entanto, as maio-

res dificuldades estão no futebol».

Da agremiação instalada no 166 da Rua do Cruzeiro, saiu, não há muito, o defesa Amaral: chamado por Meirim para o Belenenses que ia ser campeão. O moço tem valor, até porque escapou agora à minideputação de Scopelli. Interessa (pois) saber quanto recebeu o Império pela cedência do documento desvinculativo do jogador:

«Nada. Nem um tostão. No fim de cada época os nossos jogadores são absolutamente livres de se transferirem para onde quiserem. Não lhes podemos pagar, por isso também não os prendemos aqui. Nós disputávamos a 1.ª divisão distrital e não nos aguentámos por falta de verbas. Agora estamos na 2.ª e para lá nos mantemos é preciso muito sacrifício. Enquanto não tivermos o campo...»

Ora cá estamos, no sítio onde bate sempre o ponto. Então como está isso do campo?

«Tivemos uma conferência com o sr. presidente da Câmara que nos prometeu uma parcela de terrenos. Depois o sr. director do Parque Florestal de Monsanto teve a amabilidade de nos marcar esse terreno

que fica na parte norte junto ao muro da Tapada da Ajuda, aqui ao cimo do Casalinho. Agora, já temos feito vários pedidos mas por enquanto não obtivemos qualquer resposta. Sendo assim a coisa tem de ficar parada».

E ao fim e ao cabo, lá vem a insatisfaçãozinha costumeira:

«É lamentável que as entidades oficiais não façam uma fiscalização a estes clubes porque eles merecem mais consideração. E outros há que também justificam mas é natural que se dê prioridade aos que, de facto, mais merecem. E isso não se está a verificar».

O clube tem em actividade cerca de 70 atletas, a maior parte deles ao pontapé na bola. Mas logo os mais pequenos, os que formam a equipa de juniores, revelam aquela particularidade:

«Somos cem por cento amadores e não podemos contribuir com remuneração aos atletas. A massa de juniores também já tem as suas exigências. São elementos que se julgam futebolistas a valer: e, de facto, talvez eu «vá» por eles. Pois se vamos jogar com certos clubes e eles sabem que os jogadores desses clubes



As modalidades diferentes

vão ganhar «algum» e eles não recebem coisa nenhuma... Daí talvez lhes nasça um certo complexo: «porque fulano que está em tal parte joga menos do que eu e afluere «xis» de regalia e para mim, que estou aqui, não há uma contemplação». Que é que se há-de fazer?»

Como não possui campo próprio, o Império toma de aluguer o terreno do Boa-Hora. Isso, vai não vai, traz problemas: «A nossa massa associativa, às vezes, expande-se: e o Boa-Hora chama-nos à responsabilidade. São sempre coisas aborrecidas...»

Nas traseiras da sua sede (alugada à Câmara por 120\$00 mensais) a colectividade vai construindo, à custa dos braços dos seus associados, um parque de jogos onde se possam praticar as chamadas (porque abandonadas) «modalidades pobres». E a parte cultural? Vamos ver o que nos diz o sr. Augusto da Silva, que chamou a si o difícil encargo de organizar a biblioteca do clube:

«A massa associativa é um pouco baixa na sua parte cultu-

ral, pois é quase toda só trabalhadora. Lá se encontra um ou outro elemento que ambiciona modificar a sua estrutura; mas isso é curto. A colectividade não p o d e, portanto, ter grandes aspirações, derivado a esse ambiente. Mesmo assim, temos uma parte de escrita montada à altura e uma biblioteca de vulto (mais de mil exemplares) que se deve agradecer à Câmara. Há também por aí alguns rapazes com uma certa habilidade para modalidades diferentes, como seja o bilhar: mas o clube não pode atender as suas pretensões. Enfim, sabemos o que queremos, mas não podemos ter aquilo que queremos».

Também eu queria assentar ideias, pôr a casa em ordem, e já estou a ver que não consigo. Bem, sendo como salta à vista vamos então ouvir falar das finanças do Império do Cruzeiro:

«Temos a parte de quotização que é medíocre, a parte do bufete que é média e temos, então, o subsídio: que é uma parte que podemos considerar rica. Não somos desprotegidos da sorte. Claro que temos dívidas: de agradecimento para com as entidades oficiais; monetárias, que estamos em amortização, e dívidas ainda para a massa associativa (derivado ao seu comportamento) e para a parte directiva (pelo seu esforço desinteressado)».

Meus caros: aqui fica (nas partes suficientes) a história do Clube Desportivo Império do Cruzeiro. E, por hoje, mais nada. Fico-me nos pensamentos. Vocês compreendem, não?



A turma futebolista de honra do Império do Cruzeiro.



Os mais novos do futebol no Império.

ESQUEÇA O PASSADO!

Aconteceu-nos a todos: a cassette chegou ao fim, esquecemo-nos de desligar o gravador e as pilhas foram-se... Também nos aconteceu a todos adormecer com o rádio ligado e acordar sem pilhas. Tudo isto pertence ao passado, agora que a NATIONAL lançou os novos rádios gravadores de cassetes com AUTO STOP.

O que é o AUTO STOP?

Um dispositivo que lhe desliga o gravador, quando as cassetes chegam ao fim.

O AUTO STOP não se limita a evitar o desgaste das pilhas — evita o desgaste das peças do gravador e a distorção das fitas magnéticas. Os novos rádios gravadores de cassetes da NATIONAL têm outra vantagem — um dispositivo que o desliga automaticamente, decorrido um certo tempo, para V. adormecer descansado...

Com o rádio gravador de cassetes da NATIONAL, V. esquecerá rapidamente o passado.



NATIONAL

sonipol
LISBOA - PORTO

Radio cassette

Uma história amável

Se, na Grécia Antiga as guerras paravam para que as Olimpíadas se realizassem, na era moderna dos Jogos as Olimpíadas têm parado para que as guerras se realizem...

Já vimos que, de 1912 a 1920, os guerreiros tomaram o lugar dos atletas. Como, durante esse período, o mundo assistiu aos preparativos (de que não parece ter dado conta) da primeira guerra mundial, ao desenrolar (dizem que cavalheiresco) da mesma, finalmente, é reflexão sobre a dita: que deixou em embrião uma outra, corrigida e aumentada, para «lançamento editorial» em 1939.

Pois bem, em 1920, dois anos passados sobre o termo da Grande Guerra, numa Europa mal refeita, de feridas, de muitos ódios, numa Europa que mais escondia do que resolvera seus problemas, eis que a Bélgica é escolhida para cenário das sétimas Olimpíadas. Muito lamentando o facto, e invocando «um estado psíquico especial e ainda muito vivo», o Comité Internacional acordou na não participação dos alemães e dos aliados. A Bélgica conheceu-os de perto uns anos atrás. É de que maneira...

Mas, vamos aos jogos. Logo de início, uma novidade: pela primeira vez a bandeira olímpica tremulando ao vento. Dese-

FERNANDO MENDES:

A RÉPLICA MAIS FIRME
A JOAQUIM AGOSTINHO

Fernando dos Reis Mendes: sabem quem é?

Nasceu em 15 de Setembro de 1946 em Rio Meão (Vila da Feira). Pois: é o ciclista, claro. E enverga (desde 1966) a camisola rubra do Benfica. Hoje, ele é o grande émulo de Joaquim Agostinho: com quem tem vindo a repartir os prémios e as honras maiores da velocidade nacional. O Mendes que, na última edição do Porto-Lisboa, cometeu a proeza de bater (com meia hora de diferença) o «record» que há já um bom par de anos era pertença de outro grande nome do nosso ciclismo: José Pacheco, o portista saudosos.

Fernando Mendes, começou para o ciclismo em 1964, inscrevendo-se como iniciado na Ovarense. Nesse mesmo ano transitou para os juniores e chegou a senior. Proezas lá pelas redondezas começam a concitar sobre si as atenções dos «grandes» do ciclismo: durante a época de 1965 concorre a várias provas com o rótulo de «independente» e, de seguida, 1966 chega e ele ingressa no Benfica. Logo nesse ano vence o Campeonato Regional de Rampa, o Circuito do Cartaxo e, pela primeira vez na «Volta a Portugal», consegue chegar ao fim e classificar-se na nona posição. Para trás dele haviam ficado nomes que pontuavam no ciclismo de então.

No ano imediato o seu «gabarito» é reconhecido: muito embora pouco mais de notável houvesse feito que ajudar o seu clube a vencer o Campeonato Nacional de Perseguição e obtido o 4.º lugar na prova maior do calendário... a «Volta».

Mas 1968 já conta com ele como grande ciclista. Primeiros lugares nos prémios «Robbially» e «Casal», segundos, lugares no «Grande Prémio da Flandria» e no 38.º Porto-Lis-

boa. Na «Volta a Portugal» classifica-se em sexto. Estava lançado.

O ano seguinte é de glória para o seu nome. Ganha o Circuito de Rio Maior, o «Regional» de Rampa e o «Regional» de Perseguição. Fica em segundo no «Grande Prémio Riopelle» (o primeiro lugar foi para Joaquim Agostinho) e obtém mais dois segundos: quer no Porto-Lisboa, quer na «Volta». Também teve brilhante actuação nas «24 Horas Internacionais de Lisboa», classificando-se na quarta posição. E o nome de Fernando Mendes passa a andar de boca em boca. Não há garoto que monte uma bicicleta que não profira o seu nome, que não sonhe copiar os seus êxitos. A justificar tal popularidade, ele ganha (para o seu já grande «palmarés») o «Circuito das Caldas da Rainha», o «Prémio Riopelle» e o «Prémio Casal», fica em segundo no «Robbially» e no «Nacional de Fundo».

A temporada passada foi má para o grande corredor benfiquista. Apesar de mais umas tantas vitórias (entre elas a repetição dos êxitos anteriores nas Caldas da Rainha, no «Riopelle» e no Porto-Lisboa) muitos dos seus admiradores, até mesmo adeptos do seu glorioso clube, disseram à boca cheia que o consagrado ciclista estava prematuramente «acabado». É que a sua actuação na «Volta a Portugal» não correspondeu a quanto dele se esperava. A ingratidão dos seus admiradores ficou patente no facto de não compreenderem que a representação «leonina», na maior prova do ciclismo português, era demasiado forte em relação à embaixada benfiquista. E que Fernando Mendes cometera um grande suicídio se respondesse (com cerrado ataque) à

defesa que os corredores do Sporting faziam aos seus principais classificados no cimo da tabela. E Fernando Mendes apenas se ia limitando a espreitar uma oportunidade, a «sua» oportunidade: que nunca apareceu. E ninguém compreendia que o maior dos corredores benfiquistas estava doente — de espírito e de físico (ainda nos lembramos da sua triste confissão à partida de Vidago...). Mas os seus admiradores, aqueles que pretendiam intransigentemente que ele superasse Agostinho e seus pares, apodaram-no de tímido de pouco brioso, de profissional que não dava o melhor esforço e de muitas outras coisas mais: e más. E quanto nessa prova ele teve (como teve, na verdade) algum arremedo, logo as más línguas lhe assacavam o uso (proibido) de «doping». Mas, apesar de tudo, Fernando Mendes demonstrou a sua fibra de campeão, classificando-se em terceiro lugar: logo após Agostinho e Bernardino, as maiores figuras da última edição da «Volta».

Este é Fernando Mendes, de quem contamos aqui uma breve história. Fernando Mendes, que este ano parece apostado em demonstrar a todos que não se rende e que, ao contrário do que se propala, não teme o «grande» Joaquim Agostinho. Fernando Mendes que confessou não se encontrar ainda em grande forma, mas que chamou a si os louros da vitória na quase totalidade das provas em que participou e que se prepara agora, para atacar definitivamente o ceptro «voltista» de Agostinho.

Pois este é Fernando Mendes. O homem de quem se fala. O homem em quem o Benfica confia, para dar réplica ao «rei de Brejenjas».

JESUS DA CUNHA

OLIMPIADAS MODERNAS

nhara-a o próprio barão de Coubertin, muito cioso da «sua» fraternidade universal. Conhecem-na decerto, à bandeira: cinco anéis entrelaçados, representando a Europa (a azul), a América (a vermelho), a Ásia (a amarelo), a África (a negro) e a Oceânia (a verde).

Pois, a bandeira no mástrô e rei dos belgas no lugar de honra, as provas principiaram:

«Tudo muito bonito... Só falta o povo». — comentou o monarca. O facto tem sua explicação: os bilhetes começaram por ser caríssimos; foram descedendo, até que chegaram a ser distribuídos «de borla». Cooo é natural, o gráfico dos preços variou na razão inversa da presença de público.

Em termos de público, o futebol foi «desporto-rei». A jo-

gar «em casa», a Bélgica (com uma equipa que se celebrou como sendo a dos «diabos vermelhos») derrotou a Espanha, mesmo com o Zamora à baliza, passou, como gato por bofe, pelos vizinhos holandeses e chegou, à final, com a Checoslováquia. «Golo!!» — um zero dois-zero para os «diabos».

«Rasteira!! Rasteira!!!» E o árbitro a apitar, e uma defesa checa a ser posto na rua, e os seus companheiros, solidários com ele e zangados com o árbitro e público, a seguir: sim foi: medalha de ouro para a Bélgica, por desistência do adversário.

Em Antuérpia, surgiu para a história do desporto o nome de Paavo Nurmi, finlandês e magro, vencedor de três medalhas de ouro, ele só, o maior adversário de toda a representação americana. Outro nome: o do italiano Nedo Nadi, apenas derrotado numa das provas de esgrima. E o de uma criança: Alleen Riggan, miudinha de 13 anos, medalha de ouro nos mergulhos de trampolim.

Dizem os entendidos que os jogos de Antuérpia não correram tão mal como se esperaria, numa Europa mal curada das chagas da guerra.

ANTÓNIO TADEU

Atletismo: história dos três mil metros

Foi precisamente em 1920, nos Jogos de Antuérpia, que se disputou, pela primeira vez nas Olimpíadas, a prova dos 3 mil metros. Percy Hodge (da Inglaterra) foi o vencedor, com 10 minutos, 2 segundos e 4 décimos. Quatro anos depois, em Paris, o finlandês Ritola conseguiu o tempo de 9 minutos, 33 segundos e 6 décimos. Só em 1952, em Helsínquia, se descia para a casa dos oito. Coube a proeza a Ashenfelter (dos Estados Unidos) com 8 minutos, 45 segundos e 4 décimos. O «record» olímpico da prova pertence ao belga Gaston Roelants. Foi estabelecido em Tóquio (1964). Tempo: 8 minutos, 30 segundos e 8 décimos. Curiosidade: nas Olimpíadas do México (as últimas), o etíope Amos Biwott (do Kénia) fez 8 minutos e 51 segundos.

uma boa desculpa
não indemniza prejuízos

UM
SEGURO
NOVO!...

seguro de responsabilidade civil familiar Império

* RC FAMILIAR
IMPÉRIO

O seguro
que paga por si...
...indemnizações!

O chefe de família é responsável: por si e pelos seus. Quer dizer: O Joãozinho partiu o pára-brisas do carro do Sr. Mendes? **Você paga.**

O cão dos miúdos partiu um serviço de cristal da loja do lado? **Você paga.**

A Maria deitou pela janela fora um cinzeiro pesado que estava escondido nas dobras da toalha? **Você paga.**

De repente, pode ter diante de si a indemnização para pagar. Muito grande. Cem contos, duzentos contos, talvez mais. Por danos materiais ou corporais (que são sempre os mais graves). Que fazer?

A Império oferece-lhe um novíssimo seguro que **paga por si** os prejuízos causados. Por si ou por qualquer dos seus familiares, empregados domésticos, animais.

100500 POR ANO — repare bem. **POR ANO** — já chega para adquirir esta garantia.

E para pagar as indemnizações cobertas pelo RC, a esse custo anual — repare bem, **anual** — seriam precisos muito mais de 2700 anos.

Mas a Império faz mais. Oferece-lhe uma edição especial (tiragem limitada), inteiramente grátis e sem compromisso, permitindo-lhe assim estudar e decidir sobre este seguro, em sua casa.

Envie hoje mesmo o cupão (para não se esquecer).

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

*

RC quer apenas dizer Responsabilidade Civil. Juristas de todo o mundo medem a maturidade social através do conceito de Responsabilidade Civil. Uma sociedade em desenvolvimento é aquela em que os conceitos de RC atingem nível cada vez mais elevado.

CUPÃO: Uma boa desculpa não indemniza prejuízos. Recorte, cole num postal e envie à Império Apartado 106 — Lx 2

Nome

Morada

Profissão

Penta

AO BARREIRO E A COIMBRA

O que é a demagogia?

Foram recentemente divulgados (através da Imprensa Diária) dois documentos contraditórios sobre o mesmo caso do foro desportivo: partindo ambos de entidades públicas responsáveis na vida comunitária e que constituem exemplos perfeitos da demagogia com que são apresentados os problemas do espectáculo-comercial-desportivo e da inflação verbal que por aí campeia, num escamoteamento perfeito da realidade, deixando as palavras de ter o seu significado exacto para nos impingirem em seu lugar conceitos e significações que apenas entretêm quem deveria estar bem atento aos seus problemas.

Em reunião da Câmara Municipal de Coimbra, foi aprovada uma proposta do vereador dr. Soares Coimbra, onde entre outros pontos se dizia que «havendo certos sectores da Imprensa divulgado notícias tendenciosas para criar um clima desfavorável à justa apreciação do recurso ultimamente apresentado pela secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra, embora entenda que a Câmara deve aguardar com a maior serenidade o julgamento do referido recurso pelos organismos competentes, em que inteiramente confia», propõe:

— que se manifeste à secção de Futebol da Académica inteiro apoio;

— que este apoio seja levado ao conhecimento do Governo por intermédio do Governador Civil».

Durante a sua intervenção, já o digno vereador solicitara:

— «que se acabe por fazer justiça à A.A.C., mantendo-a no primeiro plano do futebol nacional de que tantos, com fins inconfessáveis, pretendem afastá-la».

Por outro lado, e em reunião efectuada poucos dias antes, já a Câmara Municipal do Barreiro aprovava uma proposta dos vereadores Luís Raimundo dos Santos e Manuel Simões Pereira, aludindo a uma «insidiosa campanha que é movida ao Barreiro através do seu mais representativo clube des-

portivo, no intuito de expoliá-lo do lugar conquistado com todo o brio e pundonor» e propondo concretamente que:

— «por intermédio do Ex.mo Governador Civil se faça sentir ao Governo da Nação da injustiça de que estamos a ser vítimas e, sobretudo, das consequências imprevisíveis a que este processo pode conduzir».

Face a estes dois documentos e uma vez que as Câmaras Municipais se vincularam ao cumprimento do que neles se propõe temos dos governado-

ras nacionais?

4. Quando é que se diz quem pretende afastar e quais são os «fins inconfessáveis», explicando também o que é isso de «fazer justiça à Académica mantendo-a no primeiro plano do futebol nacional» após haver perdido em campo essa regalia?

5. Que noção é essa de «justiça» defendida pelos litigantes e que os leva a tentar influenciar indirectamente os juizes quando o processo segue os seus trâmites regulamentares (está em fase de instrução com audição das partes)?

6. Será que as palavras já não têm o seu verdadeiro significado e com elas se pretende dizer exactamente o contrário do enunciado?

7. Terá a Câmara Municipal do Barreiro apreciado com a mesma celeridade e interesse (fazendo-o seguir as mesmas vias da proposta-futebolística) o documento assinado por 2677 pessoas entregue ao presidente da Câmara no dia 3 do corrente mês de Junho, pedindo solução urgente para o agravamento do custo de vida?

8. Terá a Câmara Municipal do Barreiro apoiado a campanha do ex-presidente do Luso, Augusto Valegas, para a construção do Ginásio da colectividade da semelhança da D.G.D. e da Fundação Gulbenkian, que contribuiram com 200 contos cada qual?

9. Quando é que as nossas Câmaras Municipais trocam as palavras pelos actos (concretos) à semelhança dos Municípios franceses que atribuírem já aos respectivos clubes de futebol profissional, subvenções da ordem dos 45 mil contos (6500 ao Nice, 5000 ao Paris St. Germain, 3750 ao Lille, pagamento integral das despesas ao Mónaco, cobertura de um quarto de orçamento do Nancy, como exemplos mais friantes) sem os revestir da capa falsa do «fomento desportivo» antes justificando a atribuição de verbas como o fez o «maire» de Nantes. «O futebol profissional é uma imagem de marca, um eficaz «slogan» publicitário»?

res civis à porta do Governo da Nação, por causa de o José João se chamar Valtér e de haver sido punido quem de facto prevaricou. Temos dois municípios pedindo justiça no julgamento de um caso corriqueiro do futebol-espectáculo, com as suas regras, as suas técnicas comerciais, a sua moral de competição, as suas leis e os seus juizes para julgar.

E, atendendo a isso, perguntamos apenas:

1. Não terão os governantes outros assuntos mais importantes para tratar?

2. Não terão as Câmaras Municipais outros casos mais urgentes e gerais a apresentar ao Governo?

3. Será «aguardar com a maior serenidade o julgamento e pedir justiça» esta tentativa de pressão sobre os juizes, expressa no facto de se ameaçar levar o caso às mais altas esfe-

Por

DANIEL REIS



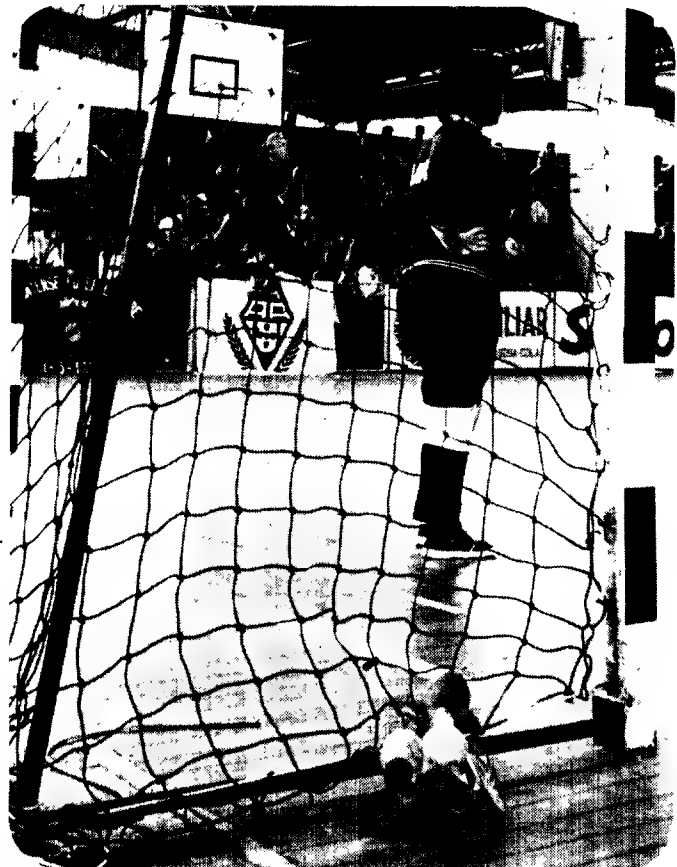
O Barreiro e Coimbra de costas, por causa do futebol! E o espectáculo futebolístico até é bonito, como o prova este lance entre Maigueta e Simões, reunindo em si virtualidades suficientes para o encarmos favoravelmente: sem subterfúgios, sem manifestações e sem demagogias.



Manuela Miranda: a goleadora de Oeiras.



No andebol feminino a beleza ganha novos atractivos



Ana Paula, do Liceu de Oeiras, levou sempre o mascote para traz da baliza.



As raparigas (senhoras) de Almada obrigaram as adversárias de Cascais a prolongamento e à marcação de grandes penalidades: só assim cederam o terceiro lugar.

ANDEBOL

com elegância

Cerca de 270 raparigas de 12 a 18 anos participaram no 1.º Campeonato de Andebol do nosso País. O torneio foi ganho por do Liceu Nacional de Oeiras; que, pelo golo de diferença) a turma da Escola de Lisboa. Através do andebol, a multiponto mais na luta de igualdade de o

«Criar o «dia do andebol» teve como principal objectivo uma maior expansão da modalidade. Numa só jornada conseguimos fazer passar pelo Pavilhão da Ajuda cerca de quatro centenas de atletas, dos dois sexos. Aliás, um dos maiores atractivos deste dia foi a inclusão de equipas femininas, na final de um torneio «tipo experiência» que em boa hora resolvemos levar a efeito.»

Alberto Carlos Monteiro (presidente da Associação de Andebol de Lisboa) apseava no Pavilhão da Ajuda com um sorriso de satisfação estampado no rosto. Para além do entusiasmo que dominou cada jogo, nas bancadas houve sempre a presença importante de um público anónimo e vibrante: que sublinhou com o seu aplauso uma iniciativa inédita e de larga projecção.

Desde as 10 horas da manhã até depois das 23, o Pavilhão Gimnodesportivo da Ajuda foi cenário de 13 jogos de andebol de diversas categorias, tendo-se realizado, inclusive, a final do Campeonato feminino entre o Liceu de Oeiras e a Escola de Educação Física de Lisboa. A propósito deste torneio, acrescentou-nos o presidente da Associação:

«A direcção associativa resolveu este ano dar o indispensável arranque ao andebol feminino. Por isso convidámos as escolas e os clubes com possibilidades de participar a inscreverem-se: conseguimos um número razoável (18 no total) e o torneio realizou-se. De notar: o entusiasmo das moças pela modalidade, numa demonstração cabal do interesse que pode despertar no elemento feminino a prática de uma modalidade como o andebol».

E verdade que sim: o entusiasmo foi tanto que alguns atletas, para melhor se integrem no espírito da modalidade, se inscreveram num curso de arbitragem conforme o «DL» noticiou na altura própria. A

BOL as

As de escolas ou clubes terminaram de Andebol Feminino realizado no ganho pela equipa representativa as; que, na final, venceu por um da Escola de Educação Física de a mulher acaba de conquistar um ade de direitos.

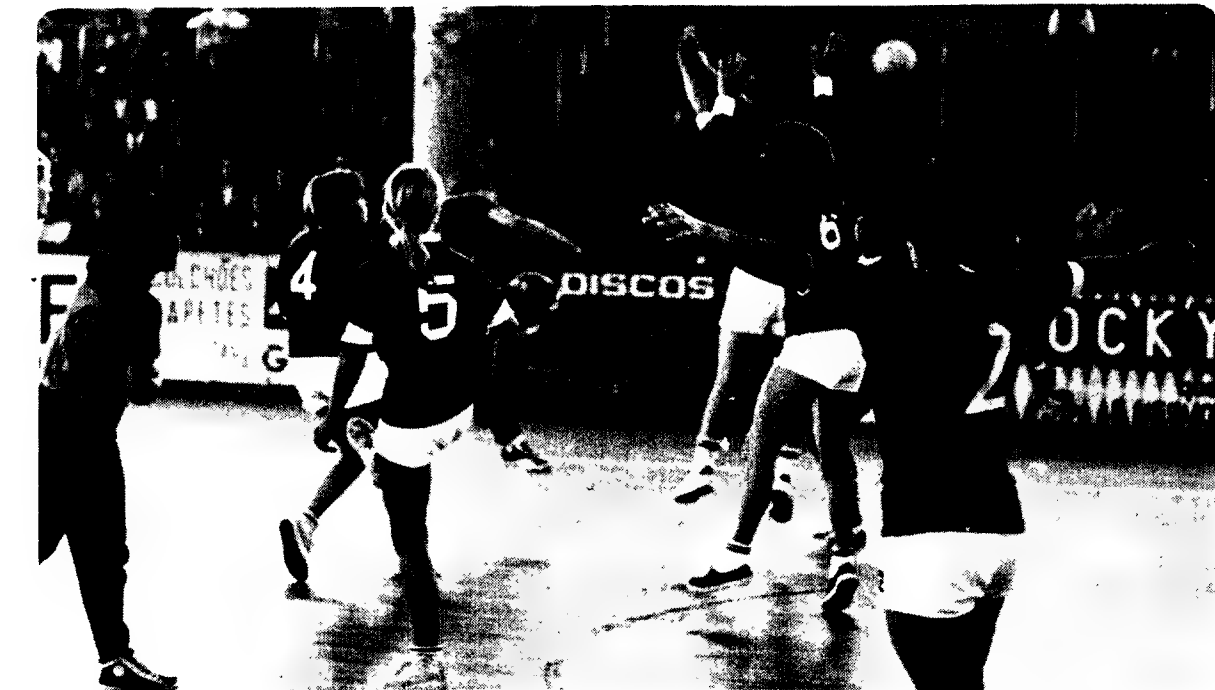
tal cara bonita que então mostrámos aos nossos leitores, lá estava: nervosa mas sempre linda, na baliza da turma da Escola de Educação Física. Os mesmos olhos de um azul deslumbrante, cabelo mais escuro e com a mão direita «em obras»:

«Estou bastante nervosa neste encontro final. Bem sei que vencemos todos os jogos anteriores com relativa facilidade. Mas este sempre é uma final. Por isso estou preocupada, pois era «giro» ganharmos este primeiro torneio. Além disso, tenho a mão direita magoada: o que (naturalmente) me

Texto de
ORLANDO DIAS AGUDO
Fotos de
ROBO PIMENTEL JOR.
e
ANTONIO CAPELA

inferioriza. Mas estou confiante. Só quando o jogo principiar é que o nervoso se irá emborara.»

Veio o despique e as coisas começaram mal para a Maria San Pedro: as moças do Liceu de Oeiras mostraram-se bastante mais fortes do que seria de esperar: e os golos foram-se somando na baliza. San Pedro não fez o «milagre»: e ao fim da primeira parte o Liceu de Oeiras vencia por 5-2. Manuela Miranda, com o número 3 colado nas costas, era ponta de espada nas esperanças das futuras professoras de educação física. Depois, na segunda parte, as coisas endireitaram-se um pouco: as moças da Cruz Quebrada conseguiram equilibrar o marca-



Aí está Manuela a rematar: San Pedro mostrar-se-à impotente e novo golo irá engordar o pecúlio das moças de Oeiras.

dor, mas a vitória viria a pertencer às alunas de Oeiras por 9-8. Todavia, é de salientar o entusiasmo das jogadoras de ambas as equipas, preocupadas em jogar o jogo pelo jogo, esquecidas dos truques que costumam semear os jogos entre «vedetas» masculinas.

Matos Moura, o seleccionador nacional, foi um dos espectadores mais atentos, entusiasmado com o aspecto das bancadas e com a vibração que transbordava do rectângulo de jogo para os espectadores. Confessou-nos:

«Acho estupenda esta ideia de fazer o «dia do andebol». O que seria de desejar era que se levassem a efeito outros dias iguais a este, pois se isso fosse por diante tenho a certeza de que a juventude responderia com a sua presença. Se não, veja o aspecto das bancadas: recheadas de uma garotada entusiasta e vibrante, numa demonstração do muito interesse que lhe desperta estas iniciativas. Sobre o andebol feminino, pois sempre lhe digo que gosto de ver: é andebol e está tudo dito. Com elas lá dentro, o jogo ganha ainda maior beleza: e há aqui algumas jovens com capacidade para vingarem na modalidade.»

Voltemos, no entanto, à dona dos olhos azuis, San Pedro de seu nome, que foi infeliz no último jogo do torneio:

«O andebol sempre foi a modalidade desportiva que mais me apaixonou. Desde o Liceu que gosto do andebol e agora ainda mais. Não penso que seja uma modalidade que deva ser praticada apenas por homens. Acho que tudo quanto um homem faz pode e deve ser feito pela mulher. Ora se o homem pratica o andebol, porque motivo uma mulher o não deve praticar? Quando acabar o meu cur-

so — e julgo que será este ano — a modalidade pode contar com uma propagandista mais: vou ensinar às minhas alunas tudo quanto de bom o andebol possui. Esta temporada, no campeonato feminino, entraram 18 equipas: para o ano esse número vai decerto aumentar. E assim irá acontecer nas próximas épocas. Estou convencida de que a mulher, mais propriamente a jovem mulher, em idade escolar, vai abraçar esta iniciativa com ambas as mãos: para a não deixar morrer. Sou do andebol e pelo andebol.»

Para as interessadas: na Associação, foram estabelecidas três categorias (infantis, iniciadas e senhoras). A primeira abrange as praticantes dos 10 aos 12 anos. A segunda, as jovens dos 12 aos 14 anos: sendo consideradas senhoras todas as atletas com 15 ou mais anos. E nesta categoria que o Liceu Nacional de Oeiras ficou campeão, fazendo alinhar as seguintes atletas: Ana Paula Cordeiro (a guarda-redes que se fez sempre acompanhar de um mascote que poisava atrás da baliza) Manuela Miranda a goleadora e dona de um remate fortíssimo, talvez o Brito «delas», Maria da Conceição Miranda (irmã desta, mas com outras características), Tereza Gago, Fernanda Barbosa, Lisebeth (que veio da Holanda para estudar e jogar no nosso País), Célia Candeias e Fernanda Margarido. São estas as campeãs, mas será justo divulgar igualmente os nomes das outras finalistas, aquelas que souberam valorizar o triunfo: San Pedro, Mariana, Ruth, Paula, Adriana, Ana Maria, Alice, Aida, Fernanda Seabra, Rosa, Riri e Graça.

Andebol com elas: aquela graça tão especial numa modalidade já de si graciosa e entusiasta. Prá frente, raparigas!



Alberto Carlos Monteiro: um presidente satisfeito



Embora vencida, a turma da Escola de Educação Física nunca deixou de tentar o golo. Aqui está um remate que pecou por excessivamente alto.



Nem os cabelos nos olhos preocupam a atleta: quando um título está em jogo, não há cabelos compridos que atrapalhem



A bola saiu como uma bala das mãos de Manuela: só que desta vez a barreira estava atenta.



Andebol com elas ou elas no andebol: há atenção, há expectativa, há nervoso com unhas ruidas, há destreza e também ansieda-

de. Tudo isto num guarda-redes que é (também) árbitro da modalidade.



Um lutador de sumo lança um punhado de sal para o ringue antes de o combate começar. Diz-se que o sal purifica o ringue e evita que o contendor seja ferido. À esquerda pode-se ver o árbitro

SUMO

DESPORTO NA AGONIA

TÓQUIO — As coisas não vão bem para os entusiastas japoneses do sumo. Taiho, o mais famoso campeão de todos os tempos, abandonou as competições. Tamanoumi, que se esperava ocupasse o seu lugar como «super estrela» reinante deste antigo desporto, morreu há alguns meses, por um ataque cardíaco, após ter sido submetido a uma vulgar operação ao apêndice. Por último, Kitanofuji, o último grande campeão, teve uma actuação tão decepcionante na mais recente competição, realizada em Fevereiro, que se retirou dois dias antes de a prova terminar alegando não se encontrar em boas condições físicas. Caso insista nesta tática, é muito possível que o público exija o seu afastamento.

Tudo isto significa que o sumo, desporto-ritual, que fez parte da vida japonesa durante mais de mil anos, corre o risco de se encontrar sem praticantes à altura das suas tradições. Receia-se que as competições futuras se transformem, tal como aconteceu com a última, em batalhas «ao alcance de todos», travadas entre praticantes menos qualificados. Tochiazuma, que venceu a competição de Janeiro (realizam-se seis torneios por ano,

cada um dos quais com a duração de 15 dias), alcançou 11 vitórias e sofreu 4 derrotas, o que constitui o pior resultado desde que as competições tiveram início há mais de 20 anos.

Por outro lado, se a competição tivesse chegado ao fim, seria possível que se verificasse um empate entre sete dos contendores, facto que obrigaria ao mais complexo combate decisivo na história deste desporto. Para maior desgosto dos

foi o mais dispendioso de toda a história do Japão (83000 dólares, cerca de 2300 contos) tendo registado a presença de 1300 pessoas, incluindo parentes do imperador.

O desporto é rigidamente controlado pela Associação de Sumo (dirigida por antigos lutadores que organiza as competições. Todos os lutadores pertencem a grupos locais, que se encarregam de descobrir os jovens com qualidades e lhes proporcionam casa, alimentação e treino durante vários anos, até que eles se encontrem aptos para tomarem parte numa competição.

Existe também uma liga menos importante, a qual organiza torneios na manhã dos dias da competição principal — que se realiza ao fim da tarde — e, ao todo, existem cerca de 800 sumoístas profissionais.

Muitos dos campeões são provenientes da ilha de Hokkaido. Grande número pertence a famílias pobres. Há quem afirme que as crianças naturais daquela ilha do norte do Japão desenvolvem quadris fortes, indispensáveis para se ser bem sucedido no desporto, caminhando através da neve quando esta atinge considerável altura. Diz-se (também) que o tempo é menos propício para o **baseball**, o qual goza de maior popularidade nas grandes cidades do sul.

Não existem categorias de acordo com os pesos e, por vezes lutadores que atingem os 180 quilos defrontam pesos-leves de 100 a 104 quilos. Para manter este peso torna-se necessário ingerir enormes quantidades de comida. O prato mais popular é o **chankana-be**, que consiste num guizado de peixe, aves, carne de boi, vaca ou porco, ovos, vegetais, açúcar, molho de soja e tudo o mais que se encontrar à mão.

Vêm depois as bebidas alcoólicas. **Sake**, o vinho nacional à base de arroz, bem como a cerveja, são consumidos em quantidades espantosas.

Quando a Associação de Sumo fez uma digressão pela Austrália, um jogador de rúgbi desafiou Taiho para um torneio de bebedores de cerveja. Quando o australiano desistiu, após a sua 35.ª garrafa, Taiho já ia na 60.ª

Todavia, parece que este pe-

Por
RON RAPOPORT
«The Los Angeles
Time»/«DL»

adeptos, Tochiazuma entrou na competição com a categoria relativamente baixa de **Mae-gashira**. A sua vitória foi, portanto, motivo de embaraço para todos os lutadores mais altamente classificados.

«As coisas não vão bem para o sumo», lamentou-se um americano que vive em Tóquio, o qual, como tem acontecido a muita gente, se tornou um entusiasta deste desporto, muito embora tenhamos de admitir que o combate propriamente dito não dura muito, ao passo que a preparação é afluente e longa.

«Ninguém pode ser promovido a yokozuna (grande campeão) durante, pelo menos, 15 meses. O desporto, porém, perde interesse sem o prestígio dos campeões» — comenta-se publicamente.

O sumo, celebrado na lenda japonesa, teve origem na oração em que se implorava uma colheita abundante. Nos últimos anos, porém, cedeu o lugar como desporto mais popular do país ao **baseball** americano.

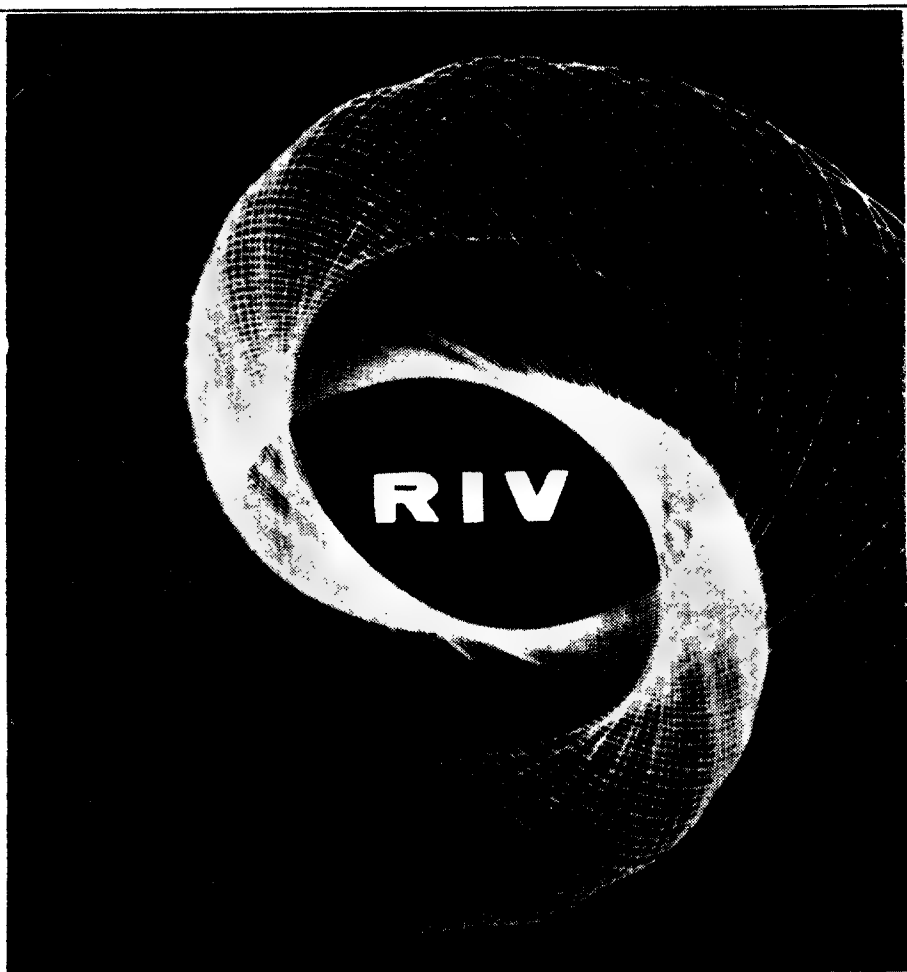
Apesar de tudo, o sumo é acompanhado com enorme interesse na televisão, os jovens participam em competições e os próprios lutadores são heróis nacionais. Quando o grande campeão Taiho se casou, por exemplo, o seu matrimónio

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

CASAMENTO

Cav. cego, novo, solt., culto e sério, muito educado, c/ alguns meios e casa posta. Deseja p/ fins matrimoniais senhora de 30 a 38 a., pobre que viva necessitada e honesta. Trata-se de assunto sério. Resp. a este jornal ao n.º 577.



rolamentos

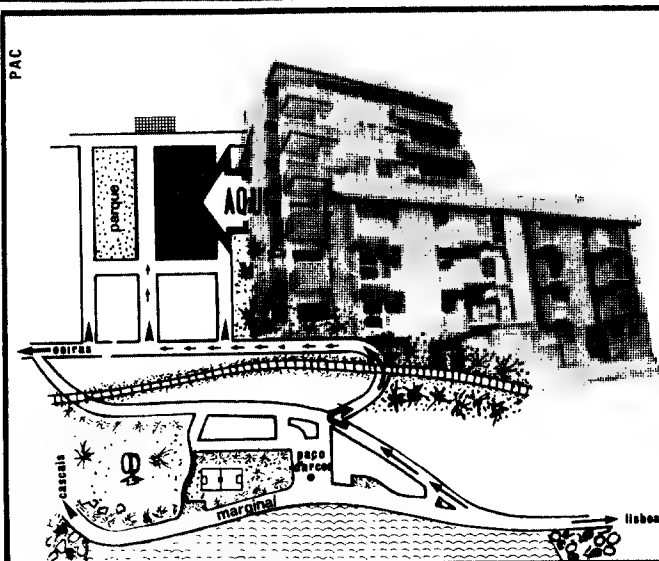
■60 anos de experiência
na produção de rolamentos
de todos os tipos e dimensões

■um produto de alta qualidade
que satisfaz a técnica mais avançada



AUTO~LUSITANIA

AV.ª DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA



Acima da zona de excessiva humidade marítima num planalto arejado e alegre onde não existem ruídos e poluição, pode ter a SUA CASA que sendo andar, mais parece moradia de excepção construção e acabamentos primorosos.

ANDARES (LUXO) PRONTOS PARA ENTREGA
ANDARES (MÉDIOS) EM ACABAMENTO
ANDARES A INICIAR

DE 230 A 1.200 CONTOS
PAÇO DE ARCOS — OIRAS — LISBOA

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES **barreiros & duque, lda.**

Rua Pascoal de Melo, 7, 2.º - Fr. Esq.º Tel. 48997
LISBOA - 1

so se perde facilmente quando a carreira de **sumoista** — e de grande comedor — chega ao seu termo. Os membros e árbitros que praticaram anteriormente o desporto (praticamente todos eles o fizeram numa ou noutra categoria) parecem ter emagrecido sensivelmente.

Os combates começam com muita pompa e cerimónia e culminam num momento de acção que pode terminar num abrir e fechar de olhos. Raramente duram mais de um minuto.

Os lutadores batem palmas (para chamarem a atenção dos deuses), viram as palmas das mãos para cima (para mostram que não têm armas escondidas), batem primeiro com uma perna, e lançam sal de caixas que se encontram perto (a fim de purificarem o ringue e evitarem os ferimentos).

Depois, acham-se na posição convencional e olham fixamente um para o outro. O combate está porém longe de começar. Levantam-se, lançam mais sal e repetem o processo, tentando influenciar-se psicologicamente. Esta fase pode durar quatro minutos (houve tempo em que não existia qualquer limite e o processo de influenciar psicologicamente, chamado **shikiri**, podia continuar indefinidamente), após o que o árbitro ordena o começo do combate.

Regra geral, a peleja termina dentro de alguns segundos.

No ataque inicial (**tachiai**), um dos contendores lançará o outro para fora do ringue ou o adversário evitá-lo-á e aproveitará o impulso para o derrubar. Logo que um dos lutadores toca o chão com qualquer parte do corpo (excluindo a planta do pé) ou sai fora do ringue, que tem cerca de 4,6 de diâmetro, o combate termina.

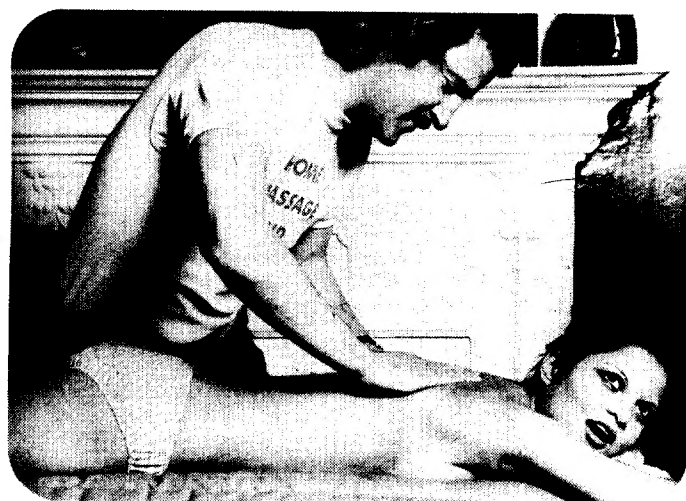
Todos os entusiastas do **sumo** aguardam agora com ansiedade o aparecimento de um novo campeão capaz de restituir a este antigo desporto o prestígio que parece ter perdido.



Início da massagem à espinha

MÃOS DE OURO

MASSAGISTA AO TRABALHO



As mãos em firme movimento massajante, ao longo de cada lado da coluna vertebral



Mãos no pescoço, massajando ainda a espinha

Sobretudo entre a digna classe média inglesa, vai sendo afirmada a opinião de que não há nada como a massagem para alívio de muitas dores e tensões.

Dai, talvez a verdadeira escalada sócio-profissional da igualmente digna classe massagista. Ao trabalho, um ilustre representante deste último bloco: Eddie Stacey, de seu nome. A ser «trabalhada», uma actriz francesa: de seu nome, Françoise Pascal.



Do tornozelo ao joelho, com massagem pela barriga da perna



Pulso agarrado, para massagem do cotovelo



Estes são os espanhóis mais bem classificados no «giro»: tendo como fundo a catedral de Milão, reconhecem-se (da esquerda para a direita) Lopez Carril, Miguel Lasa, Francisco Galdós, José Pesarrodona, Domingo Perurena e José Manuel Fuente



Eddy Merckx continua imbatível: no «giro», alcançou a sua terceira vitória com substancial avanço sobre os mais directos adversários. Ele continua a ser o maior, sendo urgente «inventar» um nome que traga incerteza às provas onde está presente o campiãoíssimo



sem se esforçou Fuente para anular os cinco minutos e meio de vantagem de Merckx. Mas o seu esforço foi inglório, pois o campeão belga não permitiu «aventuras»

MERCKX E OS OUTROS



José Manuel Fuente parece espantado: tanto esforço tanto sacrifício para nada: Merckx continua a ser o «rei» das provas em que participa, começando-se a considerar o segundo lugar o mais difícil de alcançar. É essa a satisfação do campeão espanhol

QUADROS

de Pintores Portugueses, como: tais como Eduardo Viana, Mário Eloy, Júlio Pomar, Carlos Botelho, Jorge Barradas, António Carneiro.

Vou ver as obras A CASA. Tratar Tel. 531045.

PROBLEMAS DE MANUTENÇÃO

Somos especialistas em manutenção de todo o tipo de indústria. Exponha-nos o seu problema e nós resolvê-lo-emos.

Resposta a este Jornal ao n.º 573.

CLUBE DE FUTEBOL BENFICA

UMA LUTA SEM HORIZONTES

Acompanhando quase toda a parte norte do Parque Silva Pardo (vulgarmente denominado Mata de Benfica), em terreno vedado — e tendo sobranceira a desenvolvida freguesia da Damaia — existem um campo e um rinque. Modesto embora, a verdade é que (qualquer que seja a hora do dia e jornada de trabalho ou de descanso) essas instalações são sempre ocupadas com gente que, entusiasticamente, se dedica às mais variadas práticas desportivas.

O autêntico corropio que se verifica ali foi razão para um contacto directo junto do Clube de Futebol Benfica, a colectividade que utiliza esse terreno de jogos. Ficámos (então) com a noção de que nesse clube situado quase junto às Portas de Benfica, mora a fé, a esperança e (paradoxalmente) a desilusão.

A desilusão (patente principalmente no Corpo Directivo) percebemo-la. A fé e a esperança, essas, francamente, não entendemos. E que, ainda hoje, não acreditamos no tão apregoado altruísmo humano...

Tem a freguesia de Benfica cerca de 50 mil habitantes. Mas o clube que deveria ser, pela sua antiguidade na zona, o mais representativo do bairro (o «Fó-Fó», como vulgarmente é designado por simpatizantes e adversários), conta apenas com 600 associados, os quais deixam na Tesouraria (?) cerca de 85 contos anuais. Como pode uma colectividade prefazer, com tão magra soma, os seus anseios em prol do Desporto? Evidentemente que todos poderemos aperceber-nos da razão de tal vivência. Primeiro, porque, infelizmente, a noção que se tem de Desporto é toda ela canalizada para o Futebol, modalidade em que o clube nunca pôde arranjar situação de destaque. Segundo, porque mora ali perto, mas como vizinho muito recente, o Sport Lisboa e Benfica: para o qual se transportam, compreensivelmente, os interesses das gentes da região (e não só, claro).

Difícil (portanto) na circunstância, a vida do Clube de Futebol Benfica. Que tem pouco dinheiro. E que teve de arcar, no espaço que medeou entre Junho do ano passado e Março último, com despesas no valor de 230 contos (180 para o futebol, 30 para o hóquei em patins e 20 para o hóquei em campo). Que tem, mensalmente, a despesa fixa de seis contos para remunerações várias. Uma sede social (por onde passaram grandes nomes do desportar nacional) constantemente dá receita negativa. Enfim: uma colectividade que, muito recentemente, teve de desembolsar, para melhoria do seu parque de jogos, mais 124 contos.

Perante tal situação monetária (de aspectos tão flagrantemente negativos) cabe perguntar: como pode o Clube de Futebol Benfica abalançar-se à construção de um pavilhão gimnodesportivo no valor de nove mil contos? Mais ainda: Merecerá a população de Ben-

fica (e das regiões limítrofes que podem vir a obter as benesses inerentes a tal obra) o sacrifício que se propõe fazer essa colectividade modesta que é o «Fó-Fó»?

E aqui reside o auto de fé e de esperança da pequena família futebol-benfiquista. Todos acreditam (desde os garotos mais miúdos aos responsáveis com quem conver-

samos) que a obra magnífica não tardará a transportar-se do «croquis» gisado no papel para a realidade de plena utilização. Mas, esta obra tem uma história.

UMA LUTA QUOTIDIANA

A ideia de um pavilhão onde os atletas da colectividade pudessem (em pleno) recolher as

Hóquei em campo é a modalidade-base do Clube de Futebol Benfica. Um «palmarés» autenticamente invejável: 26 vezes campeão lisboeta em seniores, 20 na categoria de reservas e 4 em juniores; cinco títulos nacionais de seniores e dois em formações juniores; dezenas de atletas na lista dos seleccionados por Lisboa ou Portugal — tudo a atestar um proficiente trabalho em prol da modalidade. Por seu turno, o «Fó-Fó» já esteve presente em torneios disputados além-fronteiras: destacam-se as vitórias em Vigo (1949 e 1960), Madrid (1965) e Marrocos (1968), sem excluir as várias intervenções nos certames de Gibraltar, La Baule e Bruxelas.

benesses do desporto, surgiu há quatro anos. Mas a construção do corpo de cabinas do campo e o prolongamento da

bancada eram assunto mais urgente a tratar: e o pavilhão ficou protelado. Mais tarde voltou-se ao assunto. Fez-se o projecto da obra, com dimensionamento nas necessidades da colectividade. O seu custo estaria na ordem dos 1500 contos. Tal projecto foi reprovado pela Câmara, com a alegação de que se tratava de um «baracão»: e a edilidade propôs que se fizesse um novo projecto, agora de um pavilhão polivalente, prometendo para a obra a sua ajuda. Assim se fez e o novo projecto foi aprovado. Nove mil contos seria o custo da obra, idealizada pelo arquitecto António de Carvalho e desenhada por Francisco Valadas (ambos os trabalhos feitos a título gracioso). A licença para a obra (no valor de 25 contos) foi paga pelo clube, que no ano passado recebeu 400 contos da edilidade.

Em segundo contacto com o município lisboeta, foi prometido que este pagaria os «tosc» e a cobertura do pavilhão (5200 contos). Mas de promessas não se passou até agora: apesar de os dirigentes do Futebol Benfica tudo tentarem para iniciar a construção da grande obra.

De qualquer forma, o Futebol Benfica terá de arranjar qualquer coisa como 3200 contos: já que da transacção recente do defesa Artur para o Benfica os dirigentes de colectividade puseram de parte 200 mil escudos para a obra e tiveram de utilizar outros 125 na solução de assuntos de carácter urgente. E mais dinheiro não há. Mas o pavilhão tem de ser construído — um caso de fé. Espera-se (agora) que a Junta de Freguesia e o Fundo do Fomento Desportivo contribuam em escala que permita o levantamento desse edifício de sonho — um caso de esperança. E, para pagamento integral da construção pensam os dirigentes da colectividade que a zona populacional de Benfica aderirá à campanha de aumento substancial de sócios: já que precisamente para esse mesmo público se pretende que o edifício gimnodesportivo venha a ser de utilização constante.

Mas a desilusão mora no futebol Benfica. E que a experiência da vida dá a todos grandes ensinamentos. E sabe-se da resposta (negativa a todos os títulos) que o povo de região de Benfica deu quando de uma campanha (feita ainda não há muito) para que a família do clube fosse aumentada. E teme-se (disso nos apercebemos muito embora não nos houvesse dito...) que a resposta que se pretende agora venha a ter o mesmo símbolo...

Clube de Futebol Benfica: que não merece viver no alheamento de cerca de cinquenta



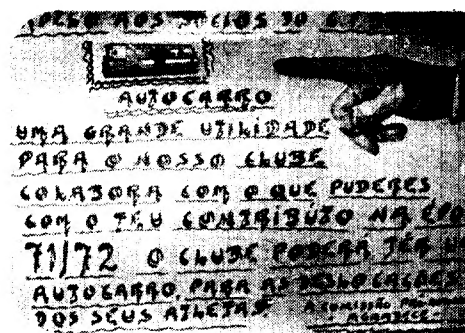
O cofre-património de muitos sonhos

mil pessoas que residem por ali. O clube que deveria ser o mais representativo do bairro: e que apenas conta com 600 associados. Que não tem dinheiro: mas pretende servir o Desporto e facultar a sua prática à gente que mora na sua

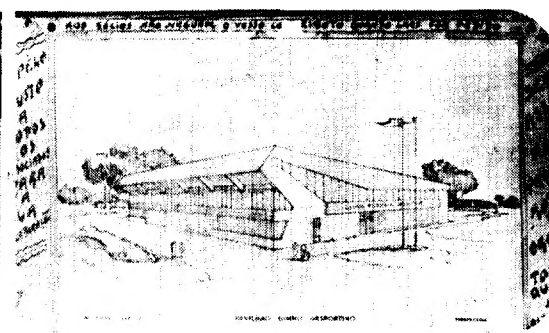
vizinhança, construindo um pavilhão gimnodesportivo que custará nove mil contos.

Clube de Futebol Benfica: que dá bastante mais do que recebe. Que continua de pé graças à «carolice» de uns tan-

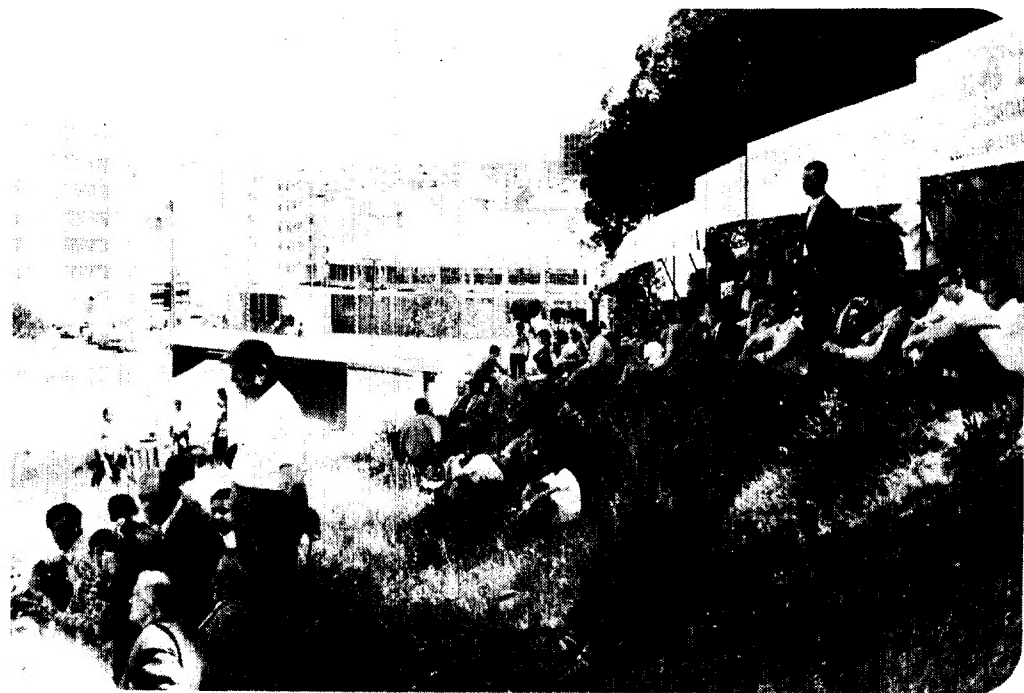
tos e que (temos quase a certeza disso) nunca conseguirá vir a obter lucros de quantos, conhecedores da obra que se pretende pôr de pé, estão à espera de tudo receber sem anda querer dar...



Autocarro e pavilhão: as próximas metas



A equipa de hóquei em campo que triunfou no 27.º campeonato de Lisboa



Terra e ervas: o «peão», onde se acolhem do sol os entusiastas mais constantes



Desde o secretário-geral do clube ao empregado de campo (passando pela turma juvenil de futebol) toda a gente trabalha, aos domingos, no campo «Francisco Lázaro». Mal termina um desafio de hóquei logo principia uma «pelada» de futebol; e vira de roda, para voltar à primeira forma.



Os futebolistas juniores do clube atingiram a fase decisiva do campeonato regional da segunda divisão



E há sempre um sorriso de mulher que torna feliz a rapaziada



Silvino Pereira, director de campo: «A maior receita é sempre o resultado do que cada um dá à entrada do campo, por livre vontade»



Sobretudo, o Clube de Futebol Benfica é um baluarte do hóquei em campo: aqui temos os juniores, continuadores das proezas dos famosos manos Serpa

CURSOS DE FÉRIAS

Todos os dias, nesta altura do ano, os meios informativos divulgam novos ciclos de aprendizagem e aperfeiçoamento, que se destinam às várias camadas de trabalhadores do País. São, se não estou em erro, os chamadas «cursos de férias». O valor e utilidade destes cursos não está em causa: e, se estivesse, também não seria de minha responsabilidade. O que está isso sim é o padrão dos que são aplicados ao Desporto, tal como sugeri nestas colunas, (embora a ideia não fosse minha) em relação aos monitores de educação física.

Pois o nosso Desporto, não

rem não será surpresa. Eles sabem, por experiência própria, que as oportunidades não aparecem todos os dias. Deles (Fernando Mendes, Joaquim Andrade, José Pereira, Leonel Miranda e Firmino Bernardino, já que Joaquim Agostinho pela sua categoria internacional não deve ser aqui chamado) espera-se uma boa nota das suas, possibilidades como «cursistas». Especialmente de Joaquim Andrade, para quem o «champagne» (segundo ele disse há tempos) é o melhor «doping». Pois bem: ele está na terra do «seu» melhor «doping»...

O automobilismo de que di-

Por LÍDIA FARIA

RECORDISTA
INTERNACIONAL
DE ATLETISMO



estando em férias, mas no período delas, parece-me frequentar um desses cursos. Salvo o futebol, modalidade em que estamos ao nível dos melhores, o resto é quase só paisagem. Por isso lá estão os portugueses por fora, nos «cursos de verão»...

Em Espanha, o atletismo (feminino e masculino) foi bem uma verdadeira amostra do nosso valor actual. E lembrar-me eu que há meia dúzia de anos ainda, com muita garra, os nossos rapazes competiam de igual para igual com os nossos vizinhos... Isto para não falar das nossas raparigas; que por essa altura chegavam e sobravam (a nível ibérico) para a maioria das especialidades. Foi mais um «curso», valorizado pela presença de outros países, a que só teremos de dar continuidade. Sempre se aprende alguma coisa, embora a lição seja «difícil», especialmente em função do brio que é indispensável cada atleta demonstrar em face da superioridade alheia.

O ciclismo, com alguns dos seus melhores valores, está em «cursos» por algumas das pátrias (Bélgica, Suíça e França) onde a modalidade, internacionalmente, tem valores e créditos reconhecidos. Dos portugueses presentes, só Joaquim Agostinho poderá ser mestre de quem o desejar. Salvo do mestre dos mestres: de Merckx. Dos outros nossos ciclistas, na esperança de saírem do apagado meio em que se encontram, qualquer tentativa para brilha-

zem a Inglaterra ser pátria, vai conhecer nova dimensão entre nós: a inauguração do Autódromo do Estoril abre belas perspectivas à aliciente modalidade - espectáculo. Com esta inovação, talvez acabem também os tão falados «cursos» de pilotagem nas ruas. Haverá (e para quem quiser) um «curso de férias» a sério.

E por último: em férias está o futebol. Está de férias no Brasil e sem esperar por algum curso, mesmo na terra de um tri-campeão mundial, como é o caso, único (se não estou em erro) do Brasil. Do país irmão, José Augusto e os seus rapazes podem (talvez) trazer a reabilitação de que o nosso futebol está necessitado. Otto Glória, para quem de coração a nacionalidade dupla já não será uma novidade, bem pode, se desejar, dar um passo para o seu regresso a Portugal. Se a vitória final nos Meirim (e não quero copiar o Meirim, não porque o não admire)... talvez para o Mundial de 1974 a porta fique já entreaberta para um secretário-técnico trabalhar ao lado do Zé Augusto. A todas e todos, desportistas em geral, a quem estas linhas possam interessar, desejo-vos (lá fora ou cá dentro) o melhor aproveitamento para o vosso «curso de férias». Tentemos, agora que celebramos o quarto centenário de Camões, fazer parte da alma lusitana do imortal poeta: que também em seu tempo não conheceu fortuna nem glória. Mas lutou sempre...

Seleccção já fez exame de saúde

O que preocupa as pessoas deste País?

A inflação?

Não senhor: se Eusébio está com o pé afinado.

A poluição?

Nada disso: se Zé Gato não come golos.

O Vietname?

Nem por sombras: se Dinis faz golos.

É uma verdade, risinha ou triste, aqui como em qualquer lado do planeta. Desporto, seja futebol ou corrida sobre cinza, ciclismo ou boxe, logo desbancas das primeiras páginas dos jornais, das falas mais entusiásticas da Rádio, das imagens mais sortidas da Televisão, discurso, proclamação, brado de protesto.

No Brasil.

Quando o tri cantou no poleiro.

Na Alemanha.

Quando Müller chutou os belgas do caminho e abriu espaço até ao Estádio de Heysel, em Bruxelas.

Na América.

Mal Frazier ou Clay começam a arreganhar o dente.

de PRAÇA
a PRAÇA

NEVES DE SOUSA



Na Rússia.

Se é ano olímpico.

E, ao que nos consta, até na China isto está a suceder: um tipo qualquer que por lá salta muito em altura logo atirou para as urtigas a doença do venerando Mao.

Quer dizer que o mal (se existe) não é privilégio, dos subdesenvolvidos, dos alienados. Porque numa visita de Nixon a Pequim teve mais espectadores do que o pulo do Flossbury, nem a morte do romântico Windsor interessou mais os britânicos do que a renúncia do irreverente e traquinas Best.

Quer dizer que a epidemia está generalizada. Porque a França até faz inquéritos de

Parlamento ao Governo que falhou na luta pelas medalhas dos cinco anéis. E a Alemanha de Leste promove com muitos galões os pequenos heróis do «tartan». E a Bélgica enche o peito de ar cada vez que Merckx dá uma sapatada mais forte. E a Holanda não tem vergonha de andar com os ajaxes ao colo. E a Itália, símbolo de toda uma democrática-democracia, de todo um social-socialismo, veste luto nacional só porque o Inter falhou um golo.

E fica-se nas tintas para as eleições.

Então, porque nos censuram?

O esquema está mal feito?

Óptimo. Apareça



Eusébio: nunca um médio, sempre um goleador

quem o mude. Mas, não apenas aqui. Também em Tóquio, em Moscovo, em Viena, em Londres, em Copenhague.

Não apontem erros

ao Brasil, porque a favela esquece tudo o mais na hora de Tostão receber o passe de Gerson. Não digam mal de Nova Iorque, só porque Harlém foi em peso ver Cassius dar uns murros noutro parceiro de côr. Não chamem de frívola a França de Pigeon e Poulidor: os Curie sempre receberam aplausos do mesmo Povo de Bobet, Besson, Anquetil, Ben Barrek e Da Rui.

E até Hitler e Mussolini jogaram no Desporto para se qualificarem. Como (afinal) fizeram na Rússia em relação a Igor Netto e Iachine. Na Checoslováquia quando Zatopek era uma locomotiva. Nas terras dos Nurni, nos palnaltos do Quénia, nas estepes da

australiana que nada mais que todas. A Frazierzinha.

Verinha: ídolo checo.

Kiki: vedetinha tricolor.

Os Pelés de suas terras.

Por falar em Pelé, sai futebol do embrulho. Foge Eusébio para a máquina de escrever. Era aqui que queríamos chegar: depois do exame de saúde (Equador e Pérsia) quem trava Portugal na corrida para o colosso do Rio?

E quem segura os portugueses de se agarrarem ao Rádio, de esgotarem os jornais, de interrogarem a Televisão?

Será o Vietname, a inflação, a poluição, o Nixon e o Brejnev?



Nenê e Jordão: os alegres compadres da selecção

**GRANDE CAMPANHA
DE CARROS USADOS**

AUTO EDUARDO COSTA

Rua de Campolide, 27-B

Telef. 685080/81